



Nora Roberts

O Retorno de
Rafe MacKade

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



O RETORNO DE RAFE MACKADE

The Return Of Rafe MacKade

Nora Roberts

Os Irmãos MacKade — Livro 1

Após dez anos, Rafe MacKade retorna a Antietam, sua cidade natal. O rapaz rebelde, sexy e irresistível tornou-se um homem de sucesso, com dinheiro no bolso e muitos planos para o futuro. Para começar, acabara de realizar seu grande sonho: comprar a antiga Mansão Barlow. Considerada uma casa mal-assombrada, Rafe planeja restaurá-la nos mínimos detalhes: estrutura, pintura e, principalmente, decoração de época. Para essa tarefa, conta com a ajuda da bela Regan Bishop, dona de um antiquário local e tão rebelde quanto Rafe.

Além de contratar os serviços de Regan, Rafe também está muito interessado em arrumar espaço em sua

vida atribulada para mais um desafio: conquistar aquela mulher arredia. Mas Regan não está disposta a ceder aos caprichos de um homem pecaminosamente lindo. Ainda que esteja se apaixonando por ele...

O retorno de Rafe MacKade é o primeiro livro da saga inédita Os Irmãos MacKade, uma das séries de maior sucesso de Nora Roberts, lançada agora no Brasil pela Harlequin Books.

Copyright © 1995 by Nora Roberts
Originalmente publicado em 1995 por
Silhouette Intimate Moments
Título original: THE RETURN OF RAFF
MACKADE

Todos os personagens desta obra são
fictícios. Qualquer semelhança com pessoas
vivas ou mortas é mera coincidência.

HARLEQUIN

Digitalização: Polyana
Revisão: Crysty
Versão ePub: AZ

PRÓLOGO

Os irmãos MacKade viviam arrumando confusão. Na pequena cidade de Antietam, no estado de Maryland, não era lá muito fácil fazer isso, mas só, a procura já significava metade da diversão.

Quando se amontoavam no Chevy de segunda-mão de Jared, brigavam para decidir quem pegaria o volante. Embora o carro fosse de Jared, e de ele ser o mais velho, isso não tinha muito peso para os três irmãos.

Rafe queria porque queria dirigir. Sentia uma necessidade de velocidade, uma sede de varar estradas sinuosas, escuras, com o pé na tábua e o espírito imprudente.

Talvez porque se revelasse tão claramente o gênio ruim nos olhos verdes de Rafe e na fria configuração da boca, ele perdera por votos. No fim, Devin tomou o volante, com Jared no assento do carona. Rafe seguiu mal-humorado no banco de trás com o irmão caçula, Shane, ao lado.

Os MacKade eram um grupo violento e perigoso. Todos altos e esguios feito garanhões selvagens e punhos prontos para acertar alguém a qualquer

momento. Quando lhes baixava o humor sombrio, um cara sensato mantinha-se a dez ou mais passos atrás.

Resolveram jogar sinuca e tomar cerveja, embora Shane se queixasse de ainda ter menos de vinte e um anos e não poder beber na Taberna de Duff.

Apesar disso, o bar escuro e cheirando a fumaça combinava bem com o espírito deles. O olhar mal-encarado de Duff Dempsey, sobre a mesa de sinuca, era quase irritante. A cautela dos outros fregueses, fofocando entre os copos de cerveja, evidente.

Ninguém duvidava de que os meninos MacKade saíam em busca de

confusão. No fim, acabavam encontrando o que procuravam.

Com um cigarro no canto da boca, Rafe franziu a testa e assestou a tacada. Não se dera o trabalho de barbear-se dois dias seguidos, e a espessa barba por fazer espelhava seu mau humor. Com uma pancada certa, fez rolar a bola branca que acertou a sete na caçapa.

— Que bom que você tem sorte em alguma coisa — gritou do balcão Joe Dolin, emborcando a cerveja.

Já estava, como de hábito ao anoitecer, embriagado e implicante. Outrora, fora o astro do time de futebol americano do colégio e competira com os MacKade pelos "favores" das meninas

bonitas. Agora, com vinte e um anos recém-feitos, o rosto começara a inchar e o corpo a afrouxar.

O olho roxo que deixara na jovem esposa antes de sair de casa na verdade não o satisfizera o bastante.

Rafe marcou com giz sua tacada e mal dispensou a Joe um olhar.

— Tocar aquela fazenda vai exigir mais que ganhar na sinuca, MacKade, agora que sua mãe se foi — continuou Joe, balançando a garrafa entre dois dedos e rindo. — Ouvi dizer que vocês vão ter que arrendá-la para pagar os impostos atrasados.

— Ouviu mal — retrucou friamente Rafe, contornando a mesa para calcular a nova tacada.

— Oh, ouvi muito bem! Vocês MacKade sempre foram uns idiotas e mentirosos.

Antes que Shane avançasse no homem, Rafe estendeu o taco para bloquear a passagem.

— Ele está falando comigo — disse tranquilamente. — Não é, Joe? Está falando comigo?

— Com qualquer um de vocês. — Quando tornou a levantar a cerveja, Joe encarou os quatro irmãos.

Aos vinte anos, embora Shane fosse parrudo, devido ao trabalho braçal na fazenda, ainda era mais menino que homem. Devin possuía olhar frio e ar pensativo. E Jared se recostava no caçaníqueis de música, à espera da próxima jogada.

Joe voltou os olhos para Rafe. Viu alguém prestes a explodir.

— Mas você serve. Sempre achei você o mais fraquinho do bando, Rafe.

— É mesmo? — o homem esmagou o cigarro e bebeu a cerveja de um só gole. Enquanto concluía o ritual antes da briga, os fregueses se ajeitavam nas cadeiras para assistir. — Como andam as coisas na fábrica, Joe?

— Pelo menos, eu recebo um contracheque todo mês — disparou ele, de volta. — Tenho dinheiro no bolso. E ninguém vai tirar minha casa de mim.

— Não enquanto sua mulher continuar a se submeter a turnos de doze horas servindo mesas para pagar o aluguel.

— Feche a matraca sobre minha mulher. Sou eu quem ganha o dinheiro em casa. Não preciso de mulher nenhuma pagando meu sustento, como sua mãe teve de fazer para o velho de vocês. Torrou toda a herança dela, morreu e deixou-a na mão.

— É, ele a deixou na mão. — A raiva, a culpa e a dor se avolumaram

dentro de Rafe. — Mas ele nunca tocou a mão nela. Ela nunca teve de ir à cidade escondida atrás de lenços e óculos escuros, dizendo que levou um tombo. A única coisa que sempre fez sua mãe cair foi o punho do seu pai.

Joe bateu a cerveja no tampo do balcão, despedaçando o vidro.

— E mentira! Vou meter à força essa mentira pela sua goela abaixo!

— Experimente!

— Ele está bêbado, Rafe... — murmurou Jared. Os olhos verdes injetados cortaram para o irmão.

— E daí?

— E daí que não faz muito sentido quebrar a cara dele bêbado. Ele não vale isso.

Mas Rafe não precisava de sentido. Precisava apenas de ação. Ergueu o taco, examinou-o e estendeu-o na mesa.

— Quer me pegar, é, Joe? — provocou-o.

— Vamos parar por aí — interveio Duff, já indo em direção ao telefone da parede, embora soubesse que era tarde demais. — Se o negócio esquentar aqui, eu vou chamar o xerife e o bando de vocês vai esfriar logo logo na cadeia.

— Largue o telefone — advertiu Rafe, encarando o dono do bar e fazendo-

o recuar. — Lá fora. Vamos — ordenou.

— Tudo bem, mas só você e eu. Não quero seus irmãos pulando em cima de mim enquanto bato no seu rabo.

— Eu não preciso de ajuda — retrucou Rafe. Para provar isso, assim que os dois cruzaram a porta, desviou de um golpe de Joe, enterrou o punho no rosto dele e sentiu o primeiro e recompensador jorro de sangue.

Não sabia nem dizer por que batia no homem. Joe significava menos que o pó na rua para ele. Mas era bom esmurrá-lo. Mesmo quando o outro conseguiu acertar sua cara, foi bom. Os socos e o sangue eram a única solução clara.

Quando sentia o prazeroso estalo dos dedos contra um osso, esquecia da vida.

Ao ver o sangue esguichar da boca do irmão, Devin enfiou calmamente as mãos nos bolsos e apostou:

— Dou cinco minutos.

— Que nada, Rafe vai acabar com ele em três. Sorrindo, Shane viu os adversários caírem engalfinhados no chão.

— Dez paus! — desafiou Devin.

— Feito. Vamos lá, Rafe! — gritou Shane. -Acabe com a raça desse desgraçado.

Passaram-se três minutos, mais trinta odiosos segundos com Rafe montado em Joe, esmurrando a cara dele. Como Joe revirou os olhos e ficou com os braços frouxos e estendidos dos lados, Jared avançou para arrastar o irmão dali.

— O Joe já era. Deixe ele para lá.

A raiva dissipou-se devagar e desapareceu dos olhos de Rafe, fazendo-o abrir os pulsos novamente.

— Me solte, Jared. Não vou mais bater nele — pediu Rafe.

Rafe olhou para onde Joe estava deitado, gemendo e semi-inconsciente. Sobre o corpo espancado, Devin contava as notas para Shane, queixando-se.

— Eu devia ter levado em conta o nível de bebedeira dele. Se estivesse sóbrio, Rafe levaria cinco minutos.

— Ele jamais perderia cinco minutos com um babaca desses — exultou Shane.

Jared assentiu com a cabeça. Abraçou Rafe de modo fraternal.

— Quer outra cerveja?

— Não — respondeu Rafe. Olhou para a janela do bar, onde a maioria dos clientes se reuniu para observar. Disfarçadamente, limpou o sangue do rosto. — E melhor alguém levantar o Joe e rebocá-lo para casa! — gritou. — Vamos dar o fora daqui.

Já no carro, as dores e os hematomas começaram a se manifestar. Meio tonto ainda, escutou a entusiástica narração de Shane da luta, lance após lance, e usou o lenço indiano estampado de Devin para enxugar de leve mais sangue da boca.

Não ia a lugar algum fazer nada e ser nada. E ainda tinha que aturar aquele bêbado do Joe Dolin.

Odiava a maldita fazenda, a maldita cidade, a maldita armadilha na qual se sentia afundando a cada dia que passava.

Jared tinha os livros e os estudos, Devin os estranhos pensamentos, e Shane a terra que parecia maravilhá-lo.

Ele nada possuía.

Na saída da cidade, onde a terra começava a subir e as árvores a se adensarem, ele viu uma casa. A velha Mansão Barlow. Escura, deserta e mal-assombrada, segundo diziam. Erguia-se solitária e indesejável, com uma fama que fazia a maioria dos cidadãos ignorá-la ou olhá-la com cautela.

— Para o carro.

— Droga, Rafe, vai vomitar?

Apreensivo, Shane agarrou a maçaneta ao lado.

— Não! Para essa porra, Jared!

Assim que o carro parou, Rafe saltou e subiu a encosta. Plantas cheias de espinhos arranhavam-lhe a calça jeans.

Não precisou olhar para trás nem ouvir os xingamentos e resmungos para saber que os irmãos o seguiam.

De repente, ficou observando a enorme casa de três andares. .Algumas das janelas quebradas tinham ripas de madeira pregadas. As varandas duplas vergavam-se como as costas de uma velha. O que fora antes um gramado, agora invadido pela vegetação, estava juncado de amoreiras-pretas, cardos e capim. Um carvalho morto erguia-se ali, nodoso e desfolhado.

Mas quando a lua aparecia e a brisa entoava cânticos por entre as árvores e o mato alto, desprendia-se alguma coisa irresistível da mansão de mais de

duzentos anos. Como continuava a resistir ao tempo, às intempéries e ao abandono!

— Vai procurar fantasmas, Rafe? — perguntou Shane.

— Talvez.

— Lembra quando a gente passou a noite ali, em um desafio? — Com um ar displicente, Devin arrancou uma folha de capim e girou-a entre os dedos. — Faz dez anos, eu acho. Jared subiu de mansinho e começou a ranger as portas. Shane molhou as calças.

— Uma ova que molhei.

— Molhou sim!

Isso incitou a previsível disputa de empurrões, que os irmãos mais velhos ignoraram.

— Quando você vai embora? — perguntou Jared, em voz baixa.

Ele percebeu pelo jeito como Rafe olhava a casa.

— Hoje à noite. Tenho de sair daqui, Jared. Fazer alguma coisa longe daqui. Se não fizer, vou ser igual a Dolin. Talvez pior. Mamãe se foi. Não precisa mais de mim. Mas, droga, ela nunca precisou de ninguém mesmo.

— Tem alguma ideia de aonde vai?

— Não. Pro sul, talvez. Pra começar. Mando dinheiro quando puder.

Embora se sentisse como se alguém arrancasse um pedaço dele, Jared apenas encolheu os ombros.

— A gente dá um jeito.

— Você tem de terminar a faculdade de direito. Mamãe queria. — Rafe olhou para trás. A disputa de empurrões progrediu para uma luta livre no mato. — Eles dois vão se dar bem, assim que souberem o que querem.

— Shane sabe o que quer. A fazenda.

— É... — Com um meio sorriso, Rafe pegou um cigarro. — Venda parte da terra, se for necessário, mas não deixe tirarem de nós. Temos de conservar o que é nosso. Antes de a casa ruir, esta cidade

vai lembrar que os MacKade significaram alguma coisa.

Rafe alargou o sorriso. Pela primeira vez em semanas, a dor dilacerante dentro de si melhorara. Os irmãos sentaram-se no chão, cobertos de terra, arranhões, e riram feito loucos.

Ia lembrar-se deles assim, prometeu a si mesmo. Os MacKade, unidos no terreno mal-assombrado que ninguém queria.

CAPÍTULO UM

O menino mau voltou. Antietam estava em polvorosa com o acontecimento, passando adiante fatos, rumores e insinuações uns aos outros, enquanto os hóspedes de uma pensão passavam travessas do fumegante ensopado.

Era um molho saboroso, temperado com escândalo, sexo e segredos. Rafe MacKade retornava à cidade após dez anos.

Alguns diziam que causaria problemas. Encrenca era com ele mesmo.

Não foi Rafe quem derrubou o diretor do ensino médio no pátio, o que lhe rendeu uma expulsão? Não foi ele que destroçou a picape Ford do pai antes de ter idade para dirigir?

E com certeza foi Rafe MacKade que atirou uma mesa — e o maluco do Manny Johnson — pela vidraça da Taberna de Duff em um verão.

Rafe MacKade voltou, entrando na cidade ao volante de um extravagante carro esporte e estacionando bem diante da delegacia.

Claro! Seu irmão Devin era o xerife agora; já fazia cinco anos isso. Mas houve uma época — muito lembrada — em que

Rafe MacKade passava uma ou duas noites em uma das celas dos fundos.

Oh, continua bonito como sempre! — disseram as mulheres. Com aquela beleza demoníaca de que eram dotados — ou amaldiçoados — os MacKade. Se a mulher tivesse algum fôlego no corpo, olharia duas vezes, talvez até suspirasse por aquele homem alto, magro, forte, por aquele andar a passos largos, que parecia desafiar qualquer um a interpor-se no caminho. E aqueles cabelos pretos, aqueles olhos verdes! Nada contribuía para suavizar o rosto expressivo, que ainda contava com uma pequena cicatriz perto do olho esquerdo. Sabe Deus onde ele a arranjou.

Mas, quando sorria, o coração de uma mulher estava fadado a palpitar. Foi o sentimento que saiu direto de Sharilyn Fenniman, ao receber o sorriso e os vinte dólares pela gasolina, no posto Gas e Go, logo na entrada da cidade.

Antes que Rafe tornasse a engrenar o carro, Sharilyn correu para o telefone para anunciar o retorno.

Depois Sharilyn ligou para a mãe e a Sra. Metz tratou de contar a "bomba" à Sra. Hawbaker na loja.

— Rafe talvez fique em Antietam — informou Cassandra Dolin, derrubando o café de Regan.

Como a neve espirrava do céu de janeiro e entupia as ruas e as calçadas, o movimento era pequeno no Café da Ed naquela tarde. Devagar, Cassie endireitou as costas e tentou ignorar a dor no quadril, onde bateu no chão depois de Joe a derrubar.

— Por que não deveria? — perguntou Regan Bishop, sorrindo. — Ele nasceu aqui, não?

Mesmo após três anos morando e sendo dona de loja na cidade, Regan ainda não entendia a fascinação das pessoas com as chegadas e as partidas. Atraíam-na e divertiam-na, mas ela não entendia.

— Bem, sim, mas ele se foi há muito tempo.

Cassie olhou pela janela e viu a neve que caía fina e constante do lado de fora. Perguntava-se para onde fora ele, o que vira, o que fizera.

— Você parece cansada, Cassie... — murmurou Regan.

— Hã? Não, só sonhando acordada. Ajuda a levantar o ânimo, vão suspender as aulas mais cedo. Eu disse aos meninos que viessem direto para cá, mas...

— Então é o que vão fazer. São excelentes crianças.

— São, sim — sorriu Cassie, e parte do cansaço desapareceu de seus olhos.

— Por que não pega uma xícara? Toma um café comigo? — Uma conferida no Café mostrou a Regan que havia um cliente nos fundos e um casal no balcão, conversando. — Você não está exatamente sobrecarregada de trabalho. — Vendo Cassie hesitar, sacou seu trunfo. — Podia me pôr a par sobre esse tal Rafe.

— Bem... Ed, vou tirar uma folga, tudo bem?

Uma mulher ossuda, de cabelos ruivos, espichou a cabeça da cozinha. Os óculos de aro brilhante apoiavam-se no peito descarnado, acima do avental de plástico.

— Vá em frente, meu bem. — A voz rascante de dois maços de cigarro por dia.

Tinha o rosto cuidadosamente pintado, desde os lábios vermelhos às sobrancelhas ruivas, e brilhava do calor do fogão. — E aí, Regan? Está quinze minutos além da sua hora de almoço.

— Fechei ao meio-dia — disse-lhe Regan, consciente de que sua pontualidade divertia Edwina Crump, a dona do restaurante. — As pessoas não saem muito de casa nessa época.

— Tem sido um inverno duro. — Cassie levou uma xícara para a mesa e serviu-se café. — Ainda nem chegamos ao fim de janeiro e os meninos já andam ficando cheios de deslizar de trenó e fazer bonecos de neve.

Ela suspirou, tomando o cuidado de não se mexer muito, para não doer o quadril, ao sentar-se. Tinha vinte e sete anos, um a menos que Regan. Mas sentia-se uma anciã.

Após três anos de amizade, Regan reconhecia os sinais.

— As coisas continuam ruins, Cassie? Ele machucou você de novo?

— Estou bem — respondeu Cassie, sem tirar os olhos da xícara. Culpa, humilhação e medo aferroavam mais que um tapa na cara. — Não quero falar de Joe.

— Leu os panfletos sobre maus-tratos que eu trouxe para você do abrigo

de mulheres em Hagerstown?

— Dei uma olhada. Regan, eu tenho dois filhos. Preciso pensar neles primeiro.

— Mas...

— Por favor. — Cassie ergueu o olhar. — Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. — Esforçando-se para conter a impaciência, Regan apertou-lhe a mão. — Fale-me do famoso MacKade.

— Rafe... — A expressão de Cassie desanuviou-se. — Eu sempre tive um fraco por ele. Por todos eles. Não havia uma menina na cidade que não fantasiasse com os irmãos MacKade.

— Eu gosto de Devin. — disse Regan tomando o café. — Parece meio misterioso às vezes, mas é alguém confiável.

— E, a gente pode contar com Devin — concordou Cassie. — Ninguém achava que algum deles ia dar para alguma coisa, mas Devin é um ótimo xerife. Jared tem aquele escritório de advocacia bacana na cidade. E Shane, bem, é desordeiro além da conta, mas trabalha na fazenda feito um condenado. Quando os quatro eram mais moços e chegavam zoando com o pé na tábua à cidade, as mães trancavam as filhas e os homens mantinham as costas junto à parede.

— Verdadeiros cidadãos honrados, hem?

— Eram jovens e sempre prontos para brigar. Rafe mais que todos. Na noite em que deixou a cidade, ele e Joe se meteram em uma briga. Rafe quebrou o nariz de Joe e arrancou a socos dois dentes.

— E mesmo? — perguntou Regan, pensando que talvez gostasse desse Rafe, afinal.

— Ele vivia atrás de confusão. O pai morreu quando eles eram meninos. Depois faleceu a mãe, pouco antes de Rafe deixar a cidade. Tinha ficado doente durante quase um ano. Por isso é que as coisas na fazenda ficaram tão ruins na época. A

maioria das pessoas achou que os MacKade teriam de vendê-la, mas eles conseguiram conservá-la.

— Bem, três deles.

— Huum... — Cassie saboreou o café. Era tão raro ter um momento só para se sentar e descansar! — Eles eram pouco mais que adolescentes. Jared tinha vinte e três anos e Rafe apenas dez meses menos. Devin tem uns quatro anos a mais que eu e Shane um a menos que ele.

— Parece que a Sra. MacKade era uma mulher ocupada.

— Era maravilhosa. Forte. Mantinha tudo sob controle, por mais que as coisas ficassem difíceis. Eu sempre a admirei.

— Às vezes, também é preciso ser forte para abandonar tudo... — murmurou Regan. — Então, por qual motivo você acha que voltou?

— Não sei. Dizem que é rico agora. Ganhou um monte de dinheiro comprando terras e casas e depois revendendo de novo. Parece que ele tem uma empresa e tudo mais. MacKade foi o nome que deu. Só MacKade. Minha mãe sempre dizia que ele ia acabar morto ou na cadeia, mas... — deixou a frase sem terminar e olhou pela janela. — Oh, minha nossa! Sharilyn tinha razão.

— Hã?

— Ele está melhor que nunca.

Curiosa, Regan virou a cabeça assim que a porta se abriu. Quando o homem entrou foi obrigada a admitir que ele era um espécime de primeira.

Rafe sacudiu a neve do cabelo e tirou a jaqueta de couro, não adequada aos invernos da Costa Leste. Regan achou que tinha um rosto de guerreiro — a pequena cicatriz, barba por fazer, o nariz ligeiramente torto. O corpo parecia rijo como granito e os olhos verdes não eram mais suaves.

Usava camisa de flanela e calça jeans rasgada e botas esfoladas. Não parecia rico e bem-sucedido. Mas, sim, alguém perigoso.

Divertiu Rafe ver que a loja de Ed continuava quase igual como antes. Aqueles talvez fossem os mesmos bancos no balcão que ele aquecera os fundi-lhos na infância, provando um sundae ou uma soda batida com sorvete. Com certeza, eram os mesmos cheiros — gordura, a dos constantes cigarros de Ed, o desinfetante de pinho.

Ed estaria lá na cozinha, fritando hambúrgueres ou mexendo nas panelas. E o velho Tidas roncando na mesa dos fundos, enquanto o café esfriava. Exatamente como sempre fazia.

Os olhos frios, observadores, percorriam o balcão branco, as tortas e os bolos com tampos de plástico transparente

nas prateleiras, as paredes exibindo fotos em preto-e-branco de batalhas da Guerra de Secessão... De repente, parou no compartimento onde se sentavam duas mulheres em torno do café.

Ele viu uma estranha. Bonita, cabelos cor de mel cortados à altura do queixo, rosto de curvas suaves, tez clara... Olhos azuis escuros e curiosos. E um provocante sinalzinho de pele no canto da boca...

Os dois desconhecidos se examinaram, avaliaram um ao outro, como um homem ou uma mulher avaliam uma bugiganga especialmente atraente em uma vitrine. Depois, ele desviou o olhar e

pousou-o na frágil loura de olhos assombrados e sorriso hesitante.

— Meu Deus! — O sorriso dele se iluminou. — Cassiezinha!

— Rafe! — ela exclamou. — Eu soube que você tinha voltado.

As risadinhas de Cassie, quando ele a puxou do compartimento, fizeram Regan arquear as sobrancelhas. Era raro vê-la rir com tanta vontade.

— Bonita como sempre — disse ele, beijando-a nos lábios. — Diga que chutou aquele idiota do seu marido na rua e deixou o caminho livre para mim.

Ela recuou, sem graça, sempre temerosa de comentários maldosos.

— Eu tenho dois filhos agora.

— Um menino e uma menina — acrescentou Rafe.

— Me contaram. Você continua trabalhando aqui?

— Sim... Ed está lá nos fundos.

— Vou vê-la em um minuto. — Apoiando a mão casualmente no ombro de Cassie, ele tornou a olhar para a desconhecida. — Quem é a sua amiga?

— Oh, desculpe. Esta é Regan Bishop. Dona da Past Times, uma loja de antiguidades e decoração a duas portas daqui. Regan, este é Rafe MacKade.

— Dos irmãos MacKade. — Ela estendeu a mão.

— A notícia já circulou.

— Tenho certeza que sim. — Ele tomou-lhe a mão, segurou-a e cravou os olhos nos dela. — Antiguidades? Que coincidência. Estou no mercado.

— E mesmo? Algum período em particular?

— De meados a fins de 1800... Tenho uma casa de três andares, com quase mil e duzentos metros quadrados para mobiliar. Acha que pode dar conta?

Ela precisou de muita força de vontade para não deixar o queixo cair. Vivia bem o suficiente com os turistas e o

peçoal da cidade, mas uma encomenda dessas triplicaria sua renda habitual.

— Tenho certeza de que sim.

— Você comprou uma casa? — perguntou Cassie, interrompendo-o. — Achei que fosse ficar na fazenda.

— Por enquanto. A casa não é para morar, não é para mim. Após uma reforma e restauração, vou abri-la como pousada. Comprei a Mansão Barlow.

Aturdida, Cassie inclinou o bule de café que buscou.

— A Mansão Barlow? Mas é...

— Mal-assombrada? Claro que é. Que tal um pedaço daquela torta para

acompanhar o café, Cassie? Meu apetite se abriu.

Regan foi embora, mas Rafe demorou-se mais de uma hora, entretido, quando os filhos de Cassie irromperam da neve no Café. Observou-a paparicá-los: a mulher ralhou com o menino por esquecer de colocar as luvas e escutou a menininha de olhos enormes narrar as aventuras do dia.

Muitas coisas permaneceram idênticas ao longo de uma década. Mas muito também havia mudado. Ele sabia muito bem que a notícia de sua chegada corria solta. O fato agradava-lhe. Queria que a cidade soubesse de sua volta — e

não com o rabo entre as pernas, como vários achavam que seria.

Tinha agora dinheiro no bolso e planos para o futuro.

A Mansão Barlow era o centro de tudo. Não acreditava em fantasmas, mas a casa, sem dúvida, o assombrava. Cada pedra antiga — e o que mais tivesse agora lhe pertencia. Ia reconstruí-la, como reconstruíra a si mesmo.

Um dia, ficaria na janela do topo e olharia a cidade embaixo. Provaria a cada um — até a ele mesmo — que era alguém.

Enfiou uma generosa gorjeta debaixo da xícara, para Cassie. Estava magra demais e tinha os olhos fundos. Aquela

fragilidade era evidente, quando a viu sentada com Regan.

A outra mulher, no entanto, sabia se conduzir. Olhos firmes, queixo decidido, mãos macias. Nem sequer piscou quando ele lhe ofereceu a oportunidade de decorar uma pousada inteira. Imaginou que as entranhas dela haviam saltado, mas ela nem piscou.

Como foi um homem que ganhou o sustento dando muito duro, tinha de admirá-la. O tempo diria se ela estaria à altura de cumprir o desafio.

E nenhum tempo era melhor que o presente.

— Essa casa de antiguidades fica a duas portas daqui?

— Isso mesmo. À esquerda. Mas acho que não está aberta.

Rafe vestiu a jaqueta e sorriu.

— Oh, aposto que está!

Saiu tranquilamente, sem chapéu, jaqueta aberta, as passadas abafadas pela neve. Como imaginava, as luzes estavam acesas na Past Times. Em vez de I buscar abrigo dentro da loja, ele examinou a vitrine e achou-a bem atraente.

Uma imensa ondulação de tecido azul, como uma piscina de água tremeluzente, fluía sobre vários níveis. Uma boneca de porcelana sentava-se em

um balanço de vaivém duplo, com as duas cadeiras presas por hastes horizontais, tendo uma série de brinquedos antigos aos pés. Um dragão de jade a rosnar enroscava-se em um pedestal. Uma comodazinha de mogno abria as gavetas cheias de joias cintilantes, como se uma mulher houvesse deslizado as mãos ali à procura da peça certa. Perfumes achavam-se dispostos em belos e coloridos frascos em uma prateleira esmaltada.

Sinos de trenó na porta tilintaram musicalmente quando ele a abriu. O ar dentro era aromatizado com canela, cravo e maçã. Era o sutil e sensual perfume que notara em Regan, quando estava no café.

Vagou sem pressa a apreciar o antiquário. Um divã aqui, uma ou outra mesa ali. Abajures, tigelas, vasos... Uma mesa de jantar graciosamente posta expunha pratos de porcelana, copos de cristal, velas e flores, como se à espera de convidados a qualquer momento. Uma antiga vitrola destacava-se ao lado de um armário cheio de discos de 78 rotações.

Havia três salas, uma mais requintada do que a outra. Em parte alguma da coleção de objetos antigos, ele notou uma única mancha de poeira. Parou perto de um suporte de cozinha cheio de pratos brancos, copos e jarros de cerâmica tingidos de azul.

— É uma bela peça — disse Regan.

— Temos um igual a esse na cozinha da fazenda — respondeu ele, sem se virar. — Vi que ele ainda está lá. Minha mãe guardava os pratos do dia-a-dia nele. Brancos iguais a esses. E copos. Grossos, que não se quebravam com facilidade. Ela atirou um em mim quando fui malcriado.

— E acertou?

— Não, mas teria acertado se quisesse. Tinha um braço infernal. Que faz aqui, no meio desse lugar, Regan?

— Vendo as minhas mercadorias, Rafe.

— Suas mercadorias não são nada más. Quanto quer pelo dragão na vitrine?

— Você tem um excelente gosto.
Cinquenta e cinco.

— Muito caro, Regan!

Estendendo a mão, ele abriu o único botão dourado do blazer azul-marinho dela.

A mulher achou o pequeno gesto íntimo, mas se recusou a comentá-lo.

— Você leva o que paga — disse ela.

— Se a gente for esperta, às vezes leva mais. — Ele enfiou as mãos nos bolsos da frente da calça jeans e mais uma vez se pôs a perambular. — Há quanto tempo está na cidade?

— Três anos.

— De onde? — Como ela não respondeu, ele ergueu uma daquelas sensuais sobrancelhas pretas.

— Só puxando conversa, querida. Gosto de ter uma referência das pessoas com as quais faço negócios.

— Ainda não fizemos nenhum negócio... querido

— respondeu ela, sorrindo.

A risada dele irrompeu rápida e encantadora. Arrepios subiram pela espinha dela. Ele era o homem sobre o qual toda mãe teria advertido a filha. Por mais tentador que fosse, negócios eram negócios. E sempre vinham primeiro.

— Acho que vou gostar de você, Regan. Com certeza é uma mulher muito interessante.

— Puxando conversa de novo?

— Só uma observação. — Com um sorriso pairando em volta da boca, ele baixou os olhos para as mãos dela, cheia de anéis, pedras bonitas e torções de ouro. — Algum desses significa alguma coisa que vai se interpor no meu caminho?

Ela sentiu o estômago se revirar.

— Depende do caminho que você tome.

— Por quê? Você é casada? Acho que não, né? Então?

Satisfeito, sentou-se em um sofá de veludo vermelho, apoiando o braço sobre o encosto.

— Quer se sentar?

— Não, obrigada. Você entrou aqui para fazer negócios, ou usar sua lábia e me convencer a ir para cama?

— Nunca uso lábia para convencer uma mulher a ir para cama.

Ele sorriu.

— Negócios, Regan. Por enquanto, apenas negócios.

— Tudo bem. Então, vou apanhar um pouco de conhaque para você.

— Obrigado.

Ela se encaminhou para uma porta nos fundos. Sozinho, Rafe ficou cismado por um momento. Não pretendia ser tão óbvio. Mas havia alguma coisa naquela mulher perfumada e chique.

Se algo cheirava a problemas, esse algo era Regan Bishop. Embora ele raras vezes escolhesse o caminho fácil, já tinha muitos pepinos a resolver para aceitar o desafio.

Então, ela retornou com aquelas maravilhosas pernas, aquela bonita ondulação de cabelos caindo sobre o rosto.

Que diabos eu sempre abro espaço para mais um problema!

— Obrigado. — Aceitou o copo que ela oferecia.

— Pensei em contratar uma firma da capital, ou de Baltimore; talvez perder algum tempo vasculhando , sozinho algumas lojas.

— Posso adquirir qualquer coisa que uma firma na capital, ou de Baltimore, e oferecer um preço melhor.

— Talvez. O importante é que gosto da ideia de manter o negócio perto de casa. Vamos ver o que você pode fazer. — Ele tomou a bebida, achou-a forte. — Que sabe sobre a Mansão Barlow?

— Está desmoronando. Acho um crime que nada tenha sido feito para

preservá-la. Esta parte do país é, em geral, cuidadosa com suas áreas e prédios históricos. Mas a cidade ignora o lugar. Se eu tivesse recursos, já a teria comprado.

— E sairia ganhando. A casa é resistente feito rocha. Se não fosse tão bem construída, estaria reduzida a escombros a essa altura. Mas precisa de muito trabalho... Pisos a serem nivelados, paredes revestidas de reboco ou derrubadas, janelas substituídas. O telhado está um horror. É apenas uma questão de tempo e dinheiro. Quero transformá-la de volta no que era em 1862, quando os Barlows moravam lá e assistiam à Batalha de Antietam da janela do salão.

— Assistiram mesmo? — perguntou ela com um sorriso. — Eu imaginei que tivessem ficado encolhidos de medo no porão.

— Não é como eu a imagino. Os ricos e privilegiados assistindo ao espetáculo, talvez chateados quando algum disparo de canhão rachava uma janela, ou os gritos dos mortos e agonizantes acordavam o bebê do seu cochilo.

— Você é um cínico. O fato de serem ricos não significa que não sentissem horror ao ver homens morrendo no gramado diante da casa.

— O centro da batalha não chegou tão perto assim dali. De qualquer modo,

isso é o que eu quero— as cores, os acabamentos, os papéis de parede, os móveis e os badulaques certos. As obras. — Sentiu uma enorme vontade de fumar e conteve-a. — Como se sente em relação a redecorar uma casa mal-assombrada?

— Interessada. Além disso, não acredito em fantasmas.

— Vai acreditar antes de concluir o trabalho. Passei uma noite lá, quando menino, com meus irmãos.

— Portas rangendo, correntes arrastadas?

— Não. A não ser as que Jared arranjou para nos matar de medo. Tem um lugar no poço da escada que vai gelar sua

alma. Você sente cheiro de fumaça perto da lareira da sala de estar. E também uma coisa olhando a gente por trás quando se atravessam os corredores. Se estiver bastante silencioso e você prestar atenção, ouve sabres batendo uns nos outros.

— Se está tentando me fazer desistir da encomenda me apavorando, não vai conseguir.

— Só descrevendo o projeto. Quero que dê uma olhada na casa, visite comigo todos os cômodos. Veremos que tipo de ideias você tem. Amanhã à tarde está bom? As duas horas?

— Será ótimo. Preciso levantar algumas medidas da casa.

— Bom... — Ele largou a caneca e levantou-se.

— Legal fazer negócios com você.

— Bem-vindo ao lar.

— Você é a primeira pessoa que me diz isso. — Curtindo a ironia, Rafe levou a mão dela aos lábios, observando-a. — Mas também não sabe da missa a metade. Até amanhã. E Regan — acrescentou a caminho da porta — tire o dragão da vitrine. Ele já é meu.

Na saída da cidade, ele parou o carro no acostamento da estrada e desligou-o. Ignorando a neve e os dedos gelados pelo vento, examinou a casa na subida da colina.

As janelas quebradas e as varandas arrebitadas nada revelavam, assim como nada revelavam os ensombrados olhos de Rafe. Fantasmas, cismou ele, com a neve silenciosa a cair em volta. Talvez. Porém começava a perceber que os únicos fantasmas a que tentava dar repouso estavam dentro de si.

CAPÍTULO DOIS

O bom de ter a própria loja, para Regan, era poder comprar e vender o que preferisse, estabelecer suas próprias horas de trabalho e a atmosfera para criar ser só sua.

Apesar disso, ser a única dona e a única empregada da Past Times não significava que Regan Bishop tolerasse qualquer porcaria. Como sua própria patroa, era exigente e esperava o melhor de seu pessoal. E como o pessoal era ela própria, trabalhava duro e raras vezes se queixava.

Tinha exatamente o que sempre quis — uma casa e uma loja em uma pequena cidade do interior, longe das pressões e dores de cabeça da cidade onde vivera os primeiros vinte e cinco anos de vida.

A mudança para Antietam e o começo de um negócio próprio faziam parte de seus planos após graduar-se na Universidade Americana. Tinha enfiados sob o cinto diplomas de história e administração de empresa. Quando vestiu a beca e o capelo, já tinha cinco anos de experiência em antiquários.

Trabalhando para outra pessoa.

Agora era sua patroa. Cada centímetro da loja e do aconchegante apartamento em cima era seu — e do

banco. A encomenda de MacKade contribuiria bastante para tornar muito maior o seu patrimônio.

Assim que Rafe saiu na tarde anterior, Regan trancou as portas da loja e correu à biblioteca. Escolheu uma braçada de livros para complementar seus próprios volumes de pesquisa.

A meia-noite, quando os olhos ameaçavam ficar vesgos, ela já lera e tomara notas de cada detalhe da vida como era na época da Guerra de Secessão em Maryland.

Conhecia todos os aspectos da Batalha de Antietam, desde a marcha de Lee à retirada para o outro lado do rio, e a lengalenga de McClelan sobre a visita

do presidente Lincoln a uma fazenda nos arredores de Sharpsburg. Sabia o número de mortos e feridos, o sangrento avanço colina acima e nos! campos de milho.

Era informação que já estudara antes. Na verdade, a fascinação pela batalha influenciara a escolha do novo lar.

Mas, desta vez, ela conseguiu encontrar aqui e ali detalhes sobre os Barlows — ao mesmo tempo, fato e especulação. A família morou na casa na colina por quase cem anos, antes de um terrível dia em setembro de 1862. Prósperos proprietários de terra e comerciantes, viviam como grandes senhores. Seus bailes e jantares atraíam

convidados de lugares distantes como Washington e Virgínia.

Ela sabia como eles se vestiam — as casacas, as rendas e as saias rodadas, forradas com arcos. Chapéus de seda e chinelos de cetim. Sabia como viviam, com criados servindo vinho em taças de cristal de pé alto, as casas decoradas com flores de estufa, os móveis polidos com cera de abelha.

Agora, ela via nitidamente as cores e os tecidos, os bricabraques que os cercavam. Móveis altos de pau-rosa, com gavetas ou duas portas e prateleiras internas, encimadas por espelho ou aparador. Aparelhos de jantar de porcelana Wedgwood e sofás de crina de

cavalo. A cômoda Chippendale, para o patrão, e a graciosa penteadeira de cerejeira e espelho chanfrado para a senhora. Reposteiros de brocado e vistoso azul colonial para as paredes do salão.

Rafe MacKade ia fazer um bom investimento. E, oh, ela esperava que tivesse os bolsos bem fundos!

O estreito caminho que levava até a casa acima mergulhava fundo na neve. As marcas de pneu haviam desfigurado a bela, pura — e muito inconveniente — manta branca.

Chateada por Rafe não prestar atenção ao detalhe, Regan parou o carro no acostamento. Armada com sua pasta,

começou a longa e difícil caminhada colina acima.

Pelo menos, teve o bom senso de usar botas; a neve arrastava-se pelos tornozelos. Quase vestiu um duas-peças e saltos altos — antes de lembrar que impressionar Rafe MacKade não constava na sua agenda. A calça cinza, o blazer sob medida e o suéter de gola rulê eram os trajes perfeitos para um compromisso profissional como aquele. E, como duvidava que a casa estivesse aquecida, o casaco de lã vermelha seria conveniente dentro e fora.

Era uma moradia fabulosa e intrigante. Todos os salpicos de mica na pedra, cintilando como pedacinhos de

espelho à luz do sol, compensavam as janelas tapadas com ripas de madeira. Embora as varandas vergassem, o prédio em si erguia-se altaneiro e orgulhoso contra o glacial céu azul.

Ela gostou da forma como a ala esquerda se projetava de uma austera quina. Do trio de chaminés que se erguiam a pique do teto, como à espera de lançar fumaça. Gostou até do modo como as venezianas quebradas pendiam, parecendo embriagadas.

Precisava de cuidados. De alguém que a amasse e aceitasse sua reputação como era. Alguém que apreciasse suas forças e entendesse suas fraquezas.

Abanou a cabeça e riu consigo mesma. Parecia que pensava em um homem — talvez em um como Rafe MacKade — em vez de uma casa.

Aproximou-se mais. As pedras e os arbustos tomados pelo mato formavam calombos desiguais na neve. As silvas eram sorrateiras o bastante para agarrar-se às pernas de sua calça com dedos afiados, magros e rijos. Mas, em outros tempos, o gramado fora verde e vivido de flores.

Se Rafe tivesse alguma visão, tornaria a ser.

Lembrando-se que o paisagismo era problema dele, dirigiu-se arfando até a varanda da frente.

Ele estava atrasado!

Olhou em volta, bateu os pés para aquecê-los e conferiu as horas no relógio de pulso. O cara não achava que ela ia ficar ali fora naquele frio a esperá-lo. Dez minutos no máximo. Depois deixaria um bilhete, um bilhete muito firme sobre o valor de cumprir os compromissos, e iria embora.

Mas, bem, não seria mau dar uma espiada pela janela.

Andando cuidadosamente, avançou devagar escada acima, evitando as tábuas quebradas. Devia haver glicínias subindo enroscadas na árvore ao lado e, por um momento, quase acreditou sentir o doce perfume da primavera.

Viu-se se dirigindo para a porta e fechando a mão na maçaneta, antes de perceber que fora essa sua intenção o tempo todo. Com certeza, estava trancada. Mas, mal terminara de pensar nisso, a maçaneta girou praticamente sozinha.

Era sensato entrar, sair do vento e começar a demarcar o trabalho. Porém, tirou a mão em um gesto brusco. Sentiu a respiração entrecortada. E dentro das luvas de couro, as mãos geladas e trêmulas.

Sem fôlego por causa da subida-, disse a si mesma. Tremendo de frio do vento. Só isso. Mas o medo tomou conta dela.

Encabulada, olhou nervosamente em volta. Ninguém ali para ver sua ridícula reação. Apenas neve e árvores.

Inspirou fundo e abriu a porta.

Rançou, claro. Era de esperar. A imensa entrada principal lhe deu um prazer tão grande, que ela esqueceu de tudo. Fechou a porta, recostou-se nela e suspirou.

Poeira e mofo, umidade nas paredes, rodapés arruinados por camundongos, teias de aranha drapejando feito gaze imunda. Ela viu a rica pintura verde, o remate em marfim cremoso, o polimento e brilho dos pisos de pinho sob os pés, um corredor florescendo com rosas-de-cem-folhas.

E ali, pensou, uma alta mesa-aparador, com uma imensa caçamba redonda Dresden derramando mais rosas, ladeada por castiçais de prata. Uma pequena cadeira de noqueira com o encosto vazado, um porta-guarda-chuva e um espelho dourado.

Como foi, e como poderia ser, eram imagens que rodopiavam em sua mente.

No salão, maravilhou-se diante da lareira de estilo neoclássico Adam. Embora imundo, o mármore permanecia intacto. Os dois vasos gêmeos que tinha na loja seriam perfeitos para o console.

Deliciada, pegou o livrinho de anotações e começou a trabalhar.

Teias de aranha arrastavam-se por seus cabelos, sujeira manchava-lhe o rosto, poeira cobria-lhe as botas, enquanto media e planejava. Sentia-se no paraíso. O astral era tão alto que, ao ouvir os passos, se virou com um sorriso.

— E maravilhosa. Eu mal posso...
— entusiasmava-se ela.

Franzindo a testa, saiu do salão e voltou à entrada. Pôs-se a chamar Rafe, mas notou que não havia outras pegadas além das suas.

Imaginação fértil! Casas grandes e vazias faziam todo tipo de barulhos. A madeira se acomodando, o vento contra as janelas... os roedores... Não tinha medo

de camundongos, nem de aranhas, nem de tábuas que estalavam.

Porém, quando o piso estalou, no andar de cima, não pôde abafar o grito agudo. O coração saltou direto para a garganta. Antes de conseguir mais uma vez recompor-se, ouviu o inconfundível ruído de uma porta fechando-se.

Já atravessara o saguão e chegara à entrada a toda velocidade, tateando à procura da maçaneta, quando se deu conta.

Oh, ele se achava muito inteligente! Entrando furtivamente na casa antes dela, esgueirando-se pelos fundos, imaginou. Rafe estava ali naquele momento mesmo,

dobrando-se de rir da ideia de Regan como uma heroína de filme de terror.

Empinou o queixo e encaminhou-se pisando forte para a escada curva.

— Não tem graça nenhuma, MacKade — gritou. — Agora, se já terminou sua brincadeirinha patética, eu gostaria de continuar meu trabalho.

Quando o frio do local a atingiu, ela ficou estática. De repente, chegou ao primeiro patamar em quatro passadas largas.

Uma corrente de ar. Apenas uma maldita corrente de ar.

— Rafe? — A voz saiu entrecortada. Ela mordeu o lábio e examinou o longo

corredor, as portas fechadas e cheias de segredos. — Rafe? — repetiu, esforçando-se para incutir irritação na voz, em vez de nervosismo. — Tenho um horário a cumprir, ainda que você não. Então, podemos acabar com isso?

O ruído de madeira sendo cortada, a violenta batida de uma porta e o choro dilacerante de uma mulher. Orgulho esquecido, Regan desceu voando a escada. Quase tropeçou, quando ouviu o disparo.

Depois, a porta da qual correria abriu-se devagar com um gemido.

A sala rodopiou uma vez, duas, e desapareceu.

— Vamos, querida, volte a si! —
Regan virou a cabeça, gemendo. —
Desperte, amiga. Abra os olhos! A voz era
tão incentivadora que ela os abriu.

— Não foi nada engraçado —
queixou-se. Aliviado, ele sorriu e afagou-
lhe a face.

— O quê?

— Esconder-se lá em cima para me
apavorar. — Ela piscou os olhos e
descobriu-se embalada no colo dele, no
banco sob a janela no salão. — Pode me
deixar levantar?

— Acho que não. Você ainda está
meio abalada das pernas. Apenas
descanse um minuto.

Deslocou-a destramente para que apoiasse a cabeça na curva do seu braço.

— Estou bem — ela murmurou.

— Está branca feito uma folha de papel. Se eu tivesse um copo, poria um pouco de conhaque nele para você. Mas eu nunca vi uma mulher desfalecer tão graciosamente. Você meio que deslizou ao cair e me deu a chance de pegá-la antes que batesse com a cabeça no chão.

— Se espera que eu lhe agradeça, esqueça. — Ela o empurrou. — Foi culpa sua.

— Obrigado — Rafe sorriu. — É bem lisonjeiro imaginar que a simples

visão de meu ser faça uma mulher cair aos meus pés...

— Se é esse seu jeito de fazer negócio, pode pegar o trabalho e... Bom, me deixe levantar.

— Vamos lá. — Levantando-a, ele sentou-a a seu lado no banco. — Agora, por que está zangada comigo?

Fazendo beicinho, ela esfregou as mãos na calça para tirar a sujeira.

— Você sabe muito bem.

— Só sei que cruzei a porta e a vi desmaiando.

— Eu nunca desmaiei na vida. — E sentia-se totalmente mortificada por tê-lo

feito agora... na frente dele. — Se quer que eu trabalhe nesta casa, me fazer perder a consciência me apavorando não é maneira certa de agir.

— Como eu apavorei você?

— Andando pelo piso de cima, abrindo e fechando portas e fazendo aqueles barulhos ridículos.

— Talvez eu deva começar lhe dizendo que fiquei preso na fazenda. Só consegui sair quinze minutos atrás.

— Eu não acredito.

— Tudo bem. Mas Shane estava lá... e Cy Martin também. Ele é o prefeito agora.

— Eu sei quem é Cy Martin! — ela retrucou, irritada.

— Devia tê-lo conhecido no ensino médio. Ele era um idiota. De qualquer modo, Cy apareceu para ver se Shane podia arar sua alameda. Ele continuava lá quando saí. Peguei emprestada a picape de Shane para subir a colina. Estacionei e cheguei à porta a tempo de ver seus olhos revirarem para trás.

Ele tirou o casaco e botou-o sobre as pernas dela.

— Por falar nisso, como foi que você entrou?

— Eu... — ela o encarou, engolindo em seco. — Abri a porta.

— Estava trancada.

— Não, não estava.

Erguendo uma sobrancelha, ele tilintou as chaves no bolso.

— Que interessante, não?

— Você não está mentindo... — disse ela, após um momento.

— Desta vez, não. Por que não me conta o que ouviu?

— Passos. Mas não tinha ninguém lá. — Para aquecê-las, enfiou as mãos debaixo do casaco dele nas pernas. — Tábuas estalando lá em cima. Fazia um frio de rachar e o ruído me assustou, então subi até o alto.

— Ficou assustada e subiu, em vez de sair?

— Achei que você estivesse lá. Ia dar uma bronca em você. — O sorriso saiu fraco, mas saiu mesmo assim. — Fiquei furiosa por você ter conseguido me fazer saltar de medo. Depois olhei o corredor até o fim. Ouvi madeira sendo cortada, uma porta bater com força e alguém chorando. Então, desci a escada feito um raio.

Ele tornou a sentar-se ao lado dela e passou o braço em volta dos seus ombros, amistosamente.

— Um disparo — ela continuou. — Eu já quase chegava ao pé da escada quando ouvi um disparo de arma. Isso fez

meus ouvidos tinirem. Depois, a porta se abriu e as luzes se apagaram.

— Eu não devia ter-me atrasado. — Inesperadamente, ele curvou-se e deu-lhe um beijo rápido, casual. — Desculpe.

— Isso não tem importância.

— O negócio é o seguinte: algumas pessoas sentem coisas nesta casa, outras não. Tive a impressão de que você era do tipo frio, prático.

Ela cruzou os braços.

— É mesmo?

— Com um só propósito em mente. Parece que tem mais imaginação do que eu esperava. Sentindo-se melhor agora?

— Estou bem.

— Tem certeza de que não quer se sentar de novo em meu colo?

— Certeza absoluta, obrigada.

Com os olhos nos dela, ele tirou uma teia de aranha dos cabelos.

— Quer sair daqui?

— Sem a menor dúvida — apressou-se ela a responder.

Rafe pegou o paletó.

— Eu gostaria de levá-la a um lugar.

— Não é necessário. Eu disse que estava...

— Negócios, querida... Por enquanto... Acho que podemos encontrar um lugar um pouco mais quente e hospitaleiro para definir os detalhes.

Perfeitamente sensato.

— Tudo bem — concordou ela, pegando a pasta e encaminhando-se à frente dele para a porta.

— Regan?

— Sim?

— Seu rosto está sujo.

Ele riu do olhar faiscante que ela lhe disparou, depois a ergueu e segurou-a no colo. Apesar das reclamações dela,

carregou-a até a varanda caindo aos pedaços.

— Tem de ficar atenta onde pisa — disse ele, pondo-a em pé junto a um jipe.

— Faço disso um hábito.

-Aposto que sim... — respondeu Rafe, contornando o capo.

Manobrou para descer a alameda, circulou em volta do carro dela e continuou em frente.

— Achei que eu ia seguir você — ela começou.

— Vamos levar apenas um carro. Eu trago você de volta.

— De onde?

— Do lar, doce lar, querida.

Na neve, com o sol a vitrificar os campos brancos, a MacKade era uma bela e tradicional fazenda americana. Uma casa de pedra com varanda coberta, telhado vermelho em arco no celeiro, anexos curtidos pelo tempo e dois cachorros latindo, ganindo e levantando neve com saltinhos, completavam o cenário que atraiu Regan.

Ela passou de carro pela casa MacKade inúmeras vezes — quando os campos eram marrons e sulcados pelo arado, altos de feno e milho. Chegou a parar uma ou duas vezes para ver Shane dirigindo o trator e pensou em como ele parecia inteiramente integrado à terra.

Não conseguia visualizar Rafe MacKade na mesma cena.

— Você não voltou para cuidar da fazenda, imagino — Regan comentou.

— Claro que não! Shane gosta dela, Devin tolera. Jared a encara como um empreendimento contínuo.

— E você, Rafe?

— Detesto.

— Nenhuma ligação com a terra?

— Eu não disse isso. Disse que detesto cuidar de fazenda.

Ele saltou do carro, brincando com os cães. Antes que ela pisasse na neve de

trinta centímetros de profundidade, já a erguera nos braços.

— Quero que pare de fazer isso. Sou perfeitamente capaz de atravessar uma nevezinha.

— Botas de cidade. Muito bonitas, por sinal — elogiou ele, carregando-a até a varanda. — Você tem pés pequenos. Fiquem aí fora — ordenou aos cachorros.

Sem dificuldade, abriu a porta, empurrou-a com o cotovelo e levou-a para dentro.

— Ei, Rafe, que trouxe aí?

Rindo, ele ajeitou Regan nos braços e piscou o olho para o irmão.

— Arranjei uma mulher para mim.

— E bem bonita, por sinal. — Shane jogou a lenha que segurava no fogo e empertigou-se. — Olá, Regan!

— Shane!

— Tem café quente? — perguntou Rafe.

— Claro. — Shane encaixou a lenha no lugar com um chute da bota. — A cozinha nunca fecha.

— Ótimo. Agora suma.

— Ora, que grosseria com seu irmão! — disse Regan, soprando os cabelos para fora dos olhos, com Rafe a

carregá-la pelo corredor, e entrando na cozinha.

— Você é filha única, certo?

— Sou, mas...

— Foi o que imaginei. — Largou-a em uma das cadeiras de bambu junto à mesa da cozinha. Tirou o casaco e pendurou-o em um gancho da porta dos fundos, de onde já pendia a pesada japona de trabalho do irmão. Em um armário de vidro, escolheu duas canecas brancas.

— Quer alguma coisa para acompanhar? Uma mulher esperançosa vive assando biscoitos para Shane. E aquela bonita e inocente cara dele.

— Bonita, talvez. Todos vocês são bonitos... Bem, vou dispensar os biscoitos.

Ele largou uma caneca fumegante diante dela. Por hábito, virou uma cadeira ao contrário e montou-a.

— Então vai dispensar a mansão também? — perguntou.

Ela examinou o café, provou-o e achou-o delicioso.

— Tenho muitas peças estocadas que acho que você vai considerar mais que perfeitas quando estiver tudo pronto para mobiliar a casa — disse. Regan. — Também fiz um pouco de pesquisa sobre

os esquemas tradicionais de cor e tecidos daquele período.

— Isso é um sim ou um não, Regan?

— Não, não vou dispensar o trabalho. E vai-lhe custar um bom dinheiro.

— Não me diga que ficou com medo.

— Eu não disse isso, exatamente. Mas agora sei o que esperar. Posso garantir que não vou desfalecer aos seus pés uma segunda vez.

— Eu já ia quase desmaiando assim que a vi caindo. Você me matou de susto. — Ele estendeu a mão para brincar com os dedos dela apoiados na mesa. — Em

sua pesquisa, desencavou alguma coisa sobre os dois cabos?

— Os dois cabos?

— Devia ter perguntado à velha Sra. Metz. Ela adora contar a história. Que tipo de relógio é este?

— De cerca de 1920. É de marcassita. Que sabe sobre os dois cabos?

— Parece que dois soldados se extraviaram dos regimentos durante a batalha. O campo de milho a leste daqui ficou cheio de fumaça e pólvora. Alguns dos soldados combatiam entre as árvores, outros simplesmente desapareceram ou ficaram agonizando lá.

— Parte da batalha ocorreu aqui, nos seus campos?

— Parte, sim. A Guarda Florestal demarcou tudo. De qualquer modo, esses dois, um da União, outro dos Confederados, separaram-se dos regimentos. Não passavam de dois meninos, na certa, aterrorizados. Quis a má sorte juntá-los na mata que forma o limite entre a terra das famílias MacKade e Barlow.

— Oh! Eu tinha esquecido que as propriedades fazem divisa uma com a outra.

— É menos de um quilômetro desta casa até a dos Barlows, seguindo por entre as árvores. De qualquer modo, eles

se viram cara a cara. Se um dos dois tivesse tido algum bom senso, teria corrido em busca de abrigo e dado graças a Deus. Mas não tiveram. Trataram de abrir buracos um no outro. Ninguém sabe qual dos dois saiu se arrastando primeiro. O confederado conseguiu chegar até a Mansão Barlow. As probabilidades são de que já estivesse semimorto, mas conseguiu se arrastar até a varanda. Uma das escravas viu o rapaz e, sendo simpatizante do sul, puxou-o para dentro de casa. Ou talvez apenas tivesse visto um menino morrendo e fez o que julgou certo.

— E ele morreu na casa... — murmurou Regan, desejando não ver a cena com tanta clareza.

— E. A escrava correu para chamar a ama, que era Abigail O'Brian Barlow, dos O'Brian, da Carolina. Ela havia acabado de dar ordens para que levassem o garoto para cima, onde podia tratar de seus ferimentos. O marido apareceu. Atirou nele, bem no alto da escada.

— Oh, meu Deus! Por quê? — exclamou Regan, saltando da tristeza direto para o horror.

— A mulher dele ia pôr as mãos em um soldado confederado. Ela morreu dois anos depois. Conta a história que nunca tornou a dizer uma única palavra ao marido. Aliás, não tinham mesmo muito a dizer um ao outro antes. Acredita-se que se tratava de um daqueles casamentos

arranjados. Diziam até que ele gostava de bater nela.

— Em outras palavras, um príncipe entre os homens — disse Regan, irônica.

— É o que diz a história. Ela era delicada e infeliz.

— E encurralada... — murmurou Regan, pensando em Cassie.

— Não creio que as pessoas falassem muito sobre maus-tratos naquela época. Divórcio... Provavelmente não era uma opção naquelas circunstâncias. De qualquer modo, atirar naquele menino bem na frente dela deve ter sido a gota d'água. A última crueldade que ela pôde

suportar. Mas isso é só metade da história.

Ela deu um suspiro e levantou-se.

— Acho que preciso de mais café.

— O iaque saiu cambaleando na direção contrária — continuou Rafe, murmurando um "obrigado" quando ela lhe serviu uma segunda caneca. — Meu bisavô o encontrou desmaiado perto do defumadouro. Ele tinha perdido o primogênito em Buli Run... morto usando o uniforme cinza dos confederados.

Regan fechou os olhos.

— Ele matou o menino?

— Não. Talvez tenha pensado nisso, talvez pensado em apenas o deixar ali sangrando até a morte. Mas o pegou e levou para a cozinha. E com a mulher e as filhas, trataram dele na mesa. Não nesta — acrescentou com um sorriso.

— Muito tranquilizante.

— O rapazinho voltou a si algumas vezes, tentou dizer alguma coisa a eles. Durou o resto daquele dia e quase toda a noite, mas morreu ao amanhecer.

— Eles fizeram tudo que podiam.

— E, mas agora havia um soldado da União morto na cozinha, o sangue dele no chão da casa. Todo mundo que os conhecia sabia que eram fiéis

simpatizantes sulistas, haviam perdido um filho para a causa e tinham mais dois ainda combatendo por ela. Ficaram com medo, então esconderam o cadáver. Quando escureceu, o enterraram, com o uniforme, a arma e uma carta da mãe no bolso. Por isso, esta casa também é mal-assombrada. Achei que você ia se interessar.

Ela não falou por um momento e afastou o café.

— Sua casa é mal-assombrada?

— A casa, a floresta, os campos. A gente se acostuma. Nunca falamos muito sobre isso; é um fato que faz parte da nossa vida. Talvez a gente também sentisse alguma coisa na floresta à noite,

ou nos campos, quando a manhã era enevoada e silenciosa demais.

— Sorriu um pouco da curiosidade nos olhos dela.

— Mesmo os cínicos sentem alguma coisa quando ficam em um campo de batalha. Depois que minha mãe morreu, até a casa parecia meio... agitada. Ou talvez fosse apenas eu.

— Foi por isso que partiu?

— Tinha montes de motivos para partir.

— E para voltar?

— Um ou dois. Eu lhe contei a primeira parte da história, porque

imaginei que você devia entender a Mansão Barlow, pois vai ficar envolvida com ela. E o resto... — Estendeu a mão e abriu os dois botões pretos do blazer dela. — Porque vou me hospedar na fazenda por algum tempo. Agora você decide se quer que eu a traga para cá, ou se preferiria que eu fosse à sua casa.

— Meu catálogo e coleção estão na loja, por isso...

— Não estou falando disso.

Pegou o queixo dela, manteve os olhos fixos em Regan e a beijou.

A princípio, de leve, testando. Depois, com um murmúrio de satisfação, mais profundamente, para que ela abra-se

os lábios e os aquecesse. Sentiu o hálito sair da boca e entrar na sua. O esfumaçado perfume da pele da moça era inebriante.

Regan mantinha as mãos cerradas com força no colo. Horrorizava-a quanto queria usá-las nele. Arrastá-las pelos seus cabelos, sentir os músculos sob aquela desbotada camisa de flanela. Mas não o fez.

Quando Rafe tornou a endireitar-se, Regan continuou com as mãos onde estavam e deu-se algum tempo para nivelar a voz.

— Somos parceiros profissionais, não colegas de recreação.

— Temos negócios a tratar — ele concordou.

— Teria feito essa manobra se eu fosse homem?

Ele encarou-a. O riso abafado começou baixo e desabrochou em uma gargalhada gostosa, enquanto ela se contorcia pela maneira ridícula como formulara a pergunta.

— Dou-lhe um definitivo não a esta pergunta. Imagino que nesse caso você na certa também não ia querer retribuir o beijo.

— Escute, vamos esclarecer logo isso. Eu já fiquei a par de tudo sobre os

irmãos MacKade e como são irresistíveis para as mulheres.

— Tem sido uma maldição toda a nossa vida.

— A questão é a seguinte: não estou interessada em namoricos, em casos, nem em relacionamentos...

Diabos o levassem se ela não era ainda mais sedutora quando cheia de nove horas.

— Vou gostar de mudar essa sua decisão. Por que não começamos com o namorico e avançamos a partir daí até o fim?

Ela se levantou bruscamente e vestiu o casaco.

— Só em seus sonhos.

— Tem razão quanto a isso. Que tal eu a levar para jantar fora?

— Por que não me leva de volta ao meu carro?

— Muito bem. — Sem se ofender, ele se levantou para tirar o casaco do gancho. — As noites são longas e frias nessa época do ano.

— Arranje um livro — ela sugeriu, atravessando o corredor.

— E isso o que faz? Vou ter de colocar um pouco de excitação em sua vida.

— Gosto da minha vida do jeito que ela é, obrigada. Não me pegue no... — A ordem terminou com ele erguendo-a nos braços. — MacKade — disse a moça com um suspiro, enquanto Rafe a levava no colo até o carro —, estou começando a achar que você é tão mau quanto todo mundo diz. — Pode ter certeza que sim!

CAPITULO TRÊS

Era um barulho agradável. A pancada de martelos, o zunido de serras, das máquinas de furar. E atrás disso tudo vinha a animada propaganda de uma estação de rádio de música country.

Um barulho que Rafe conheceu a vida toda. É diferente do estardalhaço do galpão de ordenha ou do zumbido de um trator no campo. Ele o preferia. Escolhera-o no dia que partiu de Antietam.

O trabalho de construção provavelmente o salvou. Não tinha o

menor problema em admitir que andou à procura de confusão quando saiu cantando pneu de Washington County uma década antes na moto Harley de segunda mão. Porém precisava comer, portanto precisou trabalhar.

Amarrou um cinturão de ferramentas e pôs para fora no suor a pior das frustrações.

Ainda lembrava quando olhara a primeira casa de cuja construção participara. Ocorreu-lhe um lampejo que podia fazer alguma coisa importante. E que faria alguma coisa de si mesmo.

Assim poupou, souou e aprendeu.

A primeira casa que comprou na Flórida era pouco mais que um barraco. Sufocou no pó das chapas de gesso, martelou até os músculos chorarem com o esforço. Mas ganhou um bom lucro e usou-o para comprar de novo. E vender de novo.

Em quatro anos, a minúscula empresa sem muitos recursos, chamada MacKade, conquistou uma boa reputação pelo trabalho confiável e de qualidade.

Mesmo assim, ele nunca parou de rever o passado. Agora, ali no salão da Mansão Barlow, entendeu que fechara o círculo.

Ia fazer alguma coisa na cidade da qual quis fugir como do diabo. Se ficaria

ou não após terminá-la, ainda não decidira. Mas teria, afinal, deixado sua marca.

Acocorado diante da lareira, Rafe examinou a construção de pedra. Já trabalhara na chaminé, que estava coberta de fuligem e sujeira, e a desobstruía, pensou com satisfação. A primeira coisa que ia fazer ao instalar o novo revestimento para deixá-la segundo o código de obras seria acender o fogo.

Queria apenas os suportes com as armações metálicas originais da época para apoiar a lenha e a grade certa. Podia contar com Regan para isso.

Dando um sorrisinho, pegou a pá para misturar e desempolar um balde de

argamassa. Tinha a sensação de que podia contar com ela para a maioria das coisas.

Com cuidado, começou a reencher com argamassa as juntas das pedras da lareira.

— Imaginei que o patrão estivesse sentado a uma escrivaninha, fazendo contas.

Rafe virou-se para trás e ergueu uma sobrancelha ao ver Jared parado no centro da sala, os brilhantes sapatos pretos em cima de um pano de chão salpicado de argamassa. Por algum motivo, seus óculos escuros Ray-ban não destoavam do terno de três peças cinza de risca de giz.

— Isso é só para advogados e contadores.

O irmão tirou, os óculos escuros e enfiou-os no bolso do paletó.

— E pensar no que seria o mundo sem eles.

— Mais simples. — Rafe enfiou a pá na argamassa e lançou um olhar ao irmão. — Vai a algum enterro?

— Tenho negócios no centro. Pensei em dar uma passada por aqui e ver como andam as coisas. — Jared observou a sala em volta, depois desviou de novo os olhos para o saguão ao ouvir alguma coisa cair e alguém xingar. — Então, como andam as coisas?

— Bem. — Rafe suspirou ao ver Jared pegar um charuto fino. — Sobre um pouco disso aqui perto de mim, sim? Parei de firmar há dez dias e estou quase enlouquecendo.

— Reformando? — Obediente, Jared aproximou-se e acocorou-se.

Rafe deu um soco no mármore rosa granulado rosa.

— É uma Adam autêntica, amigo.

Jared grunhiu e prendeu o charuto entre os dentes.

— Precisa de alguma ajuda aqui? Suavemente, Rafe baixou os olhos.

— Você está com os sapatos de advogado.

— Quis dizer durante o fim de semana.

— São sempre bem-vindas umas costas a mais.

— Satisfeito com a oferta, Rafe tornou a pegar a pá.

— Como vão as suas?

— Tão boas quanto as suas.

— Ainda malhando? — perguntou Rafe. — Eu continuo achando que academias são para maricas.

Jared soprou uma baforada de charuto.

— Quer disputar uma partida, mano?

— Claro, quando você não estiver tão belamente vestido. — Para torturar-se, Rafe aspirou a fumaça de segunda mão. — Obrigado por cuidar do contrato de venda deste lugar para mim.

— Ainda não recebeu minha conta. — Sorrindo, Jared levantou-se. — Achei que tivesse pirado quando me ligou pedindo que fosse atrás da casa. Então dei uma conferida. — Virou-se, ainda rindo. — E vi que tinha pirado mesmo. Você quase roubou o lugar, mas imagino que vá lhe custar duas vezes o preço de compra para torná-la habitável.

— Três vezes para fazê-la do jeito que eu quero — corrigiu Rafe.

— De que jeito a quer?

— Do jeito que era antigamente — respondeu ele, raspando a borda da pá sobre a pedra, nivelando a argamassa.

— E difícil conseguir... — murmurou Jared. — Mas não parece que anda tendo problemas com mão de obra. Imaginei que teria, considerando-se a fama de mal-assombrada da casa.

— O dinheiro fala mais alto. Mas perdi um bombeiro hidráulico esta manhã. Inspeccionavam os canos em um dos banheiros do segundo andar. Daí, esse cara falou que alguém apertou a mão em seu ombro. Correu a toda até a estrada. Não creio que volte.

— Algum outro problema?

— Nada para que eu precise de um advogado. Você conhece a piada do advogado e a cascavel?

— Conheço todas — disse Jared, secamente. — Mantenho um arquivo atualizado.

Com um riso abafado, Rafe limpou as mãos n calça jeans.

— Você se saiu bem, Jared. Mamãe teria gostado de vê-lo todo janota assim. — Por um momento, nada disse. Ouvia-se apenas a raspagem da pá na pedra. — É estranho ficar na fazenda. Quase sempre só eu e Shane. Devin passa metade das noites na delegacia. Você naquela elegante

casa no bairro residencial da cidade. Quando ouço Shane se levantar de manhã, ainda está escuro. Tinha que ver a alegria idiota. Como se sair para ordenhar vacas no inverno fosse motivo de risadas.

— Ele sempre adorou. E manteve aquela fazenda viva.

— Eu sei.

O irmão reconheceu o tom e abanou a cabeça, pesaroso.

— Você fez sua parte, Rafe. O dinheiro que mandou para casa fez uma grande diferença. — Com os olhos sombreados, Jared olhou pela janela suja.

— Estou pensando em vender a casa em Hagerstown.

— Como o outro nada disse, ele encolheu os ombros. — Pareceu prático conservá-la após o divórcio. O mercado andava devagar e só conseguimos título de dois anos. Barbara não quis.

— Ainda dolorido?

— Não. O divórcio foi há três anos e Deus sabe que foi civilizado. Já não gostávamos mais um do outro.

— Eu nunca gostei dela.

Jared contraiu os lábios em um tique nervoso.

— Eu sei. De qualquer modo, ando pensando em vendê-la, ficar na fazenda durante algum tempo, até encontrar o lugar certo.

— Shane vai gostar. Eu também. Senti saudades de você. — Rafe esfregou a mão suja no queixo. — Só percebi o quanto senti quando voltei. — Satisfeito com o reenchimento das juntas, raspou a pá na borda do balde. — Então, quer contribuir com algum trabalho braçal no sábado?

— Você paga a cerveja. Rafe assentiu com a cabeça.

— Vamos ver suas mãos, moço da cidade!

A resposta de Jared foi de baixo calão, proferida assim que Regan entrou na sala.

— Bela boca, advogado — disse Rafe, com um sorriso no rosto. — Olá, querida.

— Estou interrompendo?

— Não. O cara da sarjeta aqui é meu irmão Jared.

— Eu sei. É meu advogado. Olá, Jared.

— Regan! — Jared encontrou uma lata vazia de refrigerante e enfiou o toco do charuto. — Como vai o negócio?

— Acelerando, graças a seu irmãozinho. Trouxe alguns cálculos, números, sugestões, amostras de tinta e tecido — disse ela a Rafe. — Achei que gostaria de dar uma olhada.

— Tem andado ocupada, hein? —
Ele se acocorou de novo e abriu a tampa
de uma pequena geladeira portátil. —
Quer uma bebida?

— Não, obrigada.

— Jared?

— Uma saideira. Tenho outro
compromisso. — Agarrou a lata no
arremesso e pegou os óculos escuros. —
Foi um prazer rever você, Regan.

— Sábado! — gritou Rafe, quando
Jared saiu da sala. — Às sete e meia! Da
manhã, xará! E mande passear o terno!

— Eu não pretendia expulsá-lo —
disse Regan.

— Não expulsou. Quer se sentar?

— Onde?

Ele bateu de leve em um balde emborcado.

— É muito gentil de sua parte, mas não posso ficar. Estou na minha hora de almoço.

— A patroa não vai despedi-la.

— Ela sem dúvida vai. — Regan abriu a maleta e tirou duas grossas pastas. — Está tudo aqui. Assim que tiver uma chance de olhar, me avise. — Por falta de outro lugar melhor, pôs as pastas sobre dois cavaletes de serrador.

— Quando a gente sabe o que quer, não tem sentido perder tempo. Então, e o jantar?

— Jantar?

— Esta noite. Podemos ver essas pastas. Economiza tempo.

— Hum... — Ainda franzindo a testa, ela correu os dedos pelos cabelos. — Acho que sim.

— Que tal às oito? Vamos ao Acendedor de Lampião.

— Onde?

— No Acendedor de Lampião!Aquele restaurantezinho perto da rua principal.

Ela inclinou a cabeça, como se visualizasse a cidade.

— Tem uma loja de vídeo por ali também. Rafe enfiou as mãos nos bolsos.

— Era um restaurante. A loja é de ferragens agora.

— Acho que mesmo as cidades pequenas têm lá suas mudanças.

— E... Gosta de comida italiana?

— Sim. Mas o restaurante italiano mais perto é no outro lado do rio, já em West Virgínia. A gente pode simplesmente se encontrar no da Ed.

— Não. Italiana. Passo na sua casa às sete e meia. — Precisando calcular o

tempo, ele puxou um relógio do bolso. — E, dá para eu chegar às sete e meia.

— Que belo relógio! — Sem pensar, ela se aproximou e pegou o pulso dele, para dar uma olhada melhor no relógio de bolso. — Hum... American Watch Company, meados de 1800. Prata de lei, bom estado. Dou setenta e cinco dólares por ele.

— Eu paguei noventa. Ela riu.

— Então fez uma ótima compra. Vale cento e cinquenta. — Mas... você não parece o tipo de pessoa que usa relógio de bolso.

— Use um no pulso no meu ofício, que acaba esmagado. — Ele sentiu

vontade de tocá-la. Estava tão bem arrumada e bonita que a ideia de bagunçá-la o atraía enormemente. — Que droga minhas mãos estarem tão sujas!

— Seu rosto também. Mas você continua bonito. Sete e meia, então. Não esqueça as pastas.

Ela trocou de roupa três vezes antes de dar-se conta. E um jantar de negócios! Um jantar de negócios! Embora a aparência fosse importante, era secundária.

Mordeu o lábio e perguntou-se se devia ter ido com o pretinho básico afinal.

Não, não, não. Chateada consigo mesma, pegou a escova de cabelos.

Melhor a simplicidade. O restaurante em West Virgínia era informal, estilo família. A finalidade, apenas profissional. O blazer, a calça e a blusa de seda verde, o traje correto. Mas não fazia mal avivá-lo com o alfinete de lapela de pedra-da-lua. Talvez os brincos não ficassem bem. Podia ir com as argolas de ouro simples, em vez dos pingentes mais chamativos.

Ao diabo com isso! Largou a escova e calçou as botas de camurça. Não ia cair na arapuca de pensar no jantar como um encontro pessoal. Não queria namorar Rafe MacKade. Naquele momento, com o trabalho se mostrando verdadeira promessa, não queria namorar ninguém.

Um relacionamento, se ela resolvesse cultivar algum, só três anos à frente. No mínimo. Jamais cometeria o erro da mãe e dependeria de alguém além de si mesma para apoio emocional e financeiro. Primeiro, tornaria uma certeza sua segurança. E depois, se e quando escolhesse, pensaria em partilhar a vida.

Ninguém ia dizer-lhe se podia ou não trabalhar. Jamais teria de bajular um homem a fim de obter alguns dólares extras para comprar um vestido novo. Talvez conviesse aos pais viverem assim — e os dois sempre pareceram muito felizes. Mas aquela não era a vida que Regan queria.

Era horrível o fato de Rafe ser tão perigosamente atraente. E, notou ao ouvir a batida na porta, pontual.

Confiante mais uma vez, após o rápido monólogo de encorajamento, ela saiu do quarto, atravessou a pequena sala de estar e abriu a porta.

E, oh, pensou uma última vez, era horrível mesmo.

Ele dardejou-lhe aquele sorriso e varreu-a com aqueles maravilhosos olhos verdes de cima a baixo.

— Muito bonita... Antes que a moça pudesse pensar em evitá-lo, ele roçou a boca nos seus lábios.

— Vou pegar meu casaco — ela começou, depois parou, a porta ainda aberta ao vento. — Que é isso?

— Isso? — Ele empurrou os sacos que trazia. — São os ingredientes do jantar. Onde fica a cozinha?

— Eu... — ela balbuciou. Mas ele já entrava e fechava a porta. — Achei que fôssemos sair.

— Não, eu disse que íamos ter comida italiana. — Deu uma geral na sala. Poltronas de formas arredondadas, mesas brilhantes, belos enfeites e flores frescas. Tudo muito feminino, pensou. E b retrato de uma vaca mal-humorada acima do sofá dava um tom brincalhão.

— Está me dizendo que vai preparar o jantar para mim?

— E o meio mais rápido, sem contato físico, de levar uma mulher para a cama. A cozinha é por ali?

Quando ela conseguiu fechar a boca, seguiu-o até a cozinha.

— Você cozinha bem?

Gostando da pergunta, ele sorriu e começou a tirar os ingredientes da sacola.

— Você terá de me dizer. Tem uma frigideira?

— Sim, claro que tenho uma frigideira.

Ela tirou uma grande, de ferro fundido, do armário e bateu-a na palma da mão.

— Me bata com ela e vai perder meu ziti com tomate e manjericão — Rafe brincou.

— Zitu — Após correr a língua em volta dos dentes, ela pôs a frigideira sobre o fogão. — Tem certeza que é de comer?

Pegou uma segunda panela para a massa e entregou-a.

Assim que a encheu de água e pôs para ferver, Regan ficou olhando-o lavar folhas para uma salada.

— Onde aprendeu a cozinhar?

— Todos nós cozinhamos. Faca de chefe? Minha mãe não acreditava em trabalho de mulher e trabalho de homem. Obrigado — ele acrescentou, começando a picar com um jeito rápido, que fez Regan erguer as sobrancelhas. — Era apenas trabalho — continuou.

— Ziti não parece comida de fazenda.

— Mamãe tinha uma avó italiana. Pode chegar um pouco mais perto?

— Como?

— Seu cheiro é tão bom. Gosto de sentir o seu cheiro.

Ignorando isso, ela pegou o vinho que ele trouxe junto com os ingredientes.

— Que tal abrir o vinho?

— Por que não?

Após deixá-lo na bancada, meteu-se de repente atrás dele para alcançar o armário e pegar uma saladeira. Quando Rafe pediu música, ela correu de volta à sala e pôs County Basie, em volume baixo. Por que ficava um homem tão sensual com as mangas arregaçadas, ralando cenoura em uma salada?

— Não abra esse azeite — disse ela.

— Tenho o meu.

— Extravirgem?

— Claro!

Ela largou um recipiente de cobre alto, fino e com um bico de esguichar na bancada.

— County Basie, azeite próprio... —
Ele cravou os olhos nos dela. — Quer se casar comigo?

— Por que não? Tenho tempo livre no sábado.

Sorrindo, porque ele não teve resposta tão rápida para isso, a moça estendeu a mão acima para pegar taças de vinho.

— Eu planejava trabalhar no sábado — Rafe retrucou.

Observando-a, pôs a salada de lado.

— E o que todos dizem.

Meu Deus, Reagan era uma mulher incrível! O homem se aproximou mais, enquanto ela servia o vinho.

— Basta me dizer que gosta de assistir a beisebol na TV e fazemos um trato.

— Desculpe. Eu detesto esportes — respondeu ela.

Rafe se aproximou ainda mais.

— É bom que eu tenha descoberto essa falha agora, antes de termos cinco ou seis filhos e um cachorro.

— Você é um cara de sorte.

Com o coração aos saltos, Regan mais uma vez recuou.

— Eu gosto disso — murmurou ele, correndo o dedo pelo pequeno sinal na pele ao lado da boca. Aproximando-se devagar, abriu os botões do blazer dela.

— Por que vive fazendo isso?

— Fazendo o quê?

— Brincando com os meus botões.

— Só praticando. — Ele deu um sorriso rápido como um raio e igualmente ousado. — Além disso, você está sempre tão bem arrumada, que não resisto em descontraí-la um pouco.

A retirada dela terminou com as costas entre a lateral da geladeira e a parede.

— Parece que se meteu em um beco sem saída, querida.

Ele se aproximou devagar, deslizou as mãos em volta da cintura dela e encaixou a boca na sua. Levou um longo tempo experimentando, os dedos abertos sobre a caixa torácica, parando pouco antes da curva dos seios.

A moça não conseguia impedir a aceleração da respiração, nem que os lábios respondessem. A língua dele saltitou sobre a dela. O gosto era extremamente viril.

A pequena parte da mente de Regan que ainda funcionava advertia-a de que ele sabia exatamente como afetar as mulheres. Todas. Qualquer uma. Mas seu corpo parecia não dar a mínima importância.

De repente, o sangue começou a correr mais forte, a pele a vibrar. Ela teve certeza de que os seus ossos estavam se derretendo.

Excitava-a olhar Rafe. E ele achava fantástico o leve fulgor de desejo brotando na face de Regan. E aquele rápido tremor quando roçou de leve os mamilos dela...

Com esforço, ele impediu-se de avançar mais.

— Meu Deus. Está ficando melhor a cada vez.

— Esfregou delicadamente o nariz até a orelha dela.

— Vamos experimentar mais uma vez?

— Não.

Surpreendeu-a o que disse, desejando dizer coisa totalmente diferente. Na defesa, apertou a taça de vinho contra o peito dele.

Rafe baixou os olhos para o copo e depois os ergueu de volta para o rosto dela. Agora os dele não sorriam, nem pareciam gentilmente divertidos. Tinham um ar sombrio desta vez. Apesar de todo

bom senso, ela se viu atraída por aquele homem... e aos diabos com todas as consequências!

— Sua mão está tremendo, Regan.

— Eu sei — respondeu ela.

Falou devagar, sabendo que era a palavra errada, a jogada errada, e que o que via nos olhos dele ia saltar e devorá-la. E ela deixaria. E adoraria.

Era uma coisa na qual decididamente tinha de pensar.

— Tome o vinho, Rafe. E tinto. Vai deixar uma mancha feia nessa camisa.

Por um momento, ele nada disse. A moça o temia, notou, resolvendo que era

elegante temer. Uma mulher como aquela não tinha a mínima ideia do que um homem como ele era de fato capaz.

Rafe pegou a taça, bateu-a de leve na dela, fazendo tinir o cristal, e tornou a virar-se para o fogão.

Ela se sentia como se houvesse evitado por um triz a queda de um penhasco. E percebeu que já se arrependia de não ter dado o mergulho.

— Acho que eu devia dizer alguma coisa. Eu, hum... — Deu uma longa inspirada, e em seguida tomou um gole de vinho ainda mais volumoso.

— Não vou fingir que não me sinto atraída por você, nem que não gostei

disso, quando obviamente gostei — acabou desabafando.

Tentando relaxar, ele recostou-se na bancada e examinou-a.

— E?

— E... — Ela ajeitou os cabelos para trás. — E eu acho que as complicações são... complicadas — respondeu sem convicção. — Não quero... isto é, não acho... — Fechou os olhos e bebeu mais uma vez. — Estou gaguejando.

— Eu percebi. E um agradável incentivo para o ego.

— Seu ego não precisa de qualquer incentivo. Você é muito prepotente. Mas

não tenho a menor dúvida de que o sexo seria memorável... Não ria de mim assim.

— Desculpe — o sorriso não se desfez. — Deve ter sido a sua escolha de palavras. Memorável é bom. Eu gosto do som. Por que não poupamos tempo? Entendi o que quer dizer. Você quer ruminar a ideia, só dar o passo seguinte quando estiver pronta.

Regan pensou e depois assentiu devagar com a cabeça.

— Acertou quase em cheio.

— Tudo bem. Agora ouça a minha opinião. — Ele acendeu o bico de gás sob a frigideira e adicionou azeite na frigideira. — Eu realmente a quero.

Percebi isso de cara, quando entrei no Café da Ed e vi você ali sentada com a Cassie.

Ela se esforçou para ignorar as pontadas na barriga.

— Foi por isso que me ofereceu o trabalho na Mansão Barlow?

— Você é inteligente demais para fazer uma pergunta dessas. Isto tem a ver com sexo. Sexo é pessoal.

— Tem razão — ela assentiu, mais uma vez com a cabeça. — Tem razão.

Ele pegou um tomate-cereja e observou-o.

— O problema é que não me preocupo muito em ruminar coisas como essa. Por mais que a gente fantasie, o sexo continua sendo animal. Cheiro, tato, paladar — afirmou ele, os olhos ficando mais uma vez escuros, estouvados. Ergueu a faca e testou a ponta. — Serve. Mas isso é apenas comigo e somos dois aqui. Portanto, vá em frente com sua ruminção.

Desconcertada, ela o encarou enquanto ele escolhia um dente de alho.

— Espera que eu lhe agradeça a compreensão?

— Não. — Habilmente, ele pôs a parte horizontal da faca sobre o alho e deu-lhe um rápido golpe com o punho

para esmagá-lo. — Espero que me entenda, como eu entendo você.

— Você é um verdadeiro homem de vinte anos atrás, MacKade.

— Não, não sou. E vou fazê-la gaguejar de novo. Pode contar com isso.

Desafiada, ela pegou o vinho e encheu as taças dos dois.

— Bem, e conte com o seguinte. Se e quando eu resolver avançar, você também vai gaguejar.

Ele pegou o alho picado e jogou-o no azeite, fazendo-o chiar.

— Gosto da sua classe, querida. Gosto mesmo da sua classe...

CAPÍTULO QUATRO

O céu ensolarado e a brisa do sul trouxeram um bem-vindo aumento na temperatura, em fins de janeiro. Pingentes de gelo caíam lindos dos beirais e brilhavam como arco-íris. Nos jardins, os bonecos de neve começavam a emagrecer. Regan passou uma agradável semana assinalando peças do estoque para a Mansão Barlow e à caça de novas peças para sua coleção nos leilões.

Quando o trabalho estava mais tranquilo, ela revisava seu esquema de decoração, aposento por aposento, do que ia ser a Pousada MacKade em Antietam.

Mesmo naquele momento, ao descrever as qualidades de um aparador para um casal de compradores muito interessados, pensava na casa. Ela estava tão obcecada pela casa quanto Rafe antes de comprá-la.

O quarto da frente, no segundo andar, pensou, devia ter uma cama de quatro colunas com dossel, papel de parede de botões de rosa e armário de pau-cetim. Uma romântica e tradicional suíte de recém-casados completa, com potes de ceras aromáticas à base de pétalas secas, ervas, especiarias e vasos cheios de flores frescas.

O que fora a sala de estar, no primeiro andar, tinha uma maravilhosa

vista para o sul. Claro, Rafe precisava escolher as janelas certas, mas ficaria espetacular em cores ensolaradas com um trio de figueiras, samambaias suspensas em vasos de cerâmica esmaltada e bergères de encostos altos, prolongando-se para os lados em uma espécie de orelha.

Era perfeita para uma estufa de plantas, um lugar de onde se apreciassem pela vidraça os bosques e os jardins, com resistentes narcisos e jacintos avivando o inverno.

Mal podia esperar a hora de pôr as mãos na casa, acrescentar esses pequenos e perfeitos detalhes que a tornariam mais uma vez um lar.

Ou melhor, uma pousada. Uma empresa. Confortável, encantadora, mas temporária. E não era dela. Com esforço, abanou a cabeça para clareá-la e concentrar-se na venda imediata.

— Vocês veem que o trabalho de marchetaria é de alta qualidade — ela continuou, mantendo o tom de vendas moderado e simpático. — O vidro dos armários abaulados laterais ainda é o original.

A mulher apalpou a discreta etiqueta, desejosa, e o aguçado olhar de Regan captou o olhar esperançoso que ela enviou ao marido menos entusiasmado.

— É realmente lindo. Mas apenas um pouco acima do que tínhamos em

mente.

— Eu entendo. Mas nesse estado de conservação... — ela se interrompeu quando a porta se abriu, furiosa com o rápido salto que dera, e depois a imediata decepção ao ver que não era Rafe quem entrava.

Antes de dar um sorriso de boas-vindas a Cassie, viu os hematomas no rosto da amiga.

— Queiram me desculpar apenas um momento, vou lhes dar tempo para conversarem.

Com uma antiga pulseira de balangandãs tilintando no pulso, sapatos estalando, atravessou rápido a loja. Sem

nada dizer, pegou o braço de Cassie e levou-a para a sala dos fundos.

— Sente-se... Vamos. —

Gentilmente, sentou-a em uma cadeira junto à pequena mesa de ferro. — Qual a gravidade dos ferimentos?

— Não é nada. É apenas...

— Cale a boca. — Reprimindo o ímpeto de raiva, Regan bateu com força uma chaleira em uma chapa de aquecimento. — Perdão. Vou fazer um pouco de chá. — Precisava de um momento, percebeu, para poder lidar racionalmente com aquilo. — Enquanto a água ferve, vou terminar de resolver o negócio com meus clientes. Fique sentada aí e tente relaxar um pouco.

Com vergonha nos olhos, Cassie baixou-os para as mãos.

— Obrigada.

Dez minutos depois, não conseguindo vender o aparador, Regan voltou correndo. Disse a si mesma que manteria a indignação sob controle. Prometeu que seria compreensiva e solidária.

Uma olhada em Cassie, desabada na cadeira, fez Regan explodir.

— Por que diabo permite que ele faça isso em você? Quando vai se encher de ser o saco de pancadas desse safado sádico? Será que ele vai ter que mandar

você para o hospital antes de você ir embora?

Em total derrota, Cassie dobrou os braços na mesa, deitou a cabeça sobre eles e chorou.

Regan ajoelhou-se ao lado da cadeira. No bem arrumado escritorzinho, com poltronas bege de salão e organizada escrivaninha com tampo corrediço, esforçou-se para enfrentar a realidade do espancamento.

— Cassie, eu sinto, sinto muito, Cassie. Eu não devia berrar com você.

— Eu não devia ter vindo aqui. — Erguendo a cabeça, Cassie cobriu o rosto com a mão e esforçou-se para recuperar o

fôlego. — Eu não devia ter vindo. Mas simplesmente precisava de alguém com quem conversar.

— Claro que devia ter vindo aqui. E exatamente onde devia ter vindo. Deixe eu dar uma olhada

— murmurou Regan, afastando a mão de Cassie. Os hematomas corriam desde a têmpora até o maxilar, em um medonho arroxeadado. Um dos lindos olhos acinzentados estava quase fechado de tão inchado.

— Oh, Cassie, que foi que aconteceu? Quer me contar?

— Ele... Joe... não vinha se sentindo bem. Essa gripe que anda dando por aí. —

Esganiçava a voz e tremia de nervoso. — Ele perdeu um monte de trabalho e foi demitido ontem. — Evitando os olhos de Regan, ela remexeu na bolsa à procura de um lenço de papel. — Ficou fora de si... trabalhou lá durante quase doze anos. As contas. Acabei de comprar uma nova máquina de lavar a crédito e Connor quis um tênis novo. Eu sabia que era caro demais, mas...

— Pare — disse Regan, pondo a mão na da amiga.

— Pare de se culpar. Não aguento quando faz isso.

— Eu sei que estou inventando desculpas. — Com uma longa e trêmula

respiração, Cassie fechou os olhos. Para Regan, pelo menos, podia ser franca.

— Ele não estava gripado. Tem bebido quase todo dia. Não o demitiram, despediram por justa causa, porque ele foi trabalhar embriagado e xingou o supervisor.

— E depois chegou em casa e descontou em você. — Levantando-se, Regan tirou a chaleira do fogo e começou a preparar o chá. — Onde estão as crianças?

— Na casa da minha mãe. Fui para lá ontem à noite. Ele me machucou muito sério desta vez.

Inconscientemente, levou a mão à garganta. Sob a gola rulê, viam-se mais hematomas, onde Joe quase a esganara.

— Tirei as crianças de casa e fui para a da mamãe, porque precisava de um lugar para ficar.

— Certo, isso é bom. — Regan trouxe duas xícaras de porcelana para a mesa. — E a melhor maneira de começar.

— Não... — Com todo o cuidado, Cassie envolveu a xícara com as mãos. — Ela espera que eu volte hoje mesmo. Não deixou a gente passar nem mais uma noite.

— Depois do que você lhe contou, depois que sua mãe a viu, do que ele fez, espera que volte hoje?

— O lugar da mulher é com o marido — respondeu a amiga apenas. — Eu me casei com ele para o melhor ou o pior.

Regan jamais entendeu a própria mãe, a tranquila subserviência, a atitude serviçal. Mas, embora isso muitas vezes a enfurecesse, jamais a apavorara assim.

— É monstruoso, Cassie.

— E apenas minha mãe — murmurou, contraindo-se quando o chá aguilhoou o lábio inchado. — Ela acha que a mulher deve fazer o casamento dar certo, é seu dever fazer dar certo.

— Você acredita nisso? É sua responsabilidade aceitar isso? Acredita

que isso significa ficar para o melhor ou o pior, mesmo que o pior signifique ser espancada sempre que der na veneta dele?

— Eu acreditava, tentava, pelo menos, Regan.

— Cassie deu uma inspirada entrecortada, porque para ela isso sempre fora a essência do casamento.

— Talvez eu fosse jovem demais quando me casei com Joe. Talvez tenha cometido um erro, mas ainda assim aceitei os votos. Ele não cumpriu. Teve outras mulheres e sequer ligava que eu soubesse quem eram. Nunca foi fiel, nem gentil. Mas eu fiz os votos e quis cumprir.

Recomeçou a chorar, agora baixinho, porque fracassara.

— Estamos casados há dez anos. Temos filhos juntos. Eu cometo tantos erros... uso meu dinheiro de gorjeta comprando aquele tênis para Connor e deixo Emma brincar de se fantasiar com meu batom. E não podíamos arcar com aquela máquina de lavar. Nunca fui boa de cama, como aquelas mulheres com quem ele saía, não. Eu sabia... — Interrompeu-se quando viu que Regan apenas continuou olhando-a.

— Você está se ouvindo desta vez? — perguntou Regan, calmamente. — Está se ouvindo, Cassie?

— Não posso mais ficar com ele. Ele agora me bate na frente das crianças. Antes esperava que elas fossem para a cama. Mas agora, além de me bater na frente delas, diz coisas terríveis. Coisas que elas jamais deveriam ouvir. Não está certo. Ele faz com que participem de tudo e isso não é direito.

— Não, Cassie, não é direito. Agora você precisa de ajuda.

— Pensei nisso a noite toda.

Ela hesitou, depois baixou a gola do suéter.

À visão das marcas em carne viva riscando a carne branca, inocente, o semblante de Regan empalideceu e gelou.

— Oh, meu Deus... ele tentou estrangular você!

— Não creio que pretendesse fazer isso a princípio. Eu chorava e ele queria que me calasse. Mas depois quis mesmo. — Cassie baixou mais uma vez a mão. — Eu via nos olhos dele. Não era apenas a bebida, ou o dinheiro, ou as outras mulheres de que ele parece precisar. Ele me odiava simplesmente por estar ali. Vai me machucar de novo se tiver chance e tenho de pensar nas crianças. Tenho de procurar Devin e dar queixa.

— Graças a Deus...

— Tive de vir aqui primeiro, para tomar coragem. E difícil, sendo Devin. Eu o conheço de toda a vida. Não é como se

fosse um segredo. Ele já foi lá em casa não sei quantas vezes, quando os vizinhos ligaram. Mas é difícil...

— Eu vou com você. Cassie fechou os olhos. Por isso fora ali, para ter alguém a seu lado. Para ter alguém que a erguesse.

— Não, eu preciso fazer isso sozinha. Não pensei no depois — disse, aliviando a garganta com um gole de chá. — Não posso levar as crianças de volta para casa até saber o que vai acontecer.

— O abrigo feminino em...

Obstinada, Cassie fez que não com a cabeça.

— Sei que é orgulho, Regan, mas não posso ir para lá. Não posso levar meus filhos para lá. Ainda não.

— Tudo bem, então vocês vão ficar aqui. Aqui — repetiu Regan, quando a amiga protestou. — Só tenho um quarto extra. Você e as crianças vão ter de se ajeitar ali sem muito conforto.

— Não podemos nos empilhar em cima de você assim.

— Você foi a primeira amiga que fiz quando me mudei para cá. Eu quero ajudar. Por isso, me deixe ajudar.

— Eu jamais lhe poderia pedir isso, Regan. Juntei algum dinheiro de gorjetas e

de horas extras. O suficiente para um hotel durante dois dias.

— Você não vai me magoar assim. Vai ficar na minha casa. Pelas crianças — murmurou ela, sabendo que nada pesava tanto na balança.

— Vou buscá-las depois que eu estiver com Devin. — Ela não tinha orgulho algum quando se tratava dos filhos. — Eu lhe agradeço muitíssimo, Regan.

— Eu também.

— Que é isso? Chá festivo durante as horas de trabalho?

Como tinha os olhos em Regan, Rafe entrou no escritório e pendurou o casaco

no encosto de uma cadeira antes de ver o rosto de Cassie.

Regan ficou pasma ao ver o encanto metamorfosear-se em uma fração de segundos em pura violência. O rápido e vigoroso sorriso aguçou-se em uma rosnada.

Quando ele disparou a mão, Cassie retraiu-se e Regan levantou-se de um salto. Antes que pudesse interpor-se entre os dois com alguma ideia louca de proteger a amiga, Rafe afagou com os dedos, gentilmente, o rosto espancado da amiga.

— Joe?

— Foi... foi um acidente — gaguejou Cassie. Deu meia-volta, revoltado, o sangue nos olhos.

Cassie pôs de pé, correndo atrás dele.

— Não, Rafe, por favor, não faça nada. — Desesperada, puxou o braço dele e quase lhe saltou nas costas. — Por favor, não vá atrás desse cara.

Ele podia tê-la derrubado com um encolher de ombros.

— Fique aqui. Fique com Regan.

— Não, por favor — Cassie recomeçou a chorar, impotente, puxando-o. — Por favor, não me deixe mais envergonhada do que já estou.

— Desta vez, esse canalha vai pagar! — Ele mastigou as palavras e baixou os olhos. As lágrimas fizeram o que punhos e ameaças jamais haveriam feito. — Cassie... — Comovido, abraçou-a e embalou-a junto ao peito. — Não chore, mocinha. Já passou, vai ficar tudo bem.

Da porta do escritório, Regan observava-o. Como podia haver tanta ternura, perguntava-se, lado a lado com tanta selvageria? Ele segurava Cassie como se ela fosse uma criança, a cabeça junto à dela, enquanto murmurava.

Sim, a violência continuava ali, viva e agitada nos olhos dele. Vital e feroz o bastante para deixá-la sem fôlego e fazer

tremem os músculos do seu estômago. Ela engoliu em seco com força e pediu:

— Traga-a de volta para cá, Rafe. Por favor.

Cada nervo dentro dele se retesava para a batalha. Ansiava pela caça, a luta e o sangue. Mas a mulher em seus braços tremia. E a que o olhava com semblante assustado, chocado, implorava calmamente.

— Vamos, menina. Anda, vamos nos sentar — ele puxou Cassie pelo braço.

— Desculpe.

— Não se desculpe comigo. Não se desculpe com ninguém.

— Ela vai procurar Devin — explicou Regan. — Vai registrar queixa. É a maneira certa de cuidar disso.

— Uma das maneiras — ele protestou. Preferia a sua, mas acomodou Cassie em uma cadeira e tirou os cabelos de seu rosto. — Arranjou um lugar para vocês ficarem?

Cassie assentiu com a cabeça e pegou os lenços de papel que Regan lhe deu.

— Vamos ficar com Regan algum tempo. Só até...

— Tudo bem com os meninos? Ela tornou a assentir.

— Vou pegá-los logo depois de ver Devin.

— Me diga o que precisa, que eu vou à sua casa pegar para você.

— Eu... Eu não sei. Não peguei nada.

— Então me diga depois. Que tal eu acompanhá-la até o xerife?

Ela suspirou e depois enxugou o rosto.

— Não, eu preciso ir sozinha. Preciso ir já.

— Tome. — Regan abriu uma gaveta na escrivaninha. — Aqui está a chave da

porta do andar de cima. E tranque a porta, Cassie.

— Pode deixar. Eu já vou. — Era a coisa mais difícil que já fizera, simplesmente levantar-se e encaminhar-se para a porta. — Sempre achei que isso fosse melhorar. Sempre tive esperança que sim.

Saiu, cabisbaixa, os ombros curvados.

— Você sabe onde está ele? — perguntou Rafe.

— Não, não sei.

— Bem, eu vou encontrar. Nem adianta me impedir.

Regan tentou impedir que ele fosse embora. O instinto a levou a beijá-lo na boca também.

— Pelo que foi isso?

— Duas coisas. — Ela inspirou fundo e pôs as mãos nos ombros dele. — Por querer chutar a cara daquele calhorda. — Beijou-o mais uma vez. — Não fiz isso, a pedido de Cassie. — E mais uma vez. — E finalmente, por ter mostrado a ela que a maioria dos homens, dos verdadeiros homens, é boa.

— Droga. — Derrotado, ele apoiou a testa na dela. — Que maneira de me impedir de matar esse sacana!

— Por um lado, gostaria mesmo que você o matasse. Mas não me orgulho disso. — Quando a raiva tornou a agita-la, ela se voltou para o fogareiro. — Por outro lado gostaria de ver você batendo nele até o sujeito apagar. Pior ainda, eu mesma gostaria de meter uma bala no Joe.

Rafe avançou, desenroscou a mão que ela fechara em um punho. Pensativo, ergueu-a e levou a palma aos lábios.

— Ora, ora... E eu que imaginava você como uma linda borboleta delicada.

— Eu disse que não me orgulho disso — enfatizou Regan. — Não é o que ela precisa agora. Violência é exatamente do que a Cassie precisa se afastar.

— Eu conheço Cassie desde que ela era menina. — Rafe olhou para o chá que Regan lhe servia e abanou a cabeça, vendo-o. — Cheirava feito flor na primavera. Sempre foi pequena, bonita e tímida. Toda essa doçura. — Diante do olhar curioso de Regan, ele mais uma vez abanou a cabeça. — Não. Nunca fiz qualquer avanço nessa direção. Doçura nunca fez meu tipo.

— Obrigada.

— Nem fale nisso. — Ele deslizou a mão pelos cabelos dela. — Você já está fazendo muito deixando que ela fique aqui com os filhos. Posso levar Cassie e as crianças para a fazenda. Temos muito espaço sobrando.

— Ela precisa de uma mulher, Rafe, não de um bando de homens... por mais bem intencionados que sejam. Devin vai encontrar Joe, não vai? E cuidar do caso?

— Pode contar com isso.

Satisfeita, ela ergueu sua xícara de chá.

— Então vou contar e você também devia. -Agora que a medida fora tomada, ela o olhou por cima da xícara. — Deve ter vindo aqui por algum motivo.

— Eu queria admirar você um pouco. E imaginei repassar alguns dos tratamentos de parede... e a mobília do salão. Quero completar aquele cômodo, para ter uma impressão do resto.

— É uma boa ideia. Eu... — ela cortou a frase, ao ruído de movimento e vozes que vinham da loja. — Tenho clientes. Está tudo aqui, as amostras de tinta, os tecidos, listas de mobiliários.

— Eu peguei umas amostras sozinho.

— Oh, que bom, então. — Ela se dirigiu à escrivaninha e ligou o computador. — Tenho uma lista completa de cômodo por cômodo. Várias das peças que sugeri estão aqui. Pode dar uma olhada, quando terminar no computador.

— Tudo bem.

Trinta minutos depois, animada com três vendas, Regan voltava para o escritório. Ele parecia tão grande, tão...

viril, sentado à sua linda escrivadinha Chippendale!

Queria-o como nunca. Era um desejo insensato. Opa! Para estabilizar-se, apertou a mão no estômago saltitante e deu três inspiradas profundas.

— Bem, o que você acha?

— Você é uma mulher eficiente, Regan. — Sem se virar, ele abriu uma pasta com páginas impressas das listas dela. — Parece que não lhe escapou um enfeite.

Lisonjeada, ela se aproximou e curvou-se para olhar por cima do ombro dele.

— Tenho certeza de que precisamos fazer alguns ajustes e acrescentar alguns detalhes, depois de vermos um dos aposentos prontos.

— Eu já fiz alguns ajustes. Ela se empertigou de novo.

— Oh, é mesmo?

— Esta cor dançou. — Com um movimento rápido, Rafe bateu na tabela de tintas, depois localizou a página na tela onde se achavam listadas as cores. — Troquei esse verde-ervilha aqui pelo... como é mesmo o nome? Sim. Verde-oliva.

— A cor original é a correta.

— É medonha. Sim, era, mas...

— E a correta — ela insistiu. — Eu pesquisei com muito cuidado. A que você escolheu é moderna demais para os anos 1800.

— Talvez. Mas não vai estragar o apetite de ninguém. — Quando a respiração dela saiu sibilada ao ouvir isso, ele riu sozinho e virou-se na cadeira. — Escute, você tem feito um trabalho genial aqui. Tenho de admitir que não esperava todo esse empenho nem essa rapidez. Você tem um verdadeiro jeito para isso.

Ela não deu a mínima para a tentativa de aplacá-la.

— Você me contratou para ajudar a reconstruir uma determinada época e é

isso que tenho feito. A opção de fazer a casa ficar igual ao que era no passado foi sua.

— E é minha opção fazer alguns ajustes. Temos de abrir espaço no projeto para a estética e o gosto modernos. Dei uma olhada em sua casa lá em cima, Regan. Para mim, é meio puxada para o lado feminino...

— Ainda bem que essa não é a questão — retrucou ela.

— E tão bem arrumada que um homem teria medo de pisar lá em cima — ele continuou. — Mas você tem bom gosto. Só estou pedindo que o use, junto com a pesquisa e a exatidão.

— Parece-me que falávamos sobre o seu gosto. Se quer mudar as diretrizes, pelo menos deixe claro.

— Você é sempre tão rígida assim, ou só comigo?

Regan se recusou a dignar-se responder a uma pergunta tão insultante.

— Você pediu exatidão. Não gosto que as regras sejam mudadas no meio da corrida.

Pensativo, Rafe olhou para a tabela de tintas que iniciara a discussão.

— Uma pergunta. Você gosta desta cor?

— Claro que não. É horrível.

— Aí está. As diretrizes são: se não gosta, é porque não presta.

— Não posso assumir a responsabilidade.

— Estou lhe pagando para assumir.

— Visto que isso estabelecia a questão, ele tornou a virar-se para a tela e clicou nos objetos expostos. — Você tem isso, seja lá que nome dá, em estoque, certo?

— Sim. E o sofá de encosto duplo.

— O coração dela afundou até os pés. Comprara-o na semana anterior em um leilão, com o salão dos Barlows em mente. Se ele o recusasse, seus livros iam direto para o vermelho. — Está na loja.

— Então vamos dar uma olhada. Quero ver essa grade protetora de lareira e essas mesas.

— Você é quem manda — resmungou ela, baixinho, seguindo na frente.

Era uma peça maravilhosa e com um preço equiparável. Por mais que a cobiçasse, jamais teria feito o lance se não tivesse um cliente nos bastidores.

Agora, ela examinava o cliente... as botas arranhadas, a camisa rasgada, o ar viril. Em que andou pensando, ao imaginar que Rafe MacKade aprovaria uma peça tão elegante como aquela?

— Ah, é de noqueira — começou ela, correndo a mão pelo braço esculpido.

— Cerca de 1850. Foi reestofado, claro, mas o material está bem de acordo com a época. Dá para ver também que os encostos duplos são centralizados por um painel estofado. O artesanato é de primeira qualidade e o sofá, surpreendentemente confortável.

Ele grunhiu e acocorou-se para examinar embaixo do sofá.

— Coisinha cara, hein?

— Tem um metro e setenta e cinco de largura e bem vale a despesa.

— Muito bem.

— Muito bem o quê?

— E. Se eu continuar em dia com o programado, devo ter o salão pronto no fim de semana. Pode mandar entregar este na segunda, a não ser que eu mude de ideia. Está bom assim?

— Sim. — Regan percebeu ter perdido toda a sensibilidade abaixo dos joelhos. — Claro.

— Pagamento na entrega, certo? Eu não trouxe meu talão de cheque.

— Tudo bem.

— Vamos ver a mesa Pembroke.

— A mesa Pembroke... — a moça olhou a loja em volta, sentindo-se meio tonta. — Ali!

Rafe se levantou, contendo um sorriso. Imaginava se ela teria alguma ideia de que, por uns minutos, ficara tão pálida. Duvidava.

— Que é isso? Distraída, ela parou.

— Oh, é uma mesa de exposição de objetos. Pau-cetim e mogno.

— Gostei.

— Gostou.

— Ficaria bem no salão, não?

— Sim, eu tinha incluído como uma possibilidade.

— Mande entregar com o tal sofá. Essa Pembroke está aqui?

Regan só conseguia fazer que sim

com a cabeça. Quando ele saiu, uma hora depois, continuava fazendo a mesma coisa.

O homem rumou direto para a delegacia. Teria de trabalhar duas horas extras na obra, mas não ia deixar a cidade antes de saber que Joe Dolin estava na cadeia.

Quando entrou, encontrou Devin reclinado na cadeira, os pés apoiados na velha escrivaninha de metal. O uniforme do xerife consistia em uma camisa de algodão, calça jeans desbotada e botas puídas nos calcanhares. O indicativo do cargo era a estrela no peito.

Lia um exemplar surrado de As vinhas da ira.

— E você é o responsável pela lei e a ordem nesta cidade.

Em seu lento e deliberado jeito de ser, Devin marcou a página e pôs o livro de lado.

— É o que me dizem. Sempre tenho uma cela à sua espera.

— Se pôs Dolin em uma, não me incomodaria que me pusesse com ele durante uns cinco minutos.

— Ele está lá atrás.

Com um aceno da cabeça, Rafe foi até a cafeteira.

— Teve algum problema?

Devin curvou os lábios em um sorriso perverso.

— Só o bastante para me divertir.

— Por quanto tempo pode mantê-lo lá?

— Isso não cabe a mim decidir.

Devin estendeu a mão para pegar a caneca lascada que Rafe ofereceu. Era um café bem quente, forte, preto.

— Vamos transferi-lo para Hagerstown — continuou Devin. — Ele vai arranjar um defensor público. Se Cassie não desistir, Joe terá o seu dia no tribunal.

Rafe sentou-se no canto da mesa entulhada.

— Acha que ela vai desistir?

Combatendo a frustração, Devin encolheu os ombros.

— Isso é o mais próximo que já chegou de fazer alguma coisa sobre a situação. O filho da mãe bate nela há anos. Na certa, começou na noite do casamento. Ela não deve pesar mais de cinquenta quilos. Tem ossos de um passarinho. Está com hematomas por toda a garganta. Quase a esganou.

— Eu não vi isso.

— Fiz fotos.

Após esfregar a mão no rosto, Devin deslizou os pés para o chão. Lutar com Joe e algemá-lo — na linha do dever — não eliminaram a aversão.

— Tive de tomar o depoimento dela e fazer as fotos para as provas. Ela ficou sentada aí me olhando como se estivesse mais uma vez sendo espancada da cabeça aos pés. Sabe Deus como vai lidar com isso, se tiver de ir ao tribunal e expor tudo em público.

Bruscamente, afastou-se da mesa e dirigiu-se até a janela, de onde podia olhar a cidade. Dera a palavra de que a serviria e protegeria seus cidadãos. Não para aliviar amargas frustrações derrubando um deles a socos.

— Eu lhe dei as linhas de ação-padrão — continuou. — Terapia, aconselhamento, abrigos. E só fiz a pressão necessária, quando ela começou a hesitar, para que assinasse a queixa. Ela ficou sentada, chorando, e eu me senti um idiota.

Rafe examinou o café e franziu a testa.

— Ainda sente uma coisa por ela, Devin?

— Isso foi no ensino médio — respondeu o irmão, irritado.

Com um esforço, abriu o punho e tornou a virar-se para Rafe.

Os dois podiam ser gêmeos, com menos de um ano a separá-los. A mesma beleza morena, ousada, a constituição alta e magra. Apenas os olhos de Devin eram mais tranquilos, de verde mais claro. E as cicatrizes que trazia eram no coração.

— Claro que gosto dela — disse ele, mais uma vez calmo. — Droga, Rafe, a gente a conhece a vida toda. Odeio ver o que ele tem feito com a coitada, sem poder impedir. Toda vez que eu era chamado à casa deles, toda vez que Cássia sofria um ferimento, dizia apenas que tinha sido um acidente.

— Desta vez, não.

— Não, desta vez, não. Mandei meu sub-xerife com ela, para pegar as crianças

e o que mais precisasse.

— Você sabe que ela vai ficar na casa de Regan Bishop?

— Ela me disse. — Ele esvaziou o café e voltou para pegar mais. — Bem, Cassie deu o primeiro passo. Talvez seja o mais difícil.

Como nada mais havia a fazer, Devin sentou-se mais uma vez atrás da escrivaninha e pôs o problema de lado.

— Por falar em Regan Bishop, o falatório é que você anda arrastando uma asinha para cima dela.

— Há alguma lei contra isso?

— Se há, não seria a primeira que você já violou. — Devin tornou a levantar-se, vasculhou a gaveta do sub-xerife, pegou duas barras de chocolate e jogou uma para Rafe. — Ela não é o seu tipo habitual.

— Estou aprimorando meu gosto.

— Já era hora. — Devin mordeu o chocolate. — É sério?

— Levar uma mulher pra cama da gente é sempre sério, mano.

Resmungando algo, Devin tornou a apoiar as pernas no tampo da mesa.

— Então, é só isso?

— Não sei. Mas tenho um pressentimento de que será um início dos diabos.

Olhou adiante e sorriu quando Regan entrou pela porta.

Ela parou de chofre, como faria qualquer mulher diante de dois homens deslumbrantes que lhe sorrissem.

— Desculpe. Estou interrompendo alguma coisa?

— Não, senhora. É sempre um prazer vê-la — respondeu Devin.

Inclinando a cabeça, Rafe pôs a mão no ombro dela.

— Falando em doçura... — disse ele.

— Como? — a moça recuou. — Não entendi direito, mas você acabou de dizer "doçura"?

— Isso mesmo. — Rafe mordeu o chocolate e ofereceu-lhe o resto da barra.

Quando ela afastou a mão com um tapa, ele apenas encolheu os ombros e comeu-a inteira.

— Que coisa mais ridícula, revoltante... você é um adulto e fica aí parado comendo doce e dizendo "doçura", como se eu fosse o último picolé na geladeira.

— Do jeito que fui criado, era realmente importante a gente pegar rápido. — Para prová-lo, ele a ergueu nas pontas dos pés e beijou-a longa e intensamente. — Tenho de ir — disse ele, soltando-a com a mesma arrogância. — Até logo, Dev.

— Até... — Sensato demais para deixar a gargalhada irromper, Devin pigarreou. Passaram-se segundos e Regan continuava olhando a porta que Rafe batera atrás. — Quer que eu vá atrás dele e o reboque para o quarto dos fundos?

— Você tem um cassetete lá?

— Acho que não. Mas quebrei o dedo dele uma vez quando éramos

moleques. Na certa, posso fazer isso de novo.

— Deixe isso para lá. — Cuidaria de Rafe mais tarde, em pessoa. — Vim aqui para saber se prendeu Joe Dolin.

— Rafe também.

— Eu devia saber que ele viria.

— Quer café, Regan?

— Não, não posso me demorar. Só vim para saber disso, e perguntar se, como Cassie e os filhos vão ficar hospedados comigo, eu devo tomar alguma precaução.

Ele avaliou-a com ar tranquilo. Conhecia-a de vista havia três anos,

admirava sua beleza, gostou das poucas conversas com ela no café ali na rua. Agora via o que atraíra o irmão. Força de caráter, bom senso, compaixão.

Imaginou se Rafe entendia a diferença que a combinação ia fazer em sua vida.

— Por que não se senta? — pediu. -
A gente precisa rever algumas coisas.

CAPÍTULO CINCO

Na manhã de segunda-feira, Regan levantou-se cedo. Em algumas horas, as primeiras peças do mobiliário iam ser entregues na casa da colina. Com o pagamento depositado, ela ia correr a um leilão na Pensilvânia marcado para aquela tarde.

Valeria a pena fechar a loja naquele dia.

Pôs o café, ligou a cafeteira, enfiou o pão na torradeira. Depois se virou e quase pulou fora dos chinelos.

— Oh, Connor! — Rindo, levou a mão ao coração acelerado. — Você me assustou.

— Desculpe...

O menino era magro, clarinho, com grandes olhos castanhos. Os olhos da mãe, pensou Regan, sorrindo.

— Tudo bem. Eu não sabia que tinha alguém acordado. E cedo, mesmo para um dia de escola. Quer tomar o café da manhã?

— Não, obrigado.

Ela conteve um sorriso. Nenhum menino de oito anos devia ser tão educado e preocupado com desculpas. Ergueu uma sobancelha e pegou uma caixa do cereal

que sabia ser o preferido dele. Com uma piscadela, deu-lhe um incentivo.

— Que tal uma tigela?

Ele sorriu então, tão docemente tímido que lhe partiu o coração.

— Acho que sim, se você também comer.

— Por que não pega o leite e põe ali na mesa? Ouvi no rádio que vamos ter mais tempestade de neve. Talvez das grandes.

Ela levou as tigelas e as colheres para a mesa. Quando ergueu a mão para corrê-la sobre os cabelos desarrumados dele, o garoto ficou imóvel.

Amaldiçoando Joe Dolin, Regan manteve o sorriso no rosto.

— Aposto que vão fechar a escola amanhã.

— Eu gosto da escola — disse ele, mordendo o lábio.

— Eu também sempre gostei. — Rapidamente, ela correu mais uma vez até a cozinha para pegar o café. — Não me incomodava de ter um dia sem aula, de vez em quando, mas gostava mesmo da escola. Qual a sua matéria preferida?

— A aula de inglês. Gosto de escrever umas coisas.

— É mesmo? Que tipo de coisas?

— Histórias. — Connor curvou os ombros e baixou a cabeça. — Só coisas bobas.

— Aposto que não. — Regan esperava apenas não estar cometendo um erro, ao entrar em um território que melhor seria deixar aos especialistas. Mas seu coração simplesmente se derreteu. — Você devia sentir orgulho. Sei que sua mãe sente. Ela me disse que você ganhou um prêmio na aula de inglês por um conto que escreveu.

— Disse? Ela chora de noite — o garoto estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu sei, meu bem.

— Meu pai vivia batendo nela. Eu sabia. Ouvia os dois. Mas nunca fiz nada para impedir. Nunca fiz nada para ajudar a mamãe.

Deixando o instinto comandá-la, ela pôs o menino em seu colo e aconchegou-o junto a si.

— Não deve se culpar, Connor. Você não poderia fazer nada por ela. Mas agora você, sua mãe e sua irmãzinha estão seguros. Todos vão cuidar uns dos outros.

— Eu odeio ele!

— Shhh...

Chocada ao constatar que tanta ferocidade se manifestava em alguém tão

jovem, Regan pediu silêncio a ele e o embalou.

No corredor, Cassie hesitou ali um momento. Então, voltou ao pequeno quarto sobressalente e foi acordar a filha para a escola.

Regan chegou à Mansão Barlow pouco antes da caminhonete e os carregadores de mudança que contratara. O animado barulho de construção atingiu-a assim que abriu a porta. Nada teria levantado tanto o seu astral. O corredor estava forrado de lonas impermeáveis e panos soltos. Porém, as teias de aranha e o bolor já haviam desaparecido.

Ela imaginou que fosse uma espécie de exorcismo. Divertindo-se com a ideia,

examinou o patamar da escada. Como um teste, encaminhou-se para lá e começou a subir.

O frio a fez recuar dois degraus. A moça ficou ali imóvel, uma das mãos agarrada ao corrimão, a outra apertando a barriga, enquanto se esforçava para recuperar o fôlego.

— Você é corajosa... — murmurou Rafe atrás.

Embora ela continuasse de olhos arregalados de surpresa, baixou-os e encontrou os dele no mesmo nível.

— Eu me perguntava se era apenas minha imaginação. Como os operários sobem e descem essa escada sem...

— Nem todo mundo sente isso. Eu diria que os que sentem trincam os dentes e pensam no cheque do pagamento. — O homem subiu os degraus e tomou-lhe a mão. — E você?

— Eu nunca teria acreditado se não tivesse passado por isso. Talvez sirva de assunto entre os hóspedes durante o café da manhã, quando você inaugurar a pousada.

— Querida, Deus lhe ouça! Me dê seu casaco. Já instalamos e ligamos o aquecimento nesta parte da casa. Pusemos no mínimo, mas já ajuda bastante.

— E precisa me dizer? — Satisfeita porque o andar parecia aquecido o bastante para tornar a tremedeira

desnecessária, ela puxou os cabelos para trás. — Que está acontecendo lá em cima?

— Um pouco de tudo. Estou fazendo um banheiro extra. Quero que você desencave uma daquelas banheiras com pés em garras, uma pia com pedestal. Servem cópias, se não tiver sorte de encontrar as originais.

— Me dê alguns dias. Bem. — Ela esfregou as mãos, não de frio, mas de nervoso. — Vai me mostrar ou vou ter de implorar?

— Vou mostrar. — Ele andava morto de vontade de mostrar-lhe, olhando pela janela de cinco em cinco minutos à espera da sua chegada. Mas agora que ela estava ali, estava nervoso. Labutou feito um

escravo durante mais de uma semana, de doze a catorze horas por dia, para tornar perfeito aquele primeiro salão, aquele primeiro local, aquele primeiro ambiente. — Acho que a pintura deu certo. — Enfiou as mãos nos bolsos e entrou no salão na frente dela. — Acho que é um belo contraste com os acabamentos e o piso. Tive alguma dificuldade com as janelas, mas bastou dar uma improvisada com os caixilhos.

Ela emudeceu. Por um momento, apenas ficou ali parada no vão da entrada. Depois, tranquilamente, as botas estalando no chão, entrou.

As altas e elegantes janelas, com seus graciosos arcos, deixavam o sol

flutuar pelo lindo e antigo piso de pinho recém-envernizado. As paredes eram de um azul intenso e aconchegante, em contraste com os remates de madeira esculpida no mais delicado dos marfins.

Ele transformou o ambiente do banco da janela em uma encantadora alcova, esfregou o mármore na lareira até brilhar. A sanca em volta do teto vicejava com floretes delicadamente talhados que haviam sido tapados e sufocados pela sujeira de décadas.

— Preciso de móveis, cortinas e daquele espelho que escolheu para pôr em cima da prateleira da chaminé da lareira, o console, como você chama. — Rafe gostaria que ela dissesse alguma coisa,

qualquer coisa. -Ainda tenho de substituir as portas de correr... Bem, qual o problema? Perdi algum detalhe autêntico, vital?

— Está absolutamente maravilhoso. — Encantada, ela correu um dedo pelo brilhante acabamento de uma janela. — Absolutamente perfeito. Não sabia que você era tão bom assim. — Com uma rápida risada, virou-se para olhá-lo. — Não tive intenção de dizer isso como um insulto.

— Eu não recebi como tal. Também fiquei muito surpreso a primeira vez que me dei conta de que tinha talento para refazer alguma coisa.

— E mais que isso. E dar vida a alguma coisa. Você deve estar orgulhoso.

O homem percebeu que estava comovido e um pouco encabulado.

— É apenas um trabalho. Martelo, pregos e bom olho.

Regan inclinou a cabeça e viu o sol irradiar-se pela janela e brilhar dourado nos cabelos dele.

— Você é o último homem que eu esperaria ser modesto em relação a qualquer coisa. Deve ter-se matado para conseguir realizar tanto em tão pouco tempo.

— Eu fiz mais a parte estética.

— Fez um grande trabalho —
murmurou ela, olhando em volta. —
Realmente, fez um grande trabalho.

Antes que Rafe comentasse algo, ela já se pusera de quatro e passava as mãos no piso.

— Parece espelho. Oh, olhe o veio desta madeira! Que foi que você usou? Quantas camadas? — Como Rafe não respondeu, Regan ergueu a cabeça. Ele estava olhando fixamente para a moça. — Que é? Qual o problema? — perguntou.

— Levante-se. Você fica muito bem neste ambiente. Devia ver como combina com este lugar, parece tão polida e perfeita quanto o piso. Eu a quero tanto,

que não consigo ver mais nada além de você.

Regan sentiu o coração dar uma cambalhota no peito.

— Vai me fazer gaguejar de novo, Rafe...

— Quanto tempo vai me fazer esperar? Não somos crianças. Sabemos o que sentimos e o que queremos.

— Não se trata exatamente disso. Não somos crianças e, por isso mesmo, devemos ser bastante maduros, termos sensatez.

— Sensatez é para velhas. O sexo talvez tenha de ser responsável, mas não precisa ser sensato.

A ideia de sexo despudorado e completamente insensato com ele atingiu cada terminação nervosa no corpo dela.

— Não sei como lidar com você. E, em geral, sou boa em lidar com tudo. Acho que a gente precisa conversar sobre isso.

— Acho que você é quem precisa. Acabei de dizer o que precisava dizer. — Incrivelmente frustrado e furioso com sua reação, impotente a ela, Rafe se voltou para a janela. — Tenho de subir. Ponha as coisas na porra do lugar que quiser.

— Rafe...

Ele a deteve e imobilizou-a antes que a moça o alcançasse com o braço.

— Você não ia querer me tocar logo agora. — A voz saiu tranquila e muito controlada. — Seria um erro. Não gosta de cometê-los.

— Isso não é justo.

— Quem disse que eu sou justo? Pergunte a qualquer um que me conhece. Seu cheque está na prateleira em cima da lareira.

De pavio curto, ela seguiu pisando forte pelo corredor atrás dele.

— Não me importa o que pensem. Se eu quisesse, você jamais teria chegado à distância de um metro de mim.

Regan ergueu os olhos, quando um operário curioso espichou a cabeça pelo

vão da escada.

— Saia daqui! — enxotou o cara, irritada. — Eu mesma faço minha cabeça e no meu próprio tempo — continuou, virando-se para Rafe. Depois, foi abrir a porta da frente para os carregadores. — E você, pergunte a qualquer pessoa.

Quando a moça olhou para trás, ele já havia desaparecido.

Quase estraguei tudo, pensou Rafe depois. Não sabia ao certo o porquê de reagir daquele jeito. Raiva e exigências não eram seu estilo habitual com as mulheres. Talvez com aquela, sim...

As mulheres sempre caíram facilmente em seus braços.

Gostava delas, sempre gostou. Do jeito, do cheiro, da fala. Macias, afetuosas e perfumadas, eram um dos mais interessantes aspectos da vida... Com uma carranca, lançou mais argamassa em uma junta e alisou-a.

As mulheres eram importantes. Gostava de cultivá-las, da companhia que ofereciam. E do sexo, é claro...

As casas eram importantes, refletiu, passando uma camada de argamassa em outra junta. Consertá-las, prazerosamente, usando as próprias mãos e suor para transformá-las em alguma coisa que durasse. E o dinheiro que vinha do resultado final também era ótimo.

Mas nenhuma casa fora tão especificamente importante quanto aquela passara a ser. E nunca houve uma única mulher tão importante quanto Regan agora se tornara. Duvidava que a moça entendesse que, pela primeira vez na vida, ele se concentrara em alguma coisa, e em alguém, tão inteiramente.

A casa o assombrou por toda a existência. Mas só pusera os olhos em Regan um mês antes. No entanto, as duas corriam em seu sangue. Não exagerou quando lhe disse que não via ninguém além dela. Ela o vinha assombrando, como os agitados fantasmas da mansão.

A visão dela ali, naquela manhã, o virou de cabeça para baixo, enfureceu-lhe

os hormônios e ele meteu os pés pelas mãos. Imaginou que pudesse ganhar terreno. Mas era a primeira vez, pelo que lembrava, que se sentia dominado pela emoção e não tinha o menor conhecimento de quais seriam os primeiros passos.

Ela quer espaço, dê-lhe espaço. Talvez fosse especial, talvez mais intrigante do que ele imaginava. Mas continuava sendo apenas uma mulher.

Ele ouviu um choro, sentiu a agitação do ar gelado. Sem quase hesitar, fez o acabamento das pastilhas.

— Ééé, ééé — resmungou. — É bom que vocês se acostumem a ter companhia, porque eu não vou a lugar algum!

Uma porta se fechou com uma pancada. Divertiam-no agora esses infundáveis dramas. Passos e estalos, sussurros e choros. Era quase como se ele fizesse parte de tudo aquilo. Um zelador, pensou. Tornando a casa habitável para aqueles que jamais poderiam partir.

Achava uma grande pena que nenhum dos residentes permanentes houvesse feito sequer uma aparição. Seria uma experiência e tanto ver, além de ouvir. Um tremor involuntário subiu-lhe pelas costas.

Ouviu passos ecoarem pelo corredor do lado de fora quando passou para a segunda folha de revestimento. Para sua surpresa e curiosidade, pararam bem

diante da porta. Viu a maçaneta girar, no momento em que a lâmpada atrás se apagou, mergulhando o quarto em trevas.

Sofreria tormentos do inferno antes de admitir que sentira o coração falhar. Para disfarçar o lapso, resmungou algo em voz baixa e esfregou as palmas, de repente úmidas, na calça jeans manchada. De memória, dirigiu-se tateando para a porta, que se abriu rápido e o atingiu em cheio no rosto.

Soltou uma série de palavrões. Percebeu o sangue pingando do nariz.

Ouviu o grito rouco, viu um espectro no corredor e não hesitou. A dor e a fúria o fizeram disparar para a frente feito uma bala. Fantasma ou não, a coisa que o

deixara com o nariz sangrando ia ter de pagar.

Levou alguns segundos para notar que tinha alguém mexendo em seus braços e pouco mais para reconhecer o perfume.

Tudo bem, ela conseguiu pregar uma peça direitinho.

— Que diabos está fazendo aqui?

— Rafe! — A voz de Regan saiu esganiçada. — Oh, meu Deus, você quase me matou de susto! Achei... não sei. Ouvi... Oh, que bom, é você!

— Ou o que restou de mim... — Irado, ele tirou-a da frente. A luz da lâmpada pendurada no alto da escada dava apenas para ver o rosto pálido e os

imensos olhos dela. — Que está fazendo aqui?

— Escolhi algumas coisas no leilão e pensei em deixar aqui... Você está sangrando!

— Sério, é mesmo? — debochou. — Espero que você não o tenha quebrado pela segunda vez. Totalmente.

— Eu... Bati em você quando abri a porta? Desculpe. Tome. — Enfiou a mão no bolso do casaco e pegou um lenço de papel. — Desculpe mesmo. — repetiu. — E que eu fiquei tão... — Impotente, tentou disfarçar uma risada. — Não percebi.

— Oh, que engraçado — rebateu ele.

— Desculpe. Não consigo parar. Eu pensei... Sei lá no que pensei. Ouvi os fantasmas, ou só o dele, ou seja lá o que for. Tive simplesmente de subir e ver, bem, se pudesse ver. Então você surgiu disparado como um foguete.

— Sorte sua eu não ter-lhe dado um murro — disse Rafe, mau humorado.

— Eu sei. Eu sei.

Ele estreitou os olhos, vendo-a dobrar-se de rir no chão.

— Ainda está em tempo — ameaçou.

— Ah, me ajude a levantar. — Ainda morrendo de rir, ela enxugou os olhos. — Vamos pôr um pouco de gelo nesse nariz.

— Eu sei cuidar de mim mesmo.

Mas segurou-a pelo pulso e, sem muita gentileza, levantou-a.

— Assustei você? — perguntou a moça, tentando manter a voz meiga e um tom de desculpas, ao segui-lo para a escada.

— Cai na real!

— Mas você ouviu... não ouviu? — insistiu ela, prendendo a respiração quando passaram pelo local frio.

— Claro que ouvi. E a noite toda e duas vezes durante o dia.

— E não o... perturba?

Reforçou o ego dele o fato de conseguir lançar a Regan um olhar desdenhoso.

— Por que deveria me perturbar? A casa também é deles.

— Imagino que sim. — Ela olhou a cozinha em volta. Quase vazia e ainda imunda. Viu uma pequena geladeira, um fogão de duas bocas funcionando e uma antiga porta apoiada em dois cavaletes, que servia de mesa. Rafe foi direto até a pia e deixou correr a água. — Você tem um pano limpo?

Em vez de responder, ele curvou-se e lavou o rosto com a água glacial. Regan ficou sem graça.

— Desculpe, Rafe. Está doendo?

— Sim.

O homem pegou uma toalha desfiada e enxugou o rosto. Sem mais uma palavra, dirigiu-se calmamente até a geladeira e pegou uma cerveja.

— Parou de sangrar — comentou ela.

Rafe torceu a tampa, jogou-a para o lado e emborcou um terço da garrafa goela abaixo. Regan pensou que, nas circunstâncias, podia tentar mais uma vez.

— Eu não vi seu carro, por isso achei que não tinha ninguém aqui.

— Devin me deu uma carona. — Ele resolveu que, nas circunstâncias, podia dar-lhe uma trégua. — Tenho trabalhado algumas horas extras à noite. Na verdade, tenho acampado aqui. Deu no noticiário que íamos ser atingidos por uma tempestade de neve esta noite, por isso não fazia o menor sentido ficar com o carro. Posso ir a pé até a cidade se precisar.

— Bem, isso explica tudo.

— Quer uma cerveja?

— Não, obrigada. Não tomo cerveja.

— Toma porre de champanhe, então?

— Bom, eu já devia mesmo ter picado a mula. Na verdade, já começou a

nevar. — Não sabia onde enfiar a cara. — Ah, eu tinha de falar sobre os castiçais e um conjunto realmente deslumbrante de ferramentas de lareira que comprei hoje. Só pretendia trazer os objetos para cá e ver como ficavam.

Ele ergueu mais uma vez a cerveja, encarando-a.

— Então, como ficaram?

— Não sei. Larguei tudo na entrada principal quando cheguei e ouvi, ah... a apresentação noturna.

— Foi à caça de fantasmas em vez de decorar.

— Parece que sim. Hum, que tal eu pôr os objetos nos lugares agora, antes de

ir embora?

Levando a cerveja junto, ele acompanhou-a.

— Espero que tenha esfriado a cabeça.

— Não exatamente. — Ela deu um breve olhar, dirigindo-se para a entrada principal. — Embora ter deixado você com o nariz sangrando, mesmo sem querer, foi ótimo. Você agiu como um grosso.

Rafe estreitou os olhos quando Regan pegou a caixa que deixara na entrada e rumou para o salão.

— Eu apenas lhe disse o que queria sem rodeios — defendeu-se. — Algumas

mulheres gostam de franqueza.

— Algumas mulheres gostam de caras grossos

— ela rebateu. Pôs a caixa em uma mesa de tampo cilíndrico com gavetas e quatro pés curvos. — Eu, não. Gosto de boas maneiras, tato. Coisas de que, claro, você é totalmente desprovido. Mas acho que, no caso, uma trégua é bem-vinda. Quem quebrou seu nariz antes?

— Jared, quando éramos guris e lutávamos no celeiro de feno. Ele teve sorte.

— Sei... — Ela imaginou que jamais entenderia por que afeto fraternal significava narizes quebrados para os

irmãos MacKade. — Então, é aqui que tem acampado?

Gesticulou em direção a um saco de dormir jogado em frente à lareira.

— É o aposento mais quente no momento. E o mais limpo — informou ele.

— Ei, não largue a garrafa aí sem pôr um descanso embaixo. Não pode tratar antiguidades como...

— Móveis? — concluiu Rafe, usando o descanso. — E quais são as condições da trégua, Regan?

— Nossa relação profissional em andamento, por exemplo. — Como sentiu mais uma vez os dedos tensos, ocupou-os desabotoando o casacão ao voltar até a

janela. — Nós dois pretendemos realizar a mesma coisa com esta casa, portanto não faz sentido entrar em desacordo. São bonitos, não são? — perguntou a moça, tirando da caixa os instrumentos de lareira, acariciando o cabo curvo da pá de carvão. — Ficariam ainda melhores com algum polimento.

— Deve funcionar melhor que o pé-de-cabra que eu ando usando.

Ele observou-a carregar as ferramentas até a lareira e pô-las cuidadosamente no seu suporte de pedra.

Dilacerada entre a coragem e a dúvida, ela fitou as chamas.

— Continuo à procura da grade certa. Esta realmente não combina. Ficaria melhor em um dos quartos lá de cima. Imagino que vá pôr todas em funcionamento.

— Um dia.

Rafe só a conhecia havia algumas semanas. Como podia ter tanta certeza das coisas? Com a luz do fogo tremulando em volta, Regan parecia relaxada, confiante, perfeitamente à vontade. No entanto, ele sabia que alguma guerra interna se travava ali em seu íntimo.

— Por que veio aqui agora?

— Eu já disse. Tenho algumas outras coisas do leilão no carro, mas a casa

ainda não está pronta para recebê-las. Mas estes... — Com cuidado, desembrulhou pesados castiçais de cristal. — Eu os vejo aqui, bem nessa mesa. Vai precisar de flores neste vaso. Mesmo no inverno.

Mexeu nos objetos, pondo os castiçais perto do vaso Douulton que já lhe vendera.

— Ficaria lindo com tulipas — continuou ela, desembrulhando as duas longas velas que trouxera com os castiçais. — Mas crisântemos e rosas também servem. — Sorriu de novo e virou-se. — Pronto, que acha?

Sem nada dizer, Rafe pegou uma caixa de fósforos de madeira no console

da lareira e aproximou-se para acender as velas. E olhou-a por cima das delicadas chamas.

— Deu certo.

— Eu quis dizer o efeito total, o ambiente — explicou a moça, aproveitando para afastar-se dele. Vagou pelo salão e correu o dedo pelo recosto curvo de um sofá.

— É perfeito. Eu não esperava menos de você.

— Eu não sou perfeita. Você me deixa nervosa quando diz isso. Sempre esperou que eu fosse perfeita mas não sou. Não sou tão bem arrumada quanto esta sala, com cada peça no lugar, por mais

que queira ser. Sou toda enrolada. — Arrastou os dedos nervosos pelos cabelos. — E não era antes. Não era. Não, fique aí. — Regan recuou rápido quando ele avançou. — Fique aí!

Frustrada, ela balançou as mãos para detê-lo e pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Você me assustou esta manhã. E me deixou furiosa, mas pior de tudo, me assustou.

Não era fácil para Rafe ficar parado.

— Como?

— Porque ninguém jamais me quis do jeito que você me quer. Sei que quer. Você me olha como se já soubesse como

vai ser conosco. E eu não tenho o menor controle sobre isso.

— Imaginei que estava lhe dando o controle.

— Não, não. Eu não tenho qualquer controle sobre o que sinto. Você deve saber disso. Sabe exatamente como afeta as pessoas.

— Não estamos falando de pessoas.

— Você sabe exatamente como mexe comigo — ela quase gritou, antes de fechar as mãos e esforçar-se para recompor-se. — Sabe como eu o quero. Por que não ia querer? E como você disse, somos adultos que sabemos o que

queremos. E quanto mais dou para trás, mais idiota me sinto.

— Vai ficar aí dizendo essas coisas a mim e espera que eu não faça nada?

— Espero ser capaz de tomar uma decisão sensata. Não espero que minhas glândulas dominem meu cérebro. — Ela deu um suspiro. — Então, eu olho para você e quero arrancar as suas roupas.

Rafe teve de rir. Era sem dúvida a melhor maneira de desarmá-lo.

— Não espere que eu a detenha. — Quando o homem avançou, Regan saltou para trás feito uma mola. — E só a cerveja — resmungou, erguendo a garrafa. — Preciso dela. — Tomou um longo e

profundo gole, mas isso não contribuiu muito para extinguir o fogo. — Então que temos aqui, hein? Dois adultos saudáveis, descomprometidos, que querem quase a mesma coisa um do outro.

— Que mal se conhecem — acrescentou a moça. ~ Que deviam ter melhor senso do que ir logo saltando no sexo como se fosse uma piscina.

— Eu adoro água.

— É, mas para mim é importante saber exatamente onde estou entrando, aonde estou indo.

— Sem desvios?

— Não. Quando planejo alguma coisa, me atenho a ela. Isso funciona para

mim. — Estava mais calma agora. Racional. — Tive muito tempo para pensar, dirigindo na ida e na volta da Pensilvânia. Precisamos diminuir a velocidade, dar uma examinada em toda a situação. — Se estava calma, por que não parava de mexer no blazer, torcer os anéis?

— E como a casa — continuou tranquilamente.

— Você terminou um aposento e está lindo. Não começou o projeto sem um plano completo na mente para o resto. Acho que a intimidade deve com certeza ser tão pensada quanto a reforma de uma casa.

— Faz sentido.

— Muito bem... Então, vamos recuar uns passos e ter uma visão mais clara das coisas. — A mão ainda estava tremendo um pouco ao pegar o casaco. — Esse é o caminho a se tomar.

— É... — Ele largou a cerveja. — Regan?

Ela agarrou o casaco.

— Sim?

— Fique.

Com os dedos dormentes, ela suspirou lentamente desta vez.

— Achei que você nunca fosse pedir.

Rindo meio nervosa, lançou-se nos braços dele.

CAPÍTULO SEIS

— Isso é uma loucura! — Já sem ar, Regan enroscou os dedos nos cabelos dele e arrastou sua boca para a de Rafe. O beijo era calor, perigo, promessa. — Eu não ia fazer isso!

— Tudo bem. Eu faço.

— Eu tinha pensado ir fundo nisso, até o fim. — Quando sentiu os joelhos tremendo, ela deu uma gargalhada. — Tinha mesmo. Tudo que acabei de dizer fazia perfeito sentido. Isto é apenas química. Apenas atração física.

— É... — Em um movimento rápido, ele empurrou o blazer de Regan pelos ombros abaixo, puxou seu corpo contra o dele. — Pare de pensar — ordenou Rafe.

Um sorriso surgiu nos lábios dele quando pegou com força o tecido amontoado, apertando-a contra si. Viu os olhos dela se vidrarem, ouviu o seu gemido entrecortado. Depois deslizou a boca pelo pescoço da moça. Era tão lisa, tão perfumada!

Ela se agarrou aos quadris dele e jogou a cabeça para trás, oferecendo-se. O calor corria por todo o corpo. Com um empurrão, Rafe soltou-lhe os braços. Antes que Regan pudesse estendê-los,

sentiu as mãos enormes dele embaixo de seu suéter, para moldar, possuir.

Ele encontrou tudo o que queria, e queria mais. Continuava o implacável ataque com a boca, enquanto torturava com os dedos a pele dela, que também fazia o mesmo.

Abriu o zíper da calça dela, depois correu os dedos pela barriga. Ela avançou, apertou-se com urgente desejo contra ele, esfolando-o no pescoço com mordidas caprichadas.

Ele podia possuí-la ali mesmo, onde estavam. Aquilo liberaria a terrível tensão que o queimava por dentro.

Puxou o suéter dela pela cabeça, jogou-o para o lado e encheu as mãos com os seios. A renda que os cobria era macia, delicada, e a carne embaixo já se aquecia de desejo. Rafe olhava o rosto dela e esfregava os polegares calejados do trabalho sobre os mamilos.

— Eu imaginei você assim — sussurrou.

— Eu sei...

Ele sorriu e concentrou os olhos devoradores nos dela, deslizando uma fina tira pelo seu ombro.

— Acho que não sei muito bem o que fazer com você. Mas vou tentar.

Continuou com os olhos em Regan, observando, avaliando, ao passar a mão nos seios e depois soltar o fecho do sutiã.

Então, Rafe viu o lindo olhar azul-celeste escurecer.

A respiração dela travou-se na garganta, quando a colocou por cima dele e pôs a boca faminta em ação. Chocada, a moça se arqueou para trás e tateou os ombros dele, agarrando-se desesperada à sua camisa. Ele a mordiscou quase com selvageria. Atormentou-a com a língua, incitando-a.

Ensandecida, ela se agarrou a ele. Mesmo quando se sentia caindo, arrancou-lhe e rasgou-lhe a camisa. Viu-

se deitada de costas, no fino saco de dormir embaixo dele.

Conseguiu afinal tirar a camisa dele, enfurecendo-se ao ver que outra camada os separava. Queria carne. Tinha fome. Assim que ele se livrou da camiseta e jogou-a para o lado, ela enterrou os dentes em seu ombro.

— Vamos. — As palavras dela eram diretas. — Quero suas mãos em mim.

E lá estavam elas, em toda parte, ao mesmo tempo. O mundo dela tornou-se perigosamente excitante. Cada carícia violenta fazia irromper novas sensações.

Ao lado, o fogo na lareira lançava brasas contra a grade.

Via-o em meio à névoa que lhe turvava a visão. Os cabelos escuros, os olhos intensos, os músculos que brilhavam de suor na dança da luz.

Rafe recuou o tronco e, cega de prazer, ela se ergueu, circundando-o com os braços possessivamente, os lábios em busca de cada novo gosto.

Tinha-a toda envolta nele, aquele corpo deslumbrante deslizando sobre o dele.

Regan se emaranhou nele todo, de cima a baixo. Ele a queria nua e contorcendo-se embaixo de si. Queria ouvi-la gritar seu nome e ver os gritos de prazer. Com a respiração esfiapada, arrastou a calça pelos quadris dela. Em

um movimento estouvado, rasgou a calcinha de renda.

O clímax açoitava-a. Cambaleando da pancada, a moça soluçou o nome dele. E, tremendo, queria ainda mais.

Rafe deu-lhe mais. E recebeu mais. Toda vez que ela achava que ia terminar, ele encontrava um novo jeito de açoitar-lhe os sentidos. Havia só ele, o gosto, o cheiro dele. Os dois rolaram pelo chão, selvagememente, ela enterrando as unhas nas costas dele, ele com a boca a queimar a de Regan.

Quase cego de necessidade, Rafe agarrou as mãos dela. Achou que a respiração ia rasgar-lhe os pulmões. Gemidos idênticos misturaram-se. Um

pedaço de lenha esmigalhou-se com estrondo na grade.

Os dois tremiam, olhando um ao outro, enquanto saboreavam aquele instante. Quando o beijo chegou à maior profundidade, quando o sabor dela o encheu tão intimamente quanto a penetrava, começaram a mexer-se juntos.

O frio afinal acordou Regan. Embora parecesse impossível, achou que devia ter adormecido. Esforçando-se para orientar-se, descobriu que tinha as costas na madeira dura e fria do piso, apertadas firmemente pelo peso do corpo de Rafe MacKade,

Olhou em volta, zozna. Tinham ido parar a vários metros da lareira.

— Você acordou agora? —
perguntou Rafe, a voz pastosa, meio
sonolenta.

— Acho que sim. Não sei realmente
dizer. — Ele roçou os lábios sobre a
curva dos seios dela. Seu exausto corpo
estremeceu em resposta. ~ Acho que sei,
afinal — disse Regan.

— Você está gelada. — O homem
ergueu-se, pegou-a no colo e deitou-a no
saco de dormir. E desejou que fosse uma
cama de plumas. — Melhor?

— Sim. — Não muito segura de suas
ações, ela puxou o saco até o pescoço.
Nunca ficara tão exposta, tão nua, de
corpo e de alma, diante de ninguém. —
Devo ter cochilado.

— Apenas dois minutos. — Ele deu um sorriso. Sentia-se como se houvesse escalado uma montanha. E poderia escalar mais dez. — Vou pôr mais lenha no fogo.

Nu e à vontade, levantou-se para ir até o saco de carvão. Os arranhões que marcavam seus ombros deixaram Regan boquiaberta. Ela fizera aquilo. Ela... Meu Deus!

— Eu, ah, vou embora. Cassie vai ficar preocupada.

Rafe pôs a grade de volta no lugar. Sem uma palavra, enfiou a mão na bolsa de lona ao lado da lenha e pegou o celular.

— Ligue para ela.

— Eu... não percebi que você tinha telefone.

— E uma ferramenta em um trabalho como este. — Entregou-o a ela, depois se sentou a seu lado.

— Ligue para ela — repetiu. — E passe a noite aqui.

Ela sabia que havia motivos para ir embora. Mas teclou o próprio número, observando-o enquanto o telefone chamava.

— Cassie, é Regan. Sim, está tudo bem. Neve? -Atrapalhada por um momento, ela tirou os cabelos do rosto. — Ah, sim, vai realmente desabar uma

tempestade. Por isso, é que liguei. E acho que...

Interrompeu-se quando ele começou a deslizar os dedos pela curva do seu seio.

— Como? — a moça engoliu em seco e conteve um gemido. Ele substituiu os dedos pela boca.— Pensilvânia? — murmurou. — Não, não estou na Pensilvânia.

Rafe tomou o telefone de seus dedos frouxos.

— Ela está comigo. Vai passar a noite comigo. É isso mesmo. Ela liga para você amanhã, está bom?

Desligou o celular e largou-o de lado.

— Cassie disse que temos mais de trinta centímetros de neve lá fora. As ruas estão uma confusão e você não deve arredar pé de onde está.

— Oh! — Ela fechou os olhos, ergueu os braços. — Isso é muito sensato!

As velas haviam-se consumido e o fogo reduzia-se a brasas quando ela acordou. A casa estava tão silenciosa que ela quase ouvia os batimentos do próprio coração. Embora cheia de sombras e escuridão, a sala parecia estranhamente em paz. Talvez os fantasmas dormissem. Ou talvez ela se sentisse tranquila com eles porque Rafe dormia a seu lado.

Virou a cabeça e examinou o rosto dele à luz agonizante da lareira. Mesmo dormindo, não tinha nenhum olhar inocente de menininho. Toda a força e o potencial para a violência continuavam ali.

Regan sabia que Rafe, às vezes, era gentil, atencioso, solidário. Viu isso no jeito como tratou Cassie. Mas como amante, era implacável e feroz.

E pela primeira vez na vida, ela foi a mesma coisa.

Agora, achava difícil acreditar que fez o que fez, deixou-o — quis — fazer o que ele havia feito.

O corpo doía-lhe e ela se perguntava se, em plena luz do dia, estremeceria à lembrança de como gozara. Como sentiu dor e desejou com avidez aquelas mãos duras!

Mas também usara as suas...

Percebeu, de repente, que queria usá-las agora de novo.

Dando um leve suspiro, desprendeuse do braço possessivo de Rafe. Moveuse o mais silenciosamente possível, resolveu enfiar a camisa de flanela dele para cobrir-se. Abotoando-a no caminho, seguiu a passos leves para a cozinha.

Na pia, encheu um copo de água. Ajustando os olhos, viu a neve caindo

enviesada pela janela.

Não se arrependia. O que seria uma tolice. O destino pôs um extraordinário amante em seu caminho. O tipo de homem que poucas mulheres chegavam sequer a conhecer. Regan queria e ia satisfazer-se com a emoção física. Podia e ia impedir-se de complicar a vida.

Os dois eram adultos, como bem disse Rafe. Sabiam o que queriam. Quando a casa estivesse pronta, ele na certa ficaria agitado e se mudaria para ali. Enquanto isso, curtiriam um ao outro. E quando concluísse as obras, terminariam tudo com mútuo entendimento.

Na certa, seria bom conversar sobre essas expectativas, antes que as coisas

avançassem mais. Porém, via-se dilacerada com todos aqueles sentimentos.

Do vão da porta, Rafe examinava o jeito de Regan diante da pia, meio inclinada sobre a bancada, os olhos na janela, com o rosto refletido. A camisa dele caía à altura das coxas, a flanela gasta contra pele cremosa.

Ficou muito impressionado quando lhe ocorreu que jamais vira na vida uma coisa tão bela. Tinha as palavras para descrevê-la; era bom nisso. Mas viu que não encontrava nenhuma desta vez, nenhuma boa o suficiente para mostrar a enorme importância dela.

Assim, disse as mais fáceis, como se fosse para aplacar um pouco o coração.

— Gostei da roupa, querida.

Ela tomou um susto, quase derrubou o copo e virou-se. Rafe vestiu a calça jeans, mas não se deu o trabalho de fechá-la. Rindo, encostou-se na porta sem moldura.

— Era o que estava mais perto — respondeu Regan.

— Essa camisa velha caiu bem mesmo em você. Sem sono?

— Senti sede. — Mas ela largou o copo sem quase chegar a tomar um gole. — Acho que o silêncio me acordou. É estranho, não acha, como é quieto aqui?

— A neve sempre silencia os lugares.

— Não, quero dizer a casa. Parece diferente. Sossegada.

— Mesmo os soldados mortos e as mulheres infelizes têm de dormir alguma vez — ele atravessou a cozinha para pegar o copo dela e bebeu. — Está quase amanhecendo... Meus irmãos e eu passamos a noite aqui uma vez quando a gente era criança. Acho que já lhe contei isso.

— Barulho de correntes arrastadas. Todos vocês contando histórias de fantasma e fumando cigarro escondido.

— Isso mesmo. Entrei aqui na cozinha, também. Era quase a mesma hora do dia, mas em fins do verão. Tudo era tão verde e as florestas tão densas e espessas que faziam a gente se perguntar o que havia nelas. Muito lindo... e eu achei... — interrompeu-se, dando de ombros.

— Não pare — pediu ela, pondo a mão no braço dele -, me conte.

— Achei que ouvia uns tambores, devagar. Talvez fossem os toques dos acampamentos para os soldados se prepararem para a batalha. Sentia o cheiro do medo, da excitação, do pavor. Achei que ouvia a casa despertando em volta, os sussurros e estalos. Fiquei petrificado,

paralisado. Se eu me mexesse, teria me mandado daqui. Os garotos iam esfregar isso na minha cara durante anos, mas eu teria corrido feito um coelho assustado se minhas pernas tivessem se mexido.

— Você era apenas um menino.

— Você nunca foi menino, portanto não sabe que isso tornava a coisa dez vezes pior. Consegui atravessar a noite, cheguei até a sentir uma certa curtição. Então, a manhã começou a chegar, o dia raiando, e eu aqui parado batendo os dentes. Quando passou, fiquei olhando por essa janela. E pensei: nenhuma maldita casa vai levar a melhor sobre mim. Nada vai levar a melhor sobre mim. Vou ser dono desta casa antes de me liquidarem.

Sorriu, largando o copo.

— Não sei quantas vezes voltei aqui, sozinho, depois disso. Esperando que alguma coisa acontecesse, desejando que acontecesse, para que eu pudesse enfrentá-la e vencer. Eu me movia por cada cômodo desta casa em uma ou em outra vez. Ouvia coisas, via coisas e sentia coisas. Na noite em que deixei a cidade, prometi a mim mesmo que voltaria.

— Agora você a comprou — disse ela, com um ar tranquilo.

— E... — Levemente encabulado, Rafe baixou os olhos. — Jamais contei isso a ninguém.

— Então nem eu contarei. Qualquer que seja seu motivo, você está fazendo uma coisa importante. Esta casa ficou tempo demais abandonada.

— Você sentiu medo, por passar a noite toda aqui?

— Não. Da casa, não.

O homem levantou a sobrancelha.

— De mim?

— É. Tenho medo de você.

O bom humor desapareceu dos olhos dele.

— Fui bruto com você... — falou, cuidadoso.

— Não me refiro a isso. — Ela se

voltou para o outro lado. Por hábito, pôs uma chaleira no fogão, acendeu o bico de gás. — Nunca me vi do jeito como fui ontem à noite, com ninguém. Tão fora de controle. Ainda fico um pouco surpresa quando me lembro...

Suspirou, procurando um filtro de papel para o coador.

— Surpresa? Ou arrependida?

— Arrependida, não, Rafe. Não, arrependida, de jeito nenhum. Mas um pouco nervosa, porque agora sei exatamente o que você provoca em mim. Eu sabia que fazer amor com você seria ótimo. Só não sabia que me deixaria tão abalada. Nada em você é certinho ou previsível. Como gosto que seja tudo.

— Quero você agora. Isso seria previsível.

— Meu coração dá saltos — confessou ela — quando você diz coisas assim. Mas eu preciso mesmo de tudo bem ordenado. — Abrindo a lata de café, ela mediu algumas conchas. — Bem, seus homens chegarão daqui a uma ou duas horas. Esta talvez não seja a melhor hora para falar disso.

— Ninguém virá trabalhar hoje. Há neve quase no teto!

— Oh... -A mão dela falhou, derramando pó de café no fogão.

— Estamos presos pela neve por algum tempo, querida. Pode falar tudo que

quiser.

— Bem... — Após pigarrear, ela tornou a encará-lo. — Eu acho melhor que nós dois entendamos as coisas.

— Que coisas?

— Coisas... Coisas que não exatamente terminamos de descrever em linhas gerais ontem à noite. Tipo se o que estamos tendo é um caso sem...

— Complicações?

— Sim. — Aliviada, ela assentiu com a cabeça.

— Isso.

Surpreso por ver-se aborrecido com a descrição fria e indiferente dele — que

talvez houvesse refletido seus próprios desejos — ele cocou a cabeça.

— Está tudo muito bem direitinho. Mas se isso significa você sair com alguém mais, vai virar uma tremenda bagunça quando eu partir o cara em dois.

— Oh, que coisa mais ridícula...

— E cortar fora seu...

— Para com isso. Não tenho a menor intenção de ver alguém mais enquanto estivermos envolvidos, mas se...

— E mais inteligente parar por aqui — disse ele, calmamente. — Digamos apenas que temos um caso exclusivo e mutuamente satisfatório. Assim está bom para você?

Mais calma, ela tornou a se virar para despejar água fervente no filtro.

— Sim, concordo com isso.

— Você é uma trabalhadora, Regan. Quer o contrato em triplicata?

— Só quero ter certeza de que a gente espere as mesmas coisas. — Ela concentrava-se intensamente em cobrir bem os grãos com a água, em assegurar-se de não despejar água demais, nem de menos. — Não tivemos tempo para chegar realmente a conhecer bem um ao outro. Agora somos amantes. Não quero que você ache que estou atrás de mais do que isso.

— E se eu estiver?

Os dedos dela se retesaram na alça da chaleira.

— Está? — Regan perguntou.

Rafe virou-se de costas e olhou pela janela a neve que caía suavemente.

— Não.

Ela fechou os olhos, dizendo a si mesma que era alívio o que sentia com a resposta. Apenas alívio.

— Bem, então não tem problema nenhum.

— Não, tudo está às mil maravilhas. — A voz dele foi tão fria e desprendida quanto a dela. — Você não quer romance, poupa-me o trabalho. Não quer

promessas, eu não tenho de mentir. Queremos um ao outro na cama. Isso simplifica tudo.

— Eu quero você na cama. Mas se não gostasse de quem você é, não teríamos chegado lá. Eu já quis outros homens.

Em um gesto pretensamente calmo, Rafe enfiou os cabelos dela atrás da orelha.

— Agora você está tentando me deixar furioso.

O fato de ele não ver como para Regan era difícil ser tão aberta, manter as coisas simples, facilitava tudo para ela. O

mais estranho é que esse tipo de abertura nela parecia inteiramente natural para ele.

— Estou tentando lhe fazer um elogio. Não teria vindo aqui ontem à noite, esperando que estivesse aqui, se não me interessasse por você.

— Veio deixar os castiçais.

— Você é um idiota. Engoliu mesmo a história, não engoliu?

Intrigado, Rafe aceitou a caneca que a moça ofereceu.

— Sim, engoli mesmo.

Ela tomou um gole do café e sorriu.

— Otário.

— Talvez eu não goste de mulheres

dissimuladas, agressivas...

— Gosta, sim. Na verdade, espera que eu seduza você agora mesmo.

— Acha mesmo?

— Sim. Mas quero tomar meu café primeiro. Ele observou-a tomar outro delicado gole.

— Talvez eu queira a minha camisa de volta. Você não me perguntou se ia emprestar.

— Ótimo. — Como uma das mãos, ela desabotoou B camisa. — Pronto, está aqui.

O homem arrancou a caneca da mão dela e largou a sua e a de Regan na mesa.

O sorriso atrevido da moça incitou-o a levantá-la mais uma vez nos braços. Ela ria e atacava o ouvido dele, com os gritinhos. A porta da frente do salão abriu-se, deixando entrar o frio, a neve trazida pelo vento e uma figura cheia de crostas brancas.

Shane tirou o gorro e sacudiu-se feito um cachorro.

— Ei! — Com descontração, fechou a porta com um chute. — Seu carro está enterrado até o volante, Regan.

— Sérioo? — Ela fechou rapidamente a camisa e tentou falar no mesmo tom casual dele. — Tivemos um monte de neve, não é?

— Mais de sessenta centímetros. —
Shane riu para o irmão. — Imaginei que precisasse de alguém para quem você da neve.

— Pareço alguém que precisa de quem venha me resgatar? — Irritado, Rafe entrou tranquilamente no salão e largou Regan no sofá. — Fique aí.

— Rafe! Pelo amor de Deus!

— Aí! — repetiu ele, rumando de volta para a entrada.

— Que cheiro bom de café! — exclamou Shane, puxando conversa. — Posso tomar um pouco?

— Me dê um motivo para eu não quebrar seu pescoço.

Shane tirou as luvas e soprou os dedos gelados.

— Porque vim dirigindo até aqui em uma nevasca para salvar o seu. — Curvou-se, mas não conseguiu ver bem dentro do salão. — Ela, com certeza, tem belas pernas.

— Onde você prefere morrer?

— Só uma observação. Escute, quem podia saber? Imaginei que estivesse encalhado aqui, sozinho. Então, quando vi o carro, achei que talvez ela precisasse de uma carona até a cidade. Talvez seja melhor eu perguntar a ela.

— Mais um passo e só vão encontrar o seu corpo na primavera.

— Se eu vencer, posso ficar com ela? — provocou Shane. Quando Rafe rosnou, o irmão caçula desatou a rir. — Não me bata, estou congelado. Vai me quebrar em pedaços.

Resmungando, Rafe agarrou-o pela gola e arrastou-o pelo corredor.

— Tome logo um café, MacKade. — Na cozinha, ele encontrou uma garrafa térmica e encheu a xícara. — Agora suma!

— Já vou. O vento está de matar. Escute, eu não tive a intenção de me intrometer em seu ninhozinho de amor — disse ele, largando a garrafa na mesa, ao ver a fúria nos olhos do irmão. — Ei, você está sério com ela?

— Meta-se com a porra da sua vida!

Shane assobiou uma melodia qualquer e enroscou a tampa da garrafa térmica.

— Olha, Regan é uma verdadeira dama, hein?

— E daí?

— E daí, nada... — Sem graça, Shane baixou a cabeça. — Eu gosto dela, sempre gostei. Pensei em...

Percebendo que ia dar uma mancada, tornou a calçar as luvas e cantarolou alegremente.

— Pensou em quê?

Shane correu a língua em volta dos dentes. Queria continuar com todos na boca.

— Exatamente no que você acha que pensei. — Ágil, esquivou-se do arremesso do braço de Rafe.

— Calma, eu apenas pensei. Não vou brigar com você por causa de pensamentos. Só estou dizendo que ela é o máximo. Você tirou a sorte grande.

Desfeito o mal-entendido, Rafe tornou a pegar a garrafa e entregou-a ao irmão.

— Estamos dormindo juntos. Só isso.

— A gente tem de começar em algum lugar.

— Ela é diferente, Shane. — Embora não fossei capaz de admitir para si mesmo, a verdade saiu sem dificuldade. — Ainda não resolvi nada, mas sei é diferente. Importa muito para mim.

— Todo mundo tem de sentir algo de vez em quando — disse Shane, dando um tapinha no ombro de Rafe. — Até você.

— Eu não falei nada disso — resmungou ele. Mas Rafe entendeu as insinuações. Cair de amor.

Apaixonar-se.

— Nem precisa. Escute, vou limpar a alameda, por via das dúvidas. Você tem

alguma comida aqui?

— Sim, tenho o suficiente.

— Vou embora, então. A previsão é de que o tempo melhore em meados da manhã. Tenho animais a cuidar. Assim, se precisar de alguma coisa, fale com o Devin primeiro. Talvez eu esteja fora.

— Obrigado. Shane? — Rafe se voltou, encarando o irmão. — Se você chegar a dar uma única olhada no salão na saída, vou matá-lo.

— Já dei uma boa olhada nas pernas dela. — Assobiando alegremente, o rapaz atravessou sem pressa o corredor. — Até logo, Regan!

Custou-lhe, mas manteve os olhos longe do salão caminho da porta.

Logo que a ouviu bater, Regan abraçou os joelhos. Ao entrar no salão, Rafe viu a postura defensiva leia.

— Escute, querida, desculpe. Devia ter trancado a porta. Shane não tem intenção de ser idiota. Ele nasceu assim. Não pretende fazer nenhum mal. Não fique tão aborrecida.

A moça soltou um fiapo de voz. Ao levantar o rosto, tinha-o molhado de lágrimas. A gargalhada de Regan saiu borbulhando.

— Dá para imaginar a cena, os três ali na entrada? Nós dois seminus e Shane

parecendo o abominável homem das neves?

— Acha isso engraçado?

— Não, acho muito doído. — Chorando de tanto rir, ela desabou sobre Rafe. — Os irmãos MacKade! Oh, meu Deus, onde é que eu fui me meter?

Maravilhado, ele a pôs no colo.

— Me devolva a camisa, querida, que eu vou lhe mostrar.

CAPÍTULO SETE

Aconchegada no saco de dormir, Regan cochilou junto ao fogo da lareira. As toras crepitavam perto do rosto e do braço estendido para fora. Ela suspirou, viajando no sonho, aninhada a Rafe.

Os sonhos eram quase tão eróticos quanto a realidade das últimas horas, vividos o bastante para fazê-la se agitar. Ao levantar o braço e ver-se sozinha, suspirou mais uma vez, decepcionada.

O fogo na lareira brilhava alto e intenso. Ela percebeu que Rafe o refizera antes de deixá-la. A sala estava tão

silenciosa que ouvia o tique-taque do relógio da prateleira acima da lareira. As provas das atividades noturnas achavam-se por toda a volta, as roupas tiradas às pressas pelo chão, os pedaços de renda rasgada, as botas tombadas...

Desejou que ele estivesse ali, para que a alimentasse como atiçara o fogo. Era um maravilhoso choque notar aquele poço sem fundo de paixão.

Nunca foi assim antes, refletiu, sentando-se para exercitar os rígidos e doloridos músculos. Os relacionamentos sempre ficaram em segundo plano na sua lista de prioridades. Perguntava-se, após seu recente comportamento, se ele se surpreendia ao saber que, antes dele,

Regan se considerava hesitante, até mesmo um pouco tímida, quando se tratava de sexo.

Bocejando, pegou o suéter e enfiou-o pela cabeça.

Conhecendo-o como o conhecia, ele ficaria apenas vaidoso.

Era uma pena não poder culpar o celibato dos últimos anos por aquela reação incendiária. Parecia que sua libido era madeira seca posta em chamas, assim que Rafe pôs as mãos nela. Usar a abstinência como motivo da reação estaria longe de ser honesto.

O que quer que fosse sua vida antes, ele a mudou completamente. Era certo que

jamais tornaria a olhar da mesma maneira as noites junto a uma lareira. Talvez não tornasse a ver qualquer coisa da mesma maneira, agora que sabia do que era capaz com o... parceiro... certo.

Como poderia uma mulher voltar para a sua sossegada vida, depois de haver provado o gosto de Rafe MacKade?

No momento, a única coisa que queria era encontrá-lo.

Enfiou a calça e o suéter e começou a vagar pela casa. Tentar achá-lo a divertia.

O frio dos pisos descobertos levava-a esfregar os pés, em busca de algum

calor. Mas a curiosidade ultrapassava qualquer desconforto.

Esteve duas vezes antes nos quartos do primeiro andar. A primeira na avaliação inicial para tomar notas e medidas. A segunda, para conferi-las. Porém, agora não havia operários, nem ruídos de vozes ou marteladas.

Entrou devagarzinho no cômodo além do salão, meio sonhando.

Ali seria a biblioteca — prateleiras cheias de livros, poltronas com estofamento grosso convidando um hóspede a aconchegar-se para ler. Uma escrivaninha inglesa ficaria ali, design simples, linhas retas, pés finos e ornamentação clássica. Depois colocaria

uma longa garrafa de cristal com conhaque, um vaso com flores da época e um tinteiro de estanho.

Escadas de biblioteca, claro. E as poltronas de encosto largo junto ao fogo crepitante precisariam de confortáveis bancos para o descanso dos pés.

Queria um porta-missal no canto do outro lado, daqueles com base cabriolé. Poria ali uma grande e antiga Bíblia aberta com páginas debruadas de dourado.

*Abigail O'Brian, casada com
Charles Richard Barlow,
10 de abril de 1856*

*Catherine Anne Barlow,
nascida em 5 de junho de 1857*

*Charles Richard Barlow, Jr.,
nascido em*

22 de novembro de 1859

*Robert Michael Barlow,
nascido em*

9 de fevereiro de 1861

*Abigail Barlow, morta em 18
de setembro de 1864.*

Regan estremeceu. Voltou a si devagar, os braços apertados com força junto ao corpo para proteger-se do frio de rachar, o coração martelando, quando a visão se apagou diante dela.

Como soube disso? De onde vieram aqueles nomes e datas?

Lera, com certeza, em algum lugar. Toda a pesquisa que fizera... Claro que era isso! Muito devagar, recuou do aposento e ficou parada no corredor, recuperando o fôlego.

Claro que sabia que os Barlow daquela época haviam tido três filhos. Ela ergueu os olhos. As datas também deviam estar lá — e lembrou delas por alguma razão, só isso.

Por nada no mundo, admitiria que achou, apenas por um momento, que vira de fato a grossa página branca de uma Bíblia aberta, com os nomes e datas

escritas em uma caligrafia cuidadosamente benfeita.

Dirigiu-se à escada e subiu-a.

Ele deixara a porta aberta desta vez. Quando ela chegou ao patamar, ouviu a raspagem de uma espátula na parede. Aliviada, atravessou o corredor.

E aqueceu-se de novo, apenas olhando-o.

— Precisa de ajuda?

Ele olhou para trás, viu-a parada ali em seu suéter classudo e na calça de pregas.

— Não vestida assim. Eu só queria terminar essa demão e achei que você

precisava dormir um pouco.

Regan limitou-se a recostar-se no vão da porta para olhá-lo.

— Por que esse tipo de trabalho é tão atraente em alguns homens?

— Algumas mulheres gostam de ver os caras suarem.

— Parece que sou uma delas. — Ela observou a técnica de Rafe, o deslizar da espátula, a virada do pulso. — Sabe, você é melhor que o cara que trabalhou no meu apartamento em cima da loja. Muito caprichoso.

— Detesto trabalho de alvenaria.

— Então por que está fazendo?

— Porque sou mais rápido do que a equipe que contratei.

— Como aprendeu?

— Vivíamos tendo de consertar alguma coisa na fazenda. Quando saí da cidade, fiz muito trabalho braçal.

— Depois abriu sua própria empresa.

— Não gosto de trabalhar para outra pessoa.

— Nem eu. Para onde foi, quando partiu?

— Para o sul. — Ele se curvou para bater o excesso de volta no balde de argamassa. — Arranjei alguns empregos

aqui e ali. Era melhor bater um martelo do que empurrar um arado. — Por hábito, enfiou a mão no bolso da camisa e encontrou-a vazia. — Parei de fumar...

— Bom para você.

— Mas está me deixando pirado.

Para manter-se ocupado, aproximou-se e conferiu uma junta que fizera na noite anterior.

— Foi para a Flórida? — perguntou a moça.

— E, foi onde acabei ficando. Muito trabalho de construção na Flórida. Comecei comprando casas... umas porcarias... consertando e passando

adiante. E me saí muito bem. Então, voltei. Apenas isso.

— Eu não estava bisbilhotando —
ela se defendeu.

— Não disse que estava. Simplesmente não tenho muito mais histórias a contar. Tinha uma reputação péssima quando saí daqui. Passei a última noite na cidade em uma briga de bar. Com Joe Dolin, aliás.

— Eu imaginava que houvesse uma história aí...

— Não muito. A gente simplesmente se odiava.

— Eu diria que seu número de inimigos é fantástico.

Mais uma vez agitado, ele moveu os ombros.

— Se não tivesse sido ele, seria algum outro. Eu estava uma pilha naquela noite. Na verdade, eu sempre estava a fim de causar confusão. Todos achavam que eu não valia nada, nem eu mesmo.

— Parece que se enganaram. Até você.

— As pessoas vão falar sobre nós. Você vai entrar no Café da Ed, ou no mercado de Kingston, e a conversa vai parar. E quando tornar a sair, as pessoas vão começar a fofocar sobre o que a simpática Regan Bishop anda fazendo com aquele baderneiro do Rafe MacKade.

— Já estou aqui há três anos, Rafe. Sei bem como funciona o esquema.

Ele precisava fazer alguma coisa com as mãos. Por isso, pegou uma lixa e recomeçou a trabalhar,

— Não creio que tenha dado a elas muito o que falar até agora.

— Bom... Fui uma notícia muito quente quando abri a loja. Que faz essa forasteira de cidade grande ocupando o lugar do velho Leroy e vendendo antiguidades, em vez de parafusos e juntas de cano? — Ela sorriu. — Isso me rendeu muitos curiosos na vitrine, e um bom número deles se tornou comprador. Uma coisa como esta às vezes esquenta os negócios durante algumas semanas.

— Quero que entenda no que está se metendo.

— É meio tarde para isso. Talvez esteja preocupado com sua reputação.

— Certo. — A poeira voava enquanto ele lixava. — Andei pensando em me candidatar a prefeito.

— Não com a sua reputação de bad boy. “MacKade deve estar ficando sensível, andando por aí com a simpática Regan Bishop. Quando a gente menos esperar, vai estar comprando flores, em vez de cervejas. Aposto que ela o põe na linha a chibatadas”.

Curioso, ele largou a lixa, enfiou as mãos nos bolsos da frente e a encarou.

— E isso que vai tentar fazer, Regan? Pretende me pôr na linha a chibatadas?

— E com isso que estava preocupado, MacKade? Que eu conseguisse fazer?

Não era uma ideia agradável.

— Legiões tentaram. — Ele aproximou-se e deslizou o dedo empoeirado pelo rosto dela. — Seria mais fácil eu corrompê-la, querida. Podia pôr você na Taberna do Duff jogando sinuca a qualquer hora.

— E eu fazer você recitar Shelley.

— Shelley, quem?

Com um riso abafado, ela se levantou nas pontas dos pés para dar-lhe um beijo.

— Percy Bysshe Shelley. Um escritor famoso.

A ideia era tão ridícula que os ombros tensos se relaxaram.

— Querida, o dia em que eu começar a fazer poesia será o dia em que o porco premiado de Shane vai ganhar asas e voar pela rua.

Regan sorriu e mais uma vez o beijou.

— Não queira fazer uma aposta. Vamos, eu gostaria de dar uma olhada no trabalho em andamento.

Rafe agarrou-lhe a mão.

— Que tipo de aposta? Ela riu e puxou-o para o corredor.

— Estou brincando, rapaz. Quero que faça uma "excursão" pela casa comigo.

— Espere aí um instante. Os MacKade nunca desistem de um desafio.

— Eu o estou desafiando a citar Shelley? — Ela suspirou. — Tudo bem, eu desafio.

— Não, não é assim que funciona. — Pensando, o homem ergueu a mão e brincou com os dedos dela. O lampejo de excitação em seus olhos inspirou-o. — O fato é que vou deixá-la tão louca por mim

em um mês, que você vai rebolar em uma minissaia de couro. Vermelha. E vai entrar na Taberna para beber uma cerveja e jogar uma partida de bilhar.

A excitação logo se transformou em diversão.

— Que fantasias estranhas você tem, MacKade! Pode mesmo me ver em uma minissaia de prostituta, jogando sinuca?

O sorriso dele tornou-se maligno.

— Oh, sim. Vejo muito bem! Não deixe também de usar aqueles sapatos de saltos bem altos. Os fininhos.

— Eu nunca uso couro sem stilettos.

— E sem sutiã.

A gargalhada dela tomou conta do ambiente.

— Está mesmo a fim, não está?

— Estou chegando lá. — Ele pôs a mão no quadril dela. — Porque vai estar louca por mim.

— E óbvio que um de nós já perdeu o juízo. Tudo bem. — Regan empurrou-o. — Eu digo que nesse mesmo período de tempo terei você de joelhos, agarrado a um buquê de... ãh... hortênsias...

— Hortênsias?

— Sim. Gosto muito de hortênsias. E você vai citar Shelley.

— Que ganha o vencedor? Ele teve de rir.

— Isso já basta. Fechado. Apertaram-se as mãos, selando a aposta.

— E vamos àquela excursão agora?

— Claro. — Ele passou o braço em volta dos ombros dela e divertiu-se com a visão das elegantes pernas sob uma minissaia vermelha. — Levamos adiante a sua ideia de um tipo de suíte. — Seguiu na frente pelo corredor e abriu uma porta. — Quase pronta para decorar.

— Rafe!

Maravilhada, ela entrou.

O delicado papel de parede floral estava quase todo colado. O teto reluzia da pintura recente. Portas francesas já haviam sido instaladas, e se abririam um dia para a larga varanda, que dava para jardins em desenfreado florescimento. Embora panos ainda cobrissem o piso, ela o imaginava com uma linda tapeçaria em tom pastel.

Circulou entre baldes e escadas, já arrumando os móveis na mente.

— Vai ficar tão lindo... — murmurou. — Tudo indica que sim. — Ele levantou um pedaço de carvão da lareira. — A prateleira estava toda gasta. Não tinha conserto. Mas achei um bom pedaço

de pinho amarelo. O marceneiro está usando a original como guia.

— Aquela decoração em rosa vai ficar maravilhosa aqui. — Regan olhou por uma porta anexa. — E aqui é o banheiro.

— A-hã... — Rafe examinou o cômodo por cima dos ombros dela. Tinha um bom tamanho e os bombeiros já haviam feito o trabalho preliminar. — Era um quarto de vestir.

Ela tomou-lhe a mão e agarrou-a.

— Sente esse perfume?

— Rosas... — Delicadamente, ele roçou a face nos cabelos dela. — Sempre cheira a rosas aqui. Um dos homens que

colocaram o papel de parede acusou o colega de usar perfume de mulher.

— Este era o quarto dela, não era? De Abigail. Ela morreu aqui?

— Provavelmente. Ei! — Ele ergueu o queixo dela e viu uma lágrima escorrendo pela face. — Não chore...

— E tão triste! Ela deve ter sido muito infeliz. Sabendo que o homem com quem se casou, o pai de seus filhos, era capaz de tamanha crueldade a sangue-frio. Como ele a tratava, Rafe? Será que a amava, ou só a possuía feito um objeto?

— Não há como saber. Não chore... — Desajeitado, ele tirou a lágrima com a mão e afagou-lhe a cabeça. — De nada

adianta chorar por uma coisa que aconteceu há mais de cem anos.

— Mas ela continua aqui... — Enlaçando os braços nele, Regan aconchegou-se em seu peito. — Eu sinto muita pena dela, de todos eles.

— Não vai fazer bem algum a si mesma, nem a mim, se ficar enredada nessa história toda.

— Eu sei. Mas é estranho como a gente passa a se acostumar com isso. Rafe, quando eu estava lá embaixo sozinha...

— Que foi? — ele quis saber, nervoso.

— Nada.

— Que foi? — repetiu Rafe.

— Bem, eu entrei na biblioteca. O que era a biblioteca — ela continuou, meio constrangida de contar. — O que será a biblioteca... E... eu via!

Ele a encarou.

— Via o quê?

— A sala. Não os pisos manchados e a nova fiação que você pôs. A biblioteca. Livros na parede, flores na mesa, cortinas nas janelas. Eu via mesmo — repetiu ela, franzindo a testa. — Não do jeito que vejo na cabeça quando estou planejando as coisas. Imaginei o... bem, achei que imaginava um porta-missal com uma antiga Bíblia de família aberta. E lia a

página, quase tocava. Casamento, nascimentos e mortes. — Levou algum tempo para estabilizar a respiração. — Você não diz nada!

— Porque estou prestando atenção em você.

— Sei que isso parece loucura.

— Nesta casa, não parece.

— Era tão real, tão triste... Como é real e triste o cheiro de rosas neste quarto. Então, ficou muito frio, um frio de rachar. E... é só isso.

— E muito para apenas um dia. — Querendo acalmá-la, Rafe acariciou os cabelos dela. — Posso dar um telefonema a Devin e pedir que venha buscá-la.

— Não, não quero ir embora. Fiquei assustada por um momento, mas é como eu disse antes. A gente passa a se acostumar.

— Eu não devia ter deixado você sozinha.

— Não seja tolo. Não preciso ser protegida contra fantasmas malucos.

Mas ele queria protegê-la. Desejava que ela o chamasse. Surpreendia-o o quanto desejava que Regan precisasse dele o bastante para chamá-lo.

— Na próxima vez que for à biblioteca, me avise. Eu vou com você.

— A casa já está mudando — disse a moça. — Você fez isso porque gosta

dela. Gosto de achar que também tive uma participação aqui.

— E tem.

— Quando as pessoas morarem nela, fizerem amor nela, rirem nela, a casa tornará a mudar. Ela precisa de pessoas.

Regan mudou de posição e ofereceu a boca para ele.

— Faça amor comigo.

Ele pegou no rosto dela e aprofundou o beijo. Ao erguê-la nos braços, levou-a para fora do quarto e o perfume de rosas os acompanhou. Regan agarrou-se no pescoço dele. O sangue já estava quente.

— E como um vício... — murmurou.

— Eu sei.

Rafe parou no alto da escada, encontrando mais uma vez os lábios dela.

— Nunca me senti assim antes — confessou a moça, submersa em emoções, enfiando o rosto em seu pescoço.

Nem eu, pensou Rafe.

Ele a deitou diante da lareira. Depois desenhou í com o dedo a forma do rosto de Regan. Alguma coisa se acendeu dentro dela, chiando de desejo, e pegou fogo em volta do coração.

— Rafe...

— Shhh...

Para calá-la, ele deu um beijinho na testa dela. Regan não sabia nem o que dizer. Mas ficava aliviada por nenhum dos dois precisar de palavras.

Tinha a boca pronta para ele, para seus lábios, sua língua. Embora o desejo continuasse, tudo nela pareceu suavizar-se.

Ali surgia a ternura, tão doce, tão inesperada. Regan deu um suspiro. Ele se maravilhou com aquilo.

Ele adorava o sabor dela, aquele gosto tranquilamente sedutor grudado na pele. O cheiro dos cabelos, as roupas, tudo...

Saboreava-o agora, com longos e lentos beijo que lhe turvavam a mente e faziam-no esquecer que existia qualquer coisa além daquele salão para os dois.

Foi cuidadoso com as mãos desta vez ao tirar o suéter dela e deslizar a calça pelos quadris. Em vez de tocá-la, em vez de possuí-la, Rafe só a beijava, esgotando o fôlego de Regan até ela ficar com o corpo bambo.

Como em um sonho, os dois ficaram ajoelhados se beijando. Depois a moça fixou os olhos já enevoados nos dele, enquanto desabotoava sua camisa. Deslizou-a, tirando-a pela cabeça, e com as mãos levemente apoiadas em seus ombros abraçou-o ainda mais. Seguravam

um ao outro, movendo-se apenas em busca de gostos tranquilos, aos pouquinhos, e carícias suaves.

Ao ficarem nus, ele deitou-se com Regan por cima, para que seus cabelos caíssem como uma cortina sobre os dois.

Ela teve a impressão de que flutuava em uma nuvem.

A sensação das mãos de Rafe nela, acariciando, era algo divino. Ela sentia a maravilha daquilo em cada poro, em cada nervo, a cada pulso.

Regan contou as batidas do coração dele ao se aproximar de seu peito. Estavam mais rápidas, mais fortes.

O tempo havia parado. O relógio na prateleira acima da lareira tiquetaqueava os segundos e os minutos. Mas aquele era outro mundo. No deles, os corações perdiam-se tranquilamente.

Ela se abriu para Rafe, puxando-o mais para perto com um gemido aveludado, quando ele deslizou e a penetrou.

Inebriado por Regan, ele enterrou o rosto em seus cabelos. A ternura despedaçou os dois.

Não falaram disso. De manhã, os dois mostravam-se bastante descontraídos. Mas pensaram. E preocuparam-se.

Rafe ficou a vê-la sair com o carro, o sol espreguiçando-se sobre as montanhas a leste. Depois que a moça se foi, sem ninguém para ver, ele pôs a mão no coração.

Sentiu uma dor ali que não ia embora. Teve um pressentimento muito ruim de que ela era a causa e que, de algum modo, em questão de horas, estaria afundado.

Xingou-se por isso, depois praguejou mais uma vez por enfiar a mão no bolso, à cata de cigarros que não estavam ali. As duas coisas não passavam de hábitos. Se quisesse, podia simplesmente ir comprar um maço e queimar a mufa de tanto fumar. Assim

como podia pegá-la de volta a qualquer momento.

O sexo era uma coisa poderosa. Não surpreendia que também o houvesse fígado.

Não tinha de ser nada mais que isso. Os dois puseram tudo em pratos limpos. Todo homem tinha direito a ficar meio abalado após trinta e tantas horas de sexo com uma mulher maravilhosa, não?

Ele não queria mais nada. Nem ela.

Era um prazer encontrar alguém que não queria nem mais nem menos que ele. Uma mulher que não esperava que ele fizesse jogos, nem promessas.

Com ar carrancudo, Rafe agarrou a pá e começou a cuidar da neve que enchia a calçada. O sol subia e ele trabalhava rápido.

Regan, na certa, rumaria direto para o chuveiro, imaginou, lançando a neve para fora do caminho. Para lavar aqueles belos cabelos...

Perguntou-se como seriam eles molhados. Ela ia desencavar algumas daquelas roupas elegantes e arrumadinhas do armário. Não, ele pensou, corrigindo-se. Regan jamais desencavaria. Escolheria. Cores discretas, linhas simples. Um blazer, com um broche na lapela.

Pintaria o rosto, mas nada óbvio demais. Apenas um pouco de ruge nas maçãs do rosto, um rimelzinho. Depois batom — nada de vermelho, mas, sim, um tom de rosa que acentuava os lábios cheios e a pinta sapeca ao lado.

Na metade do caminho da calçada, ele parou, encostou-se na pá e pensou se estava perdendo o juízo. Que diabos tinha a ver com a maquiagem que ela usava para trabalhar?

Ela colocaria a chaleira no fogo brando. Depois, atravessaria o dia sem dedicar-lhe um único pensamento.

Bem, tinha muito a fazer e nenhum tempo a perder com ela.

Chegara ao fim da calçada e ao fim de sua paciência, quando Devin subiu matraqueando na radiopatrulha.

— O que você quer? — gritou Rafe.
— Não arranjou alguém para prender?

— É engraçado como uma tempestadezinha de neve acalma tudo. — Encostando-se na porta aberta do carro, Devin olhou o irmão com ar divertido. — Vi que o carro de Regan já tinha ido e imaginei que pudesse dar uma passada.

— Os homens devem chegar a qualquer momento — gritou Rafe. — Não tenho tempo para bater papo.

— Nesse caso, vou pegar minhas rosquinhas e me mandar.

Rafe deslizou a mão pelo rosto gelado.

— Qual o sabor?

— Maçã e açúcar mascavo.

Algumas coisas eram sagradas, e uma rosquinha de maçã, em uma manhã gelada, encabeçava a lista.

— Bem, vai ficar parado aí a manhã toda com esse sorriso idiota na cara? Me dê uma rosquinha, porra.

Obediente, Devin apanhou o saco no carro e aproximou-se, sem pressa.

— Tive três para-choques amassados na cidade ontem, de pessoas

não espertas o bastante para ficarem quietas em casa.

— Antietam é uma cidade selvagem, tudo bem. Teve de atirar em alguém?

— Não. — Devin pegou uma rosquinha para si mesmo e entregou o saco a Rafe. — Mas separei uma briga feia.

— Na Taberna?

— Não, no mercado. Millie Yeader e a Sra. Metz se engalfinhavam pelo último pacote de papéis higiênicos.

Rafe torceu os lábios.

— As pessoas ficam um pouco nervosas com as necessidades básicas

quando uma grande neve cai...

— E precisa me dizer? A Sra. Metz tacou um cacho de bananas na cabeça de Millie. Foi preciso usar de diplomacia para impedir que Millie registrasse queixa.

— Ataque com banana! Imagine só! Você apareceu para me informar sobre as últimas aflições e tribulações de Antietam?

— Isso é só um bônus. — Devin terminou a rosquinha e pegou um cigarro. Deu um largo e implacável sorriso quando Rafe grunhiu. Acendeu-o e tragou prazerosamente. — Ouvi dizer que o gosto da comida fica melhor quando a gente para de Rimar.

— Nada é melhor — disparou Rafe de volta. — Mas alguns de nós têm verdadeira força de vontade. Sobre isso para cá, seu safado!

— A fumaça de segunda mão é que é a verdadeira assassina — disse Devin, soprando uma baforada na direção de Rafe. — Você parece meio mal-humorado hoje, Rafe. Problemas conjugais?

Rafe chegou a pensar em matar a pancadas o irmão com a pá de neve e roubar todos os cigarros. Lembrando-se de que era apenas uma questão de autocontrole, preferiu se encostar na pá.

— Quanto tempo o Shane levou para dar com aquela língua comprida nos dentes?

— Vamos ver... — Pensando, Devin fumava e observava a paisagem. — Do jeito que estavam as estradas ontem, eu diria que levou, oh, uns sete minutos para sair daqui e chegar à delegacia. — Bateu a cinza no lado. — Digamos sete minutos e dez segundos...

— E agora você veio aqui oferecer seu sábio conselho?

— Escute, sábio conselho foi convencer aquelas duas mulheres rosnando uma para outra a dividirem um pacote de papel higiênico cor-de-rosa. Mas a resposta é não.

Com um sorriso antipático, deu uma última tragada e jogou o cigarro fora.

— Não sou exatamente o especialista em romances da família MacKade. — Devin deu um sorriso que não durou muito. — Achei que você gostaria da última sobre Joe Dolin.

— Ele está preso, não é?

— Por enquanto. Eu soube que foi orientado a barganhar uma culpa menor, de agressão em segundo grau, para escapar de uma pena maior. Se ouvir o advogado, vai aceitar ajuda psicológica para combater o alcoolismo. Vai receber uma sentença com liberdade condicional e uma severa advertência para não tornar a bater na mulher.

— Que porra de acordo é esse?

— As penitenciárias estão lotadas. As brigas domésticas, em geral, não correspondem a sentenças duras. Ele diz: "E, eu fiz isso, mas me arrependo. Perdi o controle, estava bêbado, fui demitido. Minha autoestima está realmente baixa." O juiz diz: "Entre no aconselhamento clínico, meu rapaz, e não peque mais."

Rafe observou o semblante do irmão. Captou a fúria e a frustração.

— Vai simplesmente deixar isso ficar assim?

— Eu não sentencio. Não posso fazer absolutamente nada. Exceto convencer Cassie a me deixar emitir uma ordem restritiva e assegurar que ele não chegue perto dela nem dos filhos.

— Enquanto isso, eles ficam abrigados na casa de Regan. O que a põe no meio.

— Não gosto disso tanto quanto você. Eu tenho a lei para aplicar.

— Eu, não.

Devin lançou-lhe um olhar frio.

— Não, você, não. Mas faça alguma coisa com Dolin, que isso vai resultar em favor dele. Ele vai cometer um erro de novo, Rafe. Basta um, e eu o ponho de novo no xadrez. Até lá. Não sei a quantas andam as coisas ente você e Regan, mas se você ficasse morando lá, teria muito mais peso comigo do que uma ordem restritiva inútil.

— Quer que eu peça a Regan para me deixar morar com ela?

— E com Cassie e as crianças.

A ideia era surpreendentemente atraente. Acordar ao lado dela, dividir a primeira xícara de café do dia.

— Vai me nomear seu vice, Devin?

— Nem para salvar a sua vida.

— E uma grande pena. Bem, vou dar um pulo na casa de Regan para consultá-la e depois passo lá para lhe informar o que ficou resolvido.

CAPÍTULO OITO

— Em hipótese alguma! Você não vai dormir na minha cama com duas crianças no quarto ao lado — gritou Regan.

— Isso não tem a ver com sexo — explicou Rafe, paciente. — Já lhe disse, é apenas um pedido oficial do xerife.

— Que por acaso é seu irmão. Não! — Ela virou-se para pôr os copos de volta na prateleira onde estava espanando. — Vai deixar Cassie desconfortável e dar um mau exemplo aos filhos.

— Cassie e as crianças é que são o problema — insistiu ele. — Acha que Dolin vai deixá-los em paz só porque ela assinou um papel mandando que ele a deixe?

— Não tenho a menor ideia do que ele possa fazer, mas terá de passar primeiro por mim.

A ideia gelou o sangue dele.

— Agora preste atenção...

A moça o empurrou e deu meia-volta para a loja.

— Não, preste atenção você! O cara é um bêbado maluco. Não tenho medo de valentões bêbados. Ofereci a Cassie minha casa e ela é bem-vinda para ficar

aqui o tempo que quiser. Além do mais, a fechadura da minha porta é bem forte.

— E o que lhe garante que ele não entre aqui em horário comercial e moleste você? Ou pior?

— Eu?,

— Sim. Caso ainda não tenha percebido, ele gosta de bater em mulheres.

— Sei exatamente o que ele fez a Cassie.

— E acha que, como não é casada com ele, está segura? Você não pode ser tão idiota assim!

— Eu não sou idiota — Regan rebateu. — Não preciso, nem quero você de guarda-costas.

Os olhos dele queimaram. As mãos nos ombros dela se retesaram e depois se ergueram.

— Imagino que seja esta a conclusão, não? Você não precisa nem quer a minha ajuda.

Nenhum monstro é tão feroz quanto o ego do homem — pensou ela.

— A delegacia fica a cinco minutos daqui, se eu precisar chamar as tropas. Rafe, eu agradeço sua preocupação, sério. Mas posso cuidar de mim mesma e de Cassie.

— Aposto que sim.

— Trabalhei em uma loja em Colúmbia durante anos. Em uma noite, fui assaltada sob a mira de uma arma. Sei ser sensata, não correr riscos e me defender muito bem. Agradeço por estar preocupado, mas eu não sou Cassie. Ele não vai me assustar, nem me intimidar.

— Regan...

— Espere, deixe eu terminar. Cassie nesse momento está muito frágil e as crianças caladas demais. Não sei como iriam se sentir com um homem em volta. Elas não o conhecem.

Rafe enfiou as mãos nos bolsos e reclamou.

— Não vou dar pontapés neles.

— Eles não sabem disso. A Emmazinha se senta perto de Cassie com a boneca, e mal dá uma palavra. E o menino... meu Deus, Rafe, parte meu coração! Precisam de tempo para se sentir seguros de novo. Você é grande demais... viril demais.

Ele tentou ignorar o fato de que a moça o magoara... e concentrou-se na situação imediata.

— Você está sendo cabeça-dura.

— Estou fazendo o que me parece certo. E a única maneira que sei de lidar com as coisas. Acredite, já pensei nisso a

fundo, pesei as opções. Você se mudar para cá não é uma delas.

— Me convide para jantar — pediu ele bruscamente.

— Quer vir jantar?

— Me convide, para que eu possa conhecer os meninos e para eles se acostumarem a me ver aqui.

— Agora quem está sendo cabeça-dura? — Ela suspirou. Afinal, era uma concessão razoável. — Tudo bem, às sete e meia. Você vai embora às dez.

— Podemos dar uns amassos no sofá, depois que as crianças forem para a cama?

— Talvez. Agora vá embora.

— Não vai me dar um beijo de despedida?

Impaciente, Regan lhe deu um recatado beijo na face.

— Horário comercial... — disse, desatando a rir quando ele a agarrou. — Rafe, estamos bem em frente da vitrine. Eu...

O resto perdeu-se quando Rafe colocou sua boca na dela.

— É melhor dar a eles algum motivo para fofocar.

Ele mordiscou-lhe o lábio e saiu flanando pela porta.

A um quarteirão dali, Cassie estava sentada em uma cadeira da delegacia, esfregando as mãos. Sabia que seria mais fácil porque era Devin, alguém que conhecia a vida toda. Mas isso só piorava a vergonha.

— Desculpe, tivemos muito movimento, e só consegui tirar minha hora de descanso agora.

— Está tudo bem, Cassie. — Tornou-se um hábito Devin manter a voz calma ao falar com ela, como um homem talvez falasse com um pássaro ferido. — Mandei preencher toda a papelada para você, só precisa assinar.

— Joe não vai ter de ir para a prisão? Um soco esmagou o coração do

xerife ao ouvir o vazio do tom dela.

— Não.

— Foi porque eu deixei que ele me batesse?

— Não — respondeu o xerife. Quisera ele poder estender as mãos— para acalmar a moça. Mas a escrivanhinha interpunha-se entre eles, uma barreira oficial. — Ele confessou que a agrediu, mas o tribunal levou outras coisas em consideração. O problema da bebida, a perda de um emprego antigo. Joe vai ter de se submeter à terapia, apresentar-se ao policial da liberdade condicional. Não vai se meter em problemas.

— Talvez seja boa para ele. A terapia. Se ele parasse de beber, tudo ficaria bem.

— Ééé... Hum... Bem enquanto isso, você precisa se proteger. É para isso que serve a ordem de restrição.

Cassie ergueu os olhos e desta vez prendeu-os nos dele.

— Este documento vai impedir que ele volte? Devin tirou um cigarro do maço e depois largou-a na mesa. Ao falar, a voz saiu fria, profissional.

— O documento impede Joe de se aproximar de você. Ele não pode ir ao restaurante quando você estiver trabalhando. Não pode abordá-la na rua,

nem ir à casa de Regan, enquanto vocês estiverem lá. Se violar qualquer um dos regulamentos estipulados na ordem, perderá a liberdade condicional e cumprirá a sentença de um ano e meio de prisão.

— Ele sabe disso?

— Foi notificado.

A moça umedeceu os lábios. Joe não podia chegar perto dela. A ideia ficou rodando em sua cabeça. Se não podia chegar perto dela, não podia agredi-la.

— Eu só preciso assinar?

— Sim, só isso. — Devin levantou-se e contornou a mesa para oferecer-lhe uma caneta. Como ela não esboçou

nenhum movimento para pegá-la, ele estranhou. — Cassie, que é que você quer? Dá para simplesmente me dizer o que você quer?

Ela abanou a cabeça e pegou a caneta. Assinou rápido o nome, como se doesse.

— Sei que fiz você passar por muitos problemas, Devin.

— E o meu trabalho, Cassie.

— Você é um bom xerife — ela tentou sorrir. — Você é tranquilo, competente e bom com as pessoas. Todo mundo sabe que pode contar com você. Minha mãe sempre dizia que você e seus irmãos iam acabar atrás de grades — a

moça enrubesceu e baixou os olhos direto para o chão. — Desculpe. Foi uma idiotice.

— Não, não foi. Até eu achava isso. — Sorriu então, porque apenas por um momento ela pareceu a menina de que se lembrava. — Sabe, Cassie, este é o mais longo discurso que ouvi de você em quase dez anos.

— É, acho que sim...

Ele pegou o queixo dela para erguê-lo, antes que ela se retraísse feito um bicho assustado. Movendo-se com cuidado, Devin baixou a mão e apoiou-se no canto da mesa.

— Como estão as crianças? ~ Os dois estão bem agora.

— Estão gostando da casa de Regan?

— Ela é maravilhosa. Chego a esquecer que sou hóspede lá, porque ela deixa a gente muito à vontade. Ela e Rafe... — Interrompeu-se, mais uma vez enrubescendo. — Você tem coisas melhores a fazer do que me ouvir fazer fofocas.

— Não, não tenho. — Devin precisava fazer qualquer coisa para mantê-la falando. Mantê-la ali. — Que acha deles? Regan e Rafe?

— Eu... ela parecia feliz quando chegou em casa esta manhã.

— Ele parecia infeliz quando passei pela casa em reforma esta manhã.

Cassie deu um sorriso tímido.

— É um bom sinal. Rafe sempre precisou de uma mulher que conseguisse deixá-lo infeliz. Sempre foi fácil demais para ele. Para todos vocês.

— Foi? — Pensativo, Devin pegou mais uma vez o cigarro e o girou entre os dedos. — Lembro que você me deu o fora.

— Oh! Isso foi há cem anos!

— Não chegam nem a doze. Você era uma linda garota de dezesseis anos.

— Eu saía na época com o Joe. — Enquanto vestia o casaco para ir embora, ela se perguntou se algum dia teve mesmo dezesseis anos. — Não me lembro sequer de quem éramos, nem do que buscávamos. Obrigada, Devin, por cuidar do caso.

— E por isso que estou aqui, para cuidar dessas coisas.

Na porta, ela parou, mas não olhou para trás. Era mais fácil falar se não tivesse de ver aqueles olhos compadecidos, tranquilos.

— Você me perguntou o que eu queria, Devin. Só quero me sentir segura.

Apenas isso.

Usando um casaco fino demais para afugentar o frio cortante, ela voltou a pé para o restaurante.

Rafe chegou dez minutos antes para jantar e contorcia-se no degrau da porta de Regan, feito um nervoso pretendente. Trazia uma garrafa de vinho em uma das mãos e uma caixa de biscoitos de confeitaria na outra.

Para testar, girou a maçaneta. Foi de certo modo bom encontrá-la fechada a sete chaves. Bateu com força e recuou. Regan abriu-a, assim que a grossa corrente permitiu.

— Muito bem, até agora, você está passando no teste. Mas devia ter perguntado primeiro quem era.

— Eu olhei pela janela antes.— Sorrindo, olhou os presentes. — Não trouxe as hortênsias?

— Não. — Ele a teria beijado se não houvesse notado os atentos olhos cinzentos vigiando-o das almofadas no sofá. — Parece que você tem um pequeno camundongo em casa.

Regan sobressaltou-se, e logo riu quando viu Emma.

— Ela é a calada, porém é a mais bonita. Emma, este é o Sr. MacKade. Você o conheceu no Café da Ed, lembra?

Estendeu a mão à menina, que, olhando-o cautelosa, saiu do sofá.

Tinha cinco anos e era pequenina como uma princesa de conto de fadas, os cabelos claros e os olhos enfumaçados da mãe.

— Eu conheci sua mãe quando eu tinha a sua idade — disse Rafe à menina.

Emma agarrou as pernas de Regan e ficou espreitando-o.

Sabendo ser um descarado suborno, ele sacudiu a caixa de biscoitos.

— Quer um, minha querida?

Isso lhe rendeu o mais apagado dos sorrisos, mas Regan tirou a caixa das

mãos dele.

— Não antes do jantar.

— Desmancha-prazeres! Mas o cheiro do jantar está ótimo!

— Frango e macarrão de Cassie. Eu quase tive de amarrá-la para impedi-la de levar as crianças e jantarem antes. Fizemos um acordo e ela preparou o jantar. Venha, Emma, a gente vai pôr os biscoitos na cozinha.

Com uma das mãos agarrada à calça de Regan, Emma olhava para trás.

Achou-o muito grande, mas não parecia mau. Ela aprendeu a perceber isso. E ele se parecia muito com o xerife

que, às vezes, a pegava no colo e dava-lhe balinhas de limão.

Mas procurou observar a mãe para avaliar sua reação ao homem.

Cassie ergueu os olhos do fogão e sorriu.

— Oi, Rafe!

Ele aproximou-se dela e deu-lhe um beijo de leve no rosto machucado.

— Como andam as coisas?

— Ótimas, está tudo ótimo. — Pôs a mão no ombro do menino a seu lado. — Connor, você se lembra do Sr. MacKade?

— Olá, Connor! — Rafe ofereceu a mão. O menino, apertou-a hesitantemente.

— Você deve estar na, hum, segunda, terceira série?

— Terceira, senhor.

Rafe levantou a sobrancelha e entregou a garrafa de vinho a Regan. Isso queria dizer que ele tinha uns oito, nove anos. O menino respondeu tão baixo quanto um padre idoso.

— A sra. Witt ainda dá aula aqui?

— Sim, senhor.

— A gente a chamava de sra. Bobawit. Aposto que vocês ainda chamam.

— Sim, senhor — murmurou o menino, lançando um olhar de esguelha à

mãe. — Às vezes... — Connor respirou fundo. — O senhor comprou a Mansão Barlow, não é?

— Isso mesmo.

— É mal-assombrada!

Rafe mordeu um pedaço da cenoura e riu.

— Pode apostar que sim.

— Eu sei tudo sobre a batalha e o resto — disse Connor, em um rápido ímpeto. — Foi o dia mais sangrento da Guerra de Secessão, e ninguém ganhou realmente, porque... — Interrompeu, encabulado.

Era por isso, pensou, infeliz, que alguns dos meninos o chamavam de CDF na escola.

— Porque ninguém partiu para o combate final — terminou Rafe por ele. — Talvez você gostasse de ir até a casa um dia, dar uma olhada. Seria bom eu ter alguém que sabe tudo sobre a batalha.

— Eu tenho um livro. Com fotos.

— É? — Rafe pegou o vinho que Regan lhe ofereceu. — Vamos dar uma olhada.

Era bastante simples atrair e distrair o menino, enquanto discutiam a malograda estratégia de McClelan, ou a Batalha da Ponte Burnside. Rafe viu um menino

brilhante, carente, lido demais para se encaixar bem entre os colegas, tímido demais para exhibir o próprio cérebro.

A menina, uma miniatura da mãe, nunca se afastava muito de Cassie ou de Regan e comia em pequenas e bem-cuidadas bocadas o jantar. E olhava-o como um filhote de falcão.

— Ed ganharia mais dinheiro pondo você na cozinha que servindo mesas — comentou Rafe, após ter-se servido uma segunda vez. — O negócio ia dobrar em um mês.

Surpresa, Cassie deu-lhe uma piscada. Ninguém elogiava sua comida há tanto tempo.

— Que bom que gostou. Eu posso pôr as sobras em um prato para você levar. Depois, é só esquentar.

— Eu aceito.

Quando ela se levantou e começou a tirar a mesa, Regan ergueu a mão.

— Não, não tire. Você cozinhou, eu tiro.

— Mas...

— Esse foi o trato. E como Rafe comeu bastante, pode ajudar.

Os Dolin olhavam, pasmos, Rafe empilhar alegremente os pratos. Os homens que conheciam teriam arrotado,

aberto os cintos e se refestelado diante da TV com uma cerveja na mão.

— Papai diz que só as meninas e os marquinhas cuidam dos pratos — falou Emma.

— Menina! O que é isso?

Empalidecendo, Cassie encarou Rafe e esperou a retaliação.

Ele pensou em fazer um comentário sobre a estupidez do pai dela, mas conteve-se.

— Minha mãe sempre dizia que uma refeição tem de ser merecida — respondeu sorrindo e piscando os olhos para ela. — E se eu lavar os pratos com

Regan, na certa vou poder dar um beijo nela.

— Por quê?

— Porque ela é tão deliciosa quanto o frango e o macarrão de sua mãe.

Satisfeita com isso, Emma mordiscou o biscoito.

— Vou dar banho em Emma. — Atarantada, Cassie pegou os filhos. — Tenho de chegar cedo, para o turno do café da manhã.

— Obrigado pelo jantar, Cassie.

— Você conduziu tudo muito bem... — murmurou Regan. — Essa talvez seja a primeira vez em anos que nos sentamos à

mesa com um homem que tem uma conversa civilizada.

— Dolin é um idiota. — Rafe pôs os pratos empilhados na bancada. — Uma mulher meiga como essa, filhos maravilhosos... Qualquer homem seria um felizardo por tê-los!

Uma casa sua, imaginou. Uma mulher que o amasse. Crianças correndo ao seu encontro no fim do dia. Refeições de família em volta de uma mesa. Barulho na cozinha.

— Você causou impressão — continuou Regan, enchendo a pia com água quente e detergente.

— Uma boa impressão. Não consigo pensar em nada melhor para todos eles do que ver um homem comportando-se de uma maneira segura e inteligente.

Olhou para trás e não completou o sorriso ao ver o olhar dele.

— Que foi?

— Hã? — Rafe se recompôs, percebendo que estava delirando. — Nada. Não é nada. — Meu Deus, pensou em casamento, filhos! — O menino, Connor... Ele é extremamente brilhante, não é?

— Só tira nota 10 — respondeu Regan, tão orgulhosa como se fosse seu próprio filho. — É inteligente, sensível e

meigo... o que o tornou um alvo perfeito para Joe. O sujeito intimidava o coitado do garoto sem piedade.

— Batia nele?

— Não, acho que não. Cassie é uma ferrenha protetora dos filhos. Mas os maus-tratos emocionais não deixam hematomas. Bem, eles estão livres disso agora. — Entregou-lhe um prato para enxugar. — Seu pai lavava pratos?

— Só no Dia de Ação de Graças. — Rafe enxugou o prato e largou-o ao lado. — Buck MacKade era um machão. Ele era durão. Tinha olhos que perfuravam a gente, quando aprontávamos. Devin puxou os olhos dele. E eu as mãos.

Ela não saberia dizer por que a comoveu tanto vê-lo sorrindo meio emocionado para as mãos.

— Você era íntimo dele?

— Não o bastante. Não por tempo suficiente.

— Quando o perdeu?

— Eu tinha quinze anos. O trator passou por cima dele. Levou uma semana para morrer.

Rafe tornou a mergulhar as mãos na água, esforçando-se para conter as lágrimas.

— E por isso que detesta a fazenda?

— E, acho que sim. — Estranho, ele nunca percebera que era tão simples assim, tão direto assim. A fazenda levou seu pai, logo tinha de detestar a fazenda. — Ele a adorava. Como Shane adora.

— Que foi que Jared puxou dele?

— A boca... Jared sabe negociar exatamente como o velho e faz a gente achar que levou a melhor no acordo.

— Então estou aliviada por ele ser meu advogado. — Ela lhe deu outro prato. — Meu pai nunca lavou uma louça na vida. Tenho certeza de que minha mãe ficaria horrorizada se ele tentasse. "A cozinha é domínio da mulher" disse secamente. — Eles concordavam inteiramente nisso. Toda manhã, minha

mãe prepara o café dele, antes do meu pai ir para o hospital. Ele é médico, cirurgião.

— Ressentimentos?

— Eu tinha — admitiu ela. — Mamãe se tornou a exata mulher que ele queria que fosse. Se foi algum dia outra pessoa, quis ser outra pessoa, quis alguma coisa mais da vida, isso nunca se revelou. E a esposa do Dr. Bishop e apenas isso.

Rafe começou a entender por que ela pareceu tão decidida e independente.

— Talvez seja tudo que ela quer ser.

— Aparentemente, sim. Só me enfurecia ver como ela o servia, o jeito como meu pai lhe afagava a cabeça. Ele

dá uma mesada à mamãe e a chama de "mulherzinha".

Isso a fazia trincar os dentes.

— Ela adorava morar em Colúmbia, mas alguns anos atrás, quando ele quis se transferir para o Arizona, fez a mudança sem um pio. Eu os desconcerto tanto quanto eles me desconcertam.

— Porque não tem marido rico, uma casa grande e o título de sócia de um clube?

— Exatamente. Você os conheceu?

— Ela brincou.

— Acho que acabei de conhecer. Então, querida, por que não tem um

marido rico, uma casa grande e o título de sócia de um country clube?

— Porque gosto da minha independência, do meu próprio espaço, e jogo golfe terrivelmente. Na verdade, minha mãe teve grandes esperanças para mim quando conheceu Jared.

A tigela que ele enxugava fez estardalhaço ao ser largada na bancada.

— Como assim???

— Meus pais vieram me visitar depois que me instalei. Ele nos levou para jantar.

— Jared... levou vocês para jantar?

— A-hã... Duas vezes. Minha mãe gostou da ideia de eu andar saindo com um advogado. A melhor coisa depois de um médico, na cabeça dela.

— Saindo? Você namorou Jared?

— Saímos algumas vezes. Foi logo depois do divórcio. — Regan entregou-lhe outra tigela, levantando uma sobrancelha quando ele não fez menção alguma de pegá-la. — Algum problema?

— Você namorou meu irmão?

— Ele não contou a você?

— Não. Acho que eu gostaria de ouvir sua definição de namoro.

— Quer dizer, se eu dormi com ele? Vai dar uma surra nele, grandalhão? Posso assistir?

Era óbvio que não sabia como estava próxima de ter seu lindo rosto mergulhado na água de lavar pratos.

— É uma simples pergunta.

— Tem um músculo se contraindo em seu rosto, Rafe. Fica bem em você. Não... — respondeu ela, rindo. — Claro que não dormi com ele. — Divertindo-se, empurrou a tigela nas mãos dele. — Dei, sim, beijos de boa-noite. Duas vezes.

— Por que não dormiu com ele? — perguntou ele, pegando a taça de vinho.

Ela revirou os olhos.

— Em primeiro lugar, ele não me pediu. E em segundo, eu não lhe pedi. A gente se sentia mais à vontade sendo amigos. Satisfeito?

— Talvez eu dê uma surra nele mesmo assim. Por princípio.

Após pôr o cálice de vinho de lado, pegou-a pelos ombros e virou-a de frente. Mesmo com ela a sorrir-lhe, imprensou suas costas na pia.

Cobriu com boca feroz e possessiva a dela. Quando ela jogou a cabeça para trás em rendição e deslizou as mãos totalmente frouxas pelos braços dele, Rafe recuou e soltou-a.

— Isso é para você se lembrar com qual MacKade está agora.

Regan teve de lembrar-se de respirar.

— Qual é mesmo seu nome, pode me dizer de novo?

Ele riu.

— Eu lhe digo. Que tal a gente se agarrar no sofá e depois experimentar o banco de trás do meu carro?

— E uma oferta e tanto! Acho que aceito a proposta.

Rafe entrou na Mansão Barlow à meia-noite. Reconheceu o carro no alto da alameda e não se surpreendeu ao

encontrar Jared no salão, ruminando sobre uma cerveja.

— Já impedido de entrar em casa, Dr. Jared MacKade? — perguntou ele.

— Pus minha casa à venda hoje. Não senti muita vontade de ficar lá.

Rafe grunhiu algo e sentou-se no saco de dormir para retirar as botas. Conhecia os humores sombrios, tinha-os muitas vezes.

— Nunca gostei daquela casa, sem nenhuma personalidade. Exatamente igual à sua ex-mulher.

Foi tão sincero, que Jared teve de rir.

— Mas um decente investimento. Vou ter um bom lucro.

Rafe fez que não para a cerveja que o irmão lhe ofereceu.

— Preciso me levantar dentro de seis horas e meia. Eu ia procurar você de qualquer jeito — acrescentou.

— É? Por quê?

— Para matar você de porrada. — Bocejando, Rafe deitou-se, logo depois de se despir e colocar um pijama. — Vou ter de esperar até amanhã. Estou com sono.

— Tudo bem. Algum motivo particular?

-Você beijou minha mulher... —
grunhiu Rafe.

— Beijeii? — Jared levantou as
pernas e apoiou-as no sofá. Um vagaroso
sorriso surgiu nos lábios. — Oh, sim. Oh,
sim... — repetiu, com mais sentimento. —
Está tudo voltando à minha memória.
Desde quando ela passou a ser sua
mulher?

— Isso é o que dá viver na cidade.
Você está por fora dos babados, mano.
Regan é minha agora.

— Ela sabe disso?

— Eu sei. — Rafe puxou o saco de
dormir e cobriu-se. — Ando pensando
nela.

Jared engasgou-se com a cerveja.

— Como esposa?

— Quis dizer ter algo mais sério.

Jamais na vida falaria algo como esposa.

Interessante, pensou Jared.

— E como está tudo agora?

— Está tudo muito bem. — Rafe

sentia o cheiro dela no saco de dormir. —

Mas, mesmo assim, vou ter de quebrar sua

cara. E o princípio.

— Entendido. — Jared esticou-se e

recostou-se. — Então, eu também nunca

me desforrei de você por levar Sharilyn

Bester na lábia, para cavalgarem até a

pedreira e mergulharem nus.

— Eu só estava aliviando a
desilusão dela depois que você a chutou.

— Pode ser. Mas é o princípio. Rafe
cocou a cabeça, pensativo.

— Tem razão. Mas Sharilyn, por
mais bonita que seja, não é nenhuma
Regan Bishop.

— Eu nunca vi Regan nua.

— Por isso é que ainda continua
respirando, mano. Vamos dizer que
estamos quites.

— Agora posso dormir tranquilo —
ironizou Jared. Rafe torceu os lábios para
o tom seco.

— Sinto muito pela sua casa, Jared.

— Eu não sinto nem um pouco. Só me traz um monte de lembranças. Eu estraguei tanto a relação quanto Barbara, Rafe. Teria sido mais fácil se a gente tivesse berrado, atirado coisas um contra o outro. — Jared tomou um último gole e largou a lata no chão. — Não há nada mais desmoralizante que um divórcio entre duas pessoas que são tão indiferentes uma pela outra.

— Seria melhor sofrer uma desilusão amorosa?

— Não sei. Eu meio que desejava ter a chance.

Os dois se calaram quando o ruído de um choro feminino ressoou pela escada abaixo.

— Pergunte a ela — sugeriu Rafe, referindo-se ao fantasma. — Aposto que ela ia lhe dizer que você está em melhor situação.

— Talvez você devesse começar a pensar em exorcismo — respondeu Jared, sorrindo, os olhos fechando-se para dormir.

— Não. Eu gosto de ter meus fantasmas por perto. Já tive muito tempo para ficar sozinho.

CAPÍTULO NOVE

Era raro Rafe sonhar. Ele preferia suas fantasias durante as horas acordado.

Mas sonhou naquela noite, com o fogo a arder baixo e a lua a subir acima das lufadas de neve, se é que se podia chamar aquilo de sonho.

Ele corria, com a fumaça em seu encalço. Os olhos ardiam de horror.

Homens dilacerados por explosões e agonia. O terreno indo pelos ares, rasgado em pedaços por fogo de morteiro e encharcado de sangue. O cheiro da morte

entranhava-se em suas narinas e ele sabia que jamais se livraria daquilo.

Oh, e ansiava pelo perfume de magnólias e rosas, pelas colinas verdes e pelos lindos campos de sua casa. Se lhe sobrassem lágrimas, as derramaria no sereno rio que serpeava pela fazenda da família.

Sentiu um medo, um medo mortal, de que tudo que conhecera e amara já houvesse desaparecido. Seu mais desesperado desejo era voltar, para ver tudo mais uma vez.

Queria ver de novo o pai, dizer-lhe que o filho tentara ser um homem.

A implacável batalha tudo assolava. Os campos, atravessando os milharais, o seu coração. Vários camaradas jaziam mortos naquelas colinas rochosas de Maryland esquecidas por Deus.

Ele perdeu-se no caminho. Não conseguiu enxergar através da sufocante fumaça, nem ouvir em meio ao estrondo de canhões e gritos lancinantes de homens. De repente, corria, corria feito um covarde à procura de qualquer buraco para dentro do qual se arrastar.

Misturava-se ao horror uma vergonha igualmente terrível. Esqueceu seu dever e perdeu a honra. Agora, de algum modo, precisava encontrar de novo os dois.

As matas espessas achavam-se atapetadas pelas folhas mortas que caíam das árvores, brilhando em matizes dourados e castanho-avermelhados. Jamais estive tão distante no norte, jamais viu tanta cor.

Tinha apenas dezessete anos.

Um movimento à frente o levou a pendurar o fuzil no ombro. O uniforme azul foi tudo que conseguiu ver. Atirou rápido e errado demais. O disparo em resposta sapecou-lhe o braço. Cheio pela dor, deu um berro.

Quisera não ter visto os olhos do inimigo tão arregalados, tão vidrados de terror, tão jovens quanto os seus. As baionetas chocaram-se, ponta com ponta.

Ele sentiu o cheiro de sangue e o fedor do medo.

Sentiu o aço de sua lâmina cortar carne e o estômago embrulhar-se. Sentiu o rasgar da própria carne e gritou de agonia. Lutou cegamente, implacável, até não lhe restar mais nada além da batalha. E quando os dois tombaram estendidos no próprio sangue, perguntou-se por quê.

Rastejou, delirando de dor. Precisava chegar em casa para o jantar, pensou. Tinha de chegar em casa. A casa, via-a agora. Arrastou-se pelas pedras e as agonizantes flores de verão, deixando a relva manchada de sangue.

Mãos levantaram-no. Vozes suaves. Viu-a parada acima, um anjo. Os cabelos

parecendo um halo, os olhos afetuosos, a voz cheia da música do Sul.

Tinha um rosto muito lindo, delicado e triste.

Ela afagou-lhe a cabeça, segurou-lhe a mão e caminhou a seu lado, enquanto outros o levavam por degraus curvos acima.

Eu vou para casa, disse ele. Tenho que ir para casa.

Você vai ficar bem, prometeu a mulher. Vai para casa assim que estiver novamente bem.

Ela desviou o olhar, erguendo-o, e ficou com o rosto pálido como o de um fantasma.

Não. Ele está ferido. E apenas um menino. Charles, você não pode fazer isso.

Ele viu o homem, a arma, ouviu as palavras.

Não vou permitir nenhum confederado em minha casa. Nem mulher minha vai pôr as mãos em um rebelde.

Rafe acordou com um sobressalto e o disparo de uma arma ressoando nos ouvidos. Ficou ali sentado onde estava, enquanto o ruído se extinguia, até só restar a serena respiração do irmão.

Tremendo de frio, levantou-se e acrescentou mais toras ao fogo. Depois,

sentou-se, fitando as chamas e esperando amanhecer.

Regan dormiu feito um bebê. Com as crianças já despachadas para a escola e Cassie assumindo o primeiro turno no restaurante, ela se satisfez com uma segunda xícara de café. Embora ainda valorizasse sua intimidade, descobriu que gostava da companhia deles.

Era agradável ter as crianças circulando pela casa de manhã, Emma oferecer-lhe beijos ou Connor um de seus raros sorrisos.

A maternidade nunca foi uma de suas ambições, mas começava a perguntar-se

se não seria boa nisso.

Pegou um lápis de cera que Emma deixara na mesa. Cheirou-o e sorriu. Era engraçado, pensou, a rapidez com que a casa podia emanar o cheiro de crianças. Lápis de cera, cola branca, chocolate quente e cereais empapados.

E era engraçada a rapidez com que passou a aguardar impaciente o encontro com eles ali depois do trabalho.

Por hábito, lavou a xícara de café na pia e botou-a no escorredor de pratos. Após uma última olhada, desceu a escada para abrir a loja por mais um dia.

Mal virou a plaqueta de "aberto", destrancou a porta e instalou-se atrás do

balcão, viu Joe Dolin entrar.

Ficou alarmada, porém logo se acalmou lembrando de que ele estava ali, mas Cassie não.

Engordara bastante nos três anos desde que o conhecera. Ainda restavam alguns músculos, mas a pança de cerveja atrapalhava. Ela imaginou que ele fosse um homem atraente outrora, antes de o rosto quadrado inchar-se e os olhos afundarem-se em bolsas.

Tinha um dente da frente lascado que ela não sabia ser cortesia do punho do Rafe mais jovem ou de outros valentões.

Com repugnância, lembrou-se que tentou, uma ou duas vezes, tocá-la.

Espreitou-a, com olhos cobiçosos e um sorriso de quem sabe das coisas.

Regan não contou isso a Cassie. E jamais contaria.

Preparou-se para o pior, mas ele fechou a porta tranquilamente, tirou o boné estampado com alguma propaganda e segurou-o com um ar humilde nas mãos, feito um camponês diante da rainha. — Regan, desculpe incomodar você. A voz serena e a cabeça baixa quase a amoleceram. Mas então se lembrou dos hematomas no pescoço de Cassie.

— Que é que você quer, Joe?

— Eu soube que Cassie está morando com você.

Apenas Cassie, ela notou. Nada sobre os filhos.

— E isso mesmo.

— Imagino que saiba do problema.

— Sei, sim. Você a espancou e foi preso.

— Eu estava muito bêbado.

— O tribunal talvez julgue isso uma desculpa. Mas eu não.

Ele f piscou os olhos, mas continuou cabisbaixo.

— Eu me sinto péssimo por isso. Não faço nada além de me preocupar com ela há dias. Agora decidiram que não posso nem chegar perto da minha mulher.

Vim para lhe pedir um favor. — Ergueu então a cabeça; tinha os olhos umedecidos. — Cassie a tem em alta estima.

— Eu também a tenho em alta estima — disse Regan, impassível, não ia deixar a visão das lágrimas de um homem toldar-lhe o discernimento.

— E... bem... Eu esperava que você falasse com ela por mim. Pedisse que me desse outra chance. Não posso lhe pedir pessoalmente, enquanto houver essa maldita ordem restritiva. Mas ela vai ouvir você.

— Está me dando um crédito para influenciar Cassie que eu não tenho, Joe.

— Não, ela vai ouvir você — insistiu ele. — Vive apregoando aos quatro ventos como você é inteligente. Diga a ela que volte para casa.

Muito devagar, Regan pôs as mãos no tampo de vidro do balcão.

— Se ela me ouvisse mesmo, já teria abandonado você há anos.

Ele endureceu o rosto com a barba por fazer.

— Agora, escute aqui. O homem tem o direito de...

— Espancar a mulher? — rebateu ela, irritada. — No meu manual, não tem, não, nem no da lei. Não, não vou dizer a ela que volte para você, Joe. E se foi só

por isso que veio aqui, vai ter de ir embora.

O homem trincou os dentes de raiva.

— Continua toda arrogante, hein? Você acha que é melhor do que eu?

— Não, não acho. Eu sei que sou melhor do que você. Saia da minha loja, senão vou mandar o xerife prendê-lo por me importunar.

— A mulher pertence ao marido. — Ele bateu o punho no balcão com força suficiente para fazer uma rachadura varar o vidro. — Diga a ela para meter aquele rabo magricela em casa, se tiver juízo. E você também.

Regan fechou a mão em volta do lápis de cera que havia guardado no bolso.

— E uma ameaça? — perguntou calmamente.

— Não creio que o seu agente da condicional aprovaria. Devo ligar para ele e perguntar?

— Sua cadela! Você não passa de uma cadela frígida, que não consegue arranjar um homem.

— Era enorme a vontade de atingi-la, sentir o punho martelar naquela cara. — Meta-se entre mim e minha mulher, e as duas vão descobrir o que é bom para tosse. Quando eu terminar com ela, virei

atrás de você. Veremos se você continuará tão altiva e arrogante quando eu acabar. — Joe empurrou o boné de volta na cabeça e deu uma rápida meia-volta para a porta. — Transmita a ela o que eu disse. Diga a ela que estou esperando. E que é melhor mandar aquele safado do MacKade rasgar aqueles papéis, e que esteja em casa na hora do jantar.

Assim que a porta bateu, Regan desabou no balcão. As mãos tremiam. Ela detestou isso; detestava sentir medo, detestava ser vulnerável. Agarrou o telefone, quase cedeu ao primeiro instinto de ligar para Rafe, mas se deteve.

Era errado, pensou, repondo cuidadosamente o receptor. Por muitos

motivos, era errado. Não seria a primeira reação de Rafe procurar Joe, para brigar? Na certa se machucaria e mais brigas não iam resolver nada.

Endireitou a coluna e respirou fundo. Onde estavam seu orgulho e senso de controle? Sempre cuidou de si mesma e de qualquer situação problemática que surgisse. Seus sentimentos por Rafe não deviam... não podiam mudar isso. Não permitiria. Portanto, ia fazer o que era certo, prático e necessário. Pegou mais uma vez o telefone e ligou para Devin.

— Ele parecia quase digno de pena a princípio. — O chá entornou pela xícara. Com uma careta, Regan tornou a largá-la no balcão. — Acho que me

causou mais arrepios do que eu imaginava.

— Trema quanto quiser — aconselhou o xerife, armando uma carranca ao ver a rachadura no balcão. Podia ter sido pior, pensou sinistramente. Muito pior. — Tenho de admitir que não imaginei que ele fosse tão idiota a ponto de aprontar uma fanfarronada dessas.

— Não acho que andou bebendo. Pelo menos, não estava bêbado. Foi ficando cada vez mais furioso, cada vez mais violento. — Pegou de novo o chá. — Não tenho testemunhas. Foi só ele e eu.

— Você registra a queixa. Eu vou atrás dele. Com os lábios tremendo, ela disse:

— Parece que você está louco por isso.

— Você não sabe da missa a metade.

— Eu registro a queixa. E Cassie?

— Mandei um dos policiais ir ao restaurante assim que você ligou.

— E os meninos? Não acha que ele iria atrás dos filhos, acha?

— Não, acho que não dá a mínima para eles.

— Tem razão. — Ela tentou se sentir aliviada. — Não disse uma palavra sobre eles. Apenas sobre Cassie. Era como se os filhos não existissem. Bem, vou fechar

a loja e ir com você agora, se estiver tudo bem.

— Quanto mais cedo, melhor. As probabilidades são de que ele esteja em casa, emborcando uma garrafa e esperando.

Assim que se oficializou a queixa, Regan foi até o mercado. Tinha a sensação de que ela e Cassie iam precisar de uma injeção de ânimo nessa noite. Uma comidinha reconfortante era uma boa pedida. Almôndegas, talvez, e biscoitos com dupla camada de chocolate.

Enquanto esperava as compras serem ensacadas, conteve-se para não rir sozinha dos disparos de olhares e

sussurros. A brigada do mexerico estava ali em peso.

A Sra. Metz, com os seus cento e tantos quilos, aproximou-se bamboleando.

— Ora, Regan Bishop, é você mesmo!

— Olá, Sra. Metz. — Ali, pensou Regan, estava a chefe da brigada. — Acha que vamos ser atingidas pela neve de novo?

— Tempestade de gelo — disse ela. — Ouvi no rádio. Parece que este inverno não vai terminar nunca. Estou surpresa por ver você aqui a esta hora do dia.

— O movimento na loja anda devagar — explicou ela, contando as

notas para pagar a despesa. — Todo mundo está hibernando.

— Sei o que quer dizer. Mas, apesar disso, arranjou algum trabalho na velha Mansão Barlow, não foi?

— Sim, é verdade. Está progredindo muito bem. Será cartão de visitas do meu trabalho quando ficar pronta.

— Nunca imaginei ver o dia em que alguém ia se dar o trabalho de reformar aquela casa mal-assombrada. Tampouco imaginei ver Rafe MacKade voltando de carro para a cidade. — Os curiosos olhos brilhavam. — Imagino que ele tenha enchido os bolsos lá no Sul.

— Parece que sim.

— A gente não consegue entender esses rapazes MacKade. Enganam a gente o tempo todo. Você sabe que Rafe bateu com a picape Ford do pai na estrada Marble Quarry antes mesmo de ter carteira de motorista? Foi logo depois que Buck morreu, pelo que me lembro. Era da pá-virada que só ele, aquele Rafe. Perseguindo as meninas, puxando brigas, andando varado naquela motocicleta. Naquele tempo, quando a gente via alguma confusão, tinha sempre um menino MacKade no meio.

— Os tempos mudam, não?

— Nem tanto... — O queixo duplo da Sra. Metz sacudiu-se com o riso. — Tenho visto Rafe aí na cidade. Um

passarinho me contou que ele está de olho em você.

— Bem, seu passarinho acertou. E eu estou de olho nele.

A Sra. Metz riu com tanta vontade que teve de largar a caixa de bolinhos recheados de creme para segurar a barriga.

— Com um menino como aquele, melhor faz você ficando de olhos abertos.

— Eu sei — disse Regan, rindo também. — Por isso é que gosto dele. Precisa aparecer e olhar as novidades, mesmo sem comprar, lá na loja, Sra. Metz.

— Vou fazer isso. — Ainda às gargalhadas, a Sra. Metz esvaziou o

carrinho. — Pare de comer a moça com os olhos, garoto — espinafrou o caixa magricela, que continuava olhando a retirada de Regan, — e me atenda aqui.

Divertida pelo encontro, Regan seguiu tranquilamente pela calçada. Era uma boa cidade, pensou, erguendo a mão em resposta a uma saudação do outro lado da rua. As calçadas eram desiguais, alteadas por raízes de árvores e geadas, só abriam a biblioteca três dias por semana, e a agência do correio fechava durante uma hora toda tarde.

Mas apesar disso, ou talvez por causa disso, era uma boa cidade. Regan achava que Rafe percebia que fora bem-vindo na volta ao lar.

Quando ele tornasse a partir, a despedida não seria anunciada. Alguns comentários no balcão dos correios, alguma especulação no restaurante. Depois a cidade seguiria em frente, tranquila como sempre.

Esperava que ocorresse o mesmo com ela.

Mudando o saco de compras de posição, Regan contornou a lateral da loja. Aproveite o momento lembrou a si mesma. Não se projete no futuro. Eram as regras que ela própria estabelecera. Só tinha de viver segundo elas.

E se encontrasse um pretexto para ir até a casa dele mais tarde, roubar uma hora com ele, tanto melhor.

Animada pela ideia, tirou o molho de chaves do bolso, fazendo-as tilintar ao subir a escada com as compras.

Se estivesse prestando atenção, se não estivesse pensando em Rafe, talvez houvesse notado antes. Mas já tinha a mão na porta ao ver que estava apenas encostada.

Ficou com a mente em branco por um instante.

Quando deu meia-volta, Joe afastou com um empurrão a porta para o lado. A pancada arrancou-lhe um grito agudo.

— Me perguntava qual das duas ia chegar primeiro. Que bom que foi você.
— O homem arfava, o bafo azedo de

uísque. — Ando esperando há muito tempo para pôr as mãos em você. — Colou a boca na dela, excitado pela maneira como ela tentava livrar-se dele. — Vou lhe mostrar o que é um homem de verdade. Vou tirar você destas roupas arrumadinhas e certinhas e lhe mostrar o que é bom mesmo.

Ofegava quando trouxe a mão livre para apertar-lhe o seio. Regan sentiu a pele arrepiar-se e, por um terrível momento, o medo cegou-lhe a razão.

— Disseram que você está dando para aquele safado do Rafe MacKade. Pense que vou arrumar seu rosto para que ninguém mais ache bonito. Principalmente o MacKade.

Ao arrastá-la pela casa adentro, o horror do que ele ia fazer passou como uma bala por ela toda. Joe virou-se de repente. As compras voaram, estourando no chão. Ela tropeçou com os saltos altos na porta derrubada.

— Quando Cassie chegar aqui, vou fazer o mesmo com ela. Mas primeiro vou lhe dar algumas estocadas.

Com a mão livre, o homem puxou os cabelos dela, sinistramente excitado ao ouvi-la gemer de dor.

Então ela se lembrou que as chaves continuavam presas no punho fechado e gelado. Rezando para tudo dar certo, lançou a mão para trás e enfiou toda força

no olho dele a ponta que pusera entre os dedos fechados.

Ele uivou feito um cachorro enlouquecido. Aspirando em busca de ar, Regan desceu voando a; escada, certa de que ele a agarraria em um instante. No pé da escada, tropeçou, caindo de quatro. Preparada para gritar, olhou para trás.

E viu-o enroscado no patamar, com a mão no rosto, o sangue escorrendo pelos dedos. Como uma mulher em transe, ela se levantou, e pôs devagar um pé diante do outro, até chegar ao restaurante.

Entrou e fechou a porta, sem saber que a manga do casaco estava solta e os joelhos da calça rasgados e manchados de sangue.

Cassie deixou cair a bandeja que segurava, espatifando os pratos.

— Regan! Meu Deus!

— Acho que deve chamar Devin — disse Regan, com dificuldade. — Joe está no patamar da escada do meu apartamento. Acho que o feriu. — Quando a sala começou a rodar, ela firmou a mão no encosto de um banco. — Agora, preciso me sentar.

— Vá chamar Devin — gritou irritada Ed, correndo para ajudar Regan. Em um rápido movimento, baixou a cabeça dela e encaixou-a entre os joelhos.

— Respire fundo. Isso aí, muito bem, menina.

— Olhou o restaurante em volta, onde meia dúzia de clientes sentava-se assistindo à cena. — Bem, que estão esperando? Um de vocês aí, vá até lá e segure aquele filho da puta para o xerife. Você, Horace, levante esse traseiro e pegue um copo d'água para a moça.

As ordens de Ed fizeram todos logo se mexerem. Satisfeita, ela acalmou mais uma vez a amiga.

— Já recuperou um pouco de cor — percebeu, sentando-se de cócoras. Tirou um cigarro do bolso do avental e acendeu-o com um fósforo. Após uma longa tragada, sorriu. — Espero que tenha machucado ele feio. Muito feio.

Sentada na cadeira da delegacia, com o café que Devin lhe serviu para aquecer as mãos, Regan sabia que tinha superado o pior da situação. Tudo aconteceu rápido demais para alguma coisa além da pura emoção. O medo já havia passado, e ela conseguia pensar.

A seu lado, Cassie sentava-se sem nada dizer. Shane andava de um lado para o outro, como um boxeador aquecendo-se para uma luta. A escrivainha, Devin friamente preenchia um relatório.

— Lamento ter de fazê-la passar mais uma vez por tudo isso, Regan. Quanto mais clara sua declaração, mais fácil será prendê-lo de novo.

— Está tudo bem, estou bem agora, sério. — Com ar displicente, ela descolou o tecido rasgado da calça. Os joelhos embaixo ainda ardiavam. Tanto por causa do remédio que Ed colocou quanto pela pancada no asfalto. — Gostaria de acabar logo isso. Eu posso... Interrompeu-se quando a porta se abriu de sopetão. Por um instante, ela não viu nada além do rosto de Rafe... pálido e duro como pedra.

Antes que pudesse levantar-se, ele já a pegava e arrastava-a para pô-la de pé, esmagando-a em um abraço que lhe machucou a coluna. — Você está bem? Está ferida? A voz saiu rascante. Rafe não conseguia pensar. Não tinha nada dentro de si, senão vivido terror desde o momento em que soube da agressão. O

corpo era puro gelo ao envolver o dela e enterrar o rosto em seus cabelos.

Talvez por isso ela começou a tremer, desamparada.

— Estou bem. Sério, eu... Porém, a voz extinguiu-se.

— Ele feriu você? — Com a mão que se esforçava para manter firme, ele lhe afagou os cabelos e virou seu rosto para conferir por si mesmo. — Joe tocou em você?

A moça apenas conseguiu abanar a cabeça e apoiá-la no ombro dele.

Com os braços cerrados, tão possessivos quanto protetores, ele

encarou Devin por cima da cabeça de Regan. Os olhos ardiam como tochas.

— Cadê o desgraçado?

— Preso.

Rafe açoitou o olhar em direção às celas nos fundos.

— Ele não está aqui, Rafe. Você não vai poder pegá-lo.

— Acha que pode me impedir?

Por detrás, onde se achava desde que entrara depois de Rafe, Jared pôs a mão no ombro do irmão.

— Por que não se senta? — aconselhou.

Rafe empurrou para o lado a mão de

Jared, que tentava refreá-lo.

— Suma!

— Agora é um problema legal — disse-lhe Devin, levantando-se devagar.

— Ao diabo com a lei! Quero saber onde está ele!

— Você encontra ele, Rafe, que eu seguro o seu paletó. — Preparado para a ação, Shane sorriu baixinho. — Se você tivesse um paletó. Eu sempre odiei esse filho da puta.

— Feche a matraca — resmungou Jared, olhando para a calada Cassie.

— Pode ficar com seu papo de advogado — respondeu Shane, os punhos

já fechados. — Eu estou com Rafe nessa.

— Não preciso de você nem de mais ninguém comigo. Não se meta em meu caminho, Devin.

— Já estou no seu caminho. Agora se sente, ou eu atiro seu rabo em uma cela.

Ele avançou tão rápido que Regan teve tempo apenas para soltar um grito esganiçado, enquanto Rafe mergulhava sobre a escrivainha e puxava Devin pela camisa. Regan nunca se considerou protegida, mas as coisas que eles berravam um ao outro, o eco de sentimentos dos dois MacKade atrás dela, fizera tremer o seu já abalado sistema nervoso.

Não teve dúvida de que ia jorrar sangue a qualquer momento.

— Parem com isso — disse, mas a ordem saiu trêmula e fraca sob as terríveis palavras que voavam com força pela sala. — Eu mandei parar! — repetiu. Alguma coisa bateu com estrondo atrás, disparando seu pulso. — Parem já com isso!— ela berrou.

A surpreendente força na voz deteve o punho de Rafe e acabou com a luta de empurrões atrás dela. Quatro homens encararam-na feito estátuas.

— Vocês estão agindo como crianças. Pior do que crianças. Que bem fará a qualquer um dos quatro darem socos uns nos outros? E bem típico de

vocês — Regan falou, mais repugnada que assustada. — Simplesmente o típico comportamento que eu esperava de um bando de babuínos cabeças-duras.

— Verdadeiros heróis! — Resmungando, pegou o casaco. — Bem, com toda certeza, não vou ficar aqui vendo os quatro se espancando.

—Sente-se, Regan — mandou Rafe. Como ela continuou encaminhando-se para a porta, ele praguejou e foi atrás. — Sente-se — repetiu, contendo a raiva e virando-a delicadamente. — Meu Deus, olhe só as suas mãos!

De novo trêmula da cabeça aos pés, tomou as mãos dela com cuidado nas suas e tocou os lábios nas palmas esfoladas.

Um gesto que fez os MacKade restantes ficarem constrangidos.

— Que espera que eu faça? — perguntou ele, o resto da raiva deixando-o impotente. — Que espera que eu sinta?

— Eu não sei. — Nem ela sabia mais o que sentia exatamente. — Só quero acabar logo com isso, Rafe. Por favor, me deixe dizer a Devin o que ele precisa saber, para eu poder terminar logo com isso.

— Ótimo. — Ele soltou-a e recuou. — Faça o que tem de fazer.

Regan tornou a sentar-se na cadeira e aceitou a caneca fresca que Jared ofereceu-lhe. Devin perguntava e ela

respondia. Rafe ouviu, e depois saiu, sem uma palavra.

A moça tentou não se sentir magoada com aquilo, tentou entender.

— Devin, pode me dizer o que esperar agora?

— Meu policial vai ligar assim que terminarem com Joe no hospital. Ele será transferido. Violou a condicional e a ordem restritiva. Por isso, vai cumprir o tempo total pelas acusações anteriores. Agora vai enfrentar acusações extras - continuou Devin. - Arrombamento e invasão de domicílio, agressão, tentativa de estupro. Vamos incluir dano à propriedade. Deverá haver um julgamento e você terá de depor.

— Estou preparada.

— No caso, o advogado dele talvez o aconselhe a negociar e se declarar culpado.

Ao olhar interrogativo de Devin, Jared assentiu com a cabeça.

— É o que eu faria - respondeu ele.

— Sim... — Era difícil não detestar o sistema, pensou Devin, quando se tratava de um problema pessoal. — Nas duas opções, ele vai ficar longe por um bom tempo. Calculo três a cinco anos. Não vai incomodar você de novo. Nenhuma das duas.

— Bom, então... — Regan inspirou fundo. — Acabou! Cassie e eu podemos ir

para casa agora?

— Claro. Manterei contato.

— Não posso ir para casa com você.

Pela primeira vez desde que entrara na delegacia, Cassie falou algo.

— Claro que pode.

— Como? — Ela olhou a linda calça cinza-fumaça que usava Regan, os rasgões no material macio. — Como pode me querer lá depois do que ele fez com você?

— O que ele fez — respondeu Regan, tranquilamente. — Não você, Cassie. Você não é responsável.

— Claro que sou... Sei o que ele teria feito a você, se você não tivesse sido

forte o bastante para impedi-lo. Feito a você para chegar a mim, Regan. Você é a melhor amiga que já tive na vida.

— Então me deixe continuar sendo.

— Eu quero isso e sei que você já me perdoou.

— Cassie, não há nada a perdoar. Não continue se culpando — murmurou Regan, cobrindo as mãos dela com as suas.

— Eu tenho de continuar, porque tenho de começar a imaginar como perdoar a mim mesma agora. Vou começar levando meus filhos para casa e encontrar um meio de dar a eles o tipo de vida que

merecem. Preciso começar a cuidar de mim e deles. Preciso fazer isso.

— Daqui a mais alguns dias — protestou Regan.

— Não, agora. — Ela fechou os olhos, acalmou-se, depois tornou a abri-los e olhou para Jared. — Pode me ajudar, Jared?

— Claro que sim. O que você quiser, meu bem...

Ela comprimiu os lábios com força. Já era hora, disse a si mesma, muito tardia, de assumir uma posição.

— Quero entrar com um pedido de divórcio. Hoje. Preciso que me diga o que tenho de fazer.

— Tudo bem. — Jared tomou-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se e passou o braço delicadamente em volta de seus ombros. — Por que não vem comigo agora? Vamos cuidar de tudo.

— Já era hora — resmungou Shane, assim que a porta se fechou atrás deles. Deu de ombros ao olhar faiscante que Devin lhe disparou. — Escute, todos sabemos que ela já devia ter largado aquele mau-caráter.

— Mas isso era difícil para ela. Vai ser difícil ela levar isso até o fim — disse Regan, levantando-se.

— Ela não teria feito se Joe não tivesse machucado outra pessoa —

resmungou Devin. — Era esse tipo de coisa que a levaria tomar uma decisão.

— Então me alegra que ele tenha feito. E me j alegra ter dado um sopapo nele. — Regan inspirou fundo, depois fez a pergunta que andava pairando na mente. — E o olho dele, Devin?

— Eu informo a você quando souber. Se quiser.

— Acho que tenho de saber. — Regan segurou-lhe a mão. — Você foi maravilhoso. Sei que Rafe ficou transtornado, mas ele cometeu um erro nas coisas que lhe disse. Você fez tudo que podia. Fez tudo certo.

— Se eu tivesse feito tudo certo, isso não teria acontecido.

— Sabe muito bem que não é assim. Vou para casa, tomarei uma aspirina e me deitarei por algumas horas. Por favor, me ligue quando souber de alguma coisa.

— Ligarei. Shane?

— Diante de você, como sempre — ele provocou o irmão. Já tinha o casaco de Regan na mão e ajudou-a a vesti-lo. — Vou levá-la em casa e consertar aquela porta para você.

— Obrigada — disse ela, dando-lhe um beijo na face. — Babuínos ou não, os irmãos MacKade não são tão maus quanto dizem.

— Benzinho... — Ele passou um braço em volta da cintura dela para levá-la até a porta — ...somos todos maus. Até logo, Devin. — Depois de ajudá-la a entrar na picape, parou. — Rafe vai aparecer. Ele só precisa dar uns socos em alguma coisa.

Shane bateu a porta e contornou o carro para instalar-se atrás do volante.

— Você teria ido com ele. Atrás de Joe.

— Nós quatro teríamos. — Ele olhou pelo retrovisor e depois fez um retorno rápido e ilegal. — Devin e Jared teriam cuspidos por algum tempo palavras sobre lei e ordem. A gente teria empurrado uns aos outros no chão. Depois

acabaria indo com ele. Teria sido divertido...

— Divertido.

Regan quase se viu rindo quando se recostou no banco.

— Ninguém se mete com uma MacKade!

— Oh, é mesmo? É esse meu status no momento?

— Eu só quis dizer... vendo que você e Rafe... Isto é, o jeito como ele... — Mesmo um MacKade sabia o valor da batida em retirada. — E melhor parar por aqui.

Encostou o carro na base da escada e ergueu os olhos para observar a porta.

— Parece que alguém me venceu nessa.

— Como? — perguntou ela, ainda chiando de raiva.

— Vou conferir, mas me parece que a porta já foi consertada. — Ele saltou da picape, subiu a escada. — E, já foi. Alguns cortes e arranhões, mas presa de volta nas dobradiças. — Como medida de precaução, testou a fechadura e deu um bom empurrão na porta. — Bem resistente. Rafe na certa cuidou disso.

— Entendo. — Isso em nada contribuiu para apaziguá-la. — Preciso

não esquecer de agradecer-lhe, não é?

— É. — Shane retirou-se mais uma vez, descendo a escada. — Você vai ficar bem? Quer que eu compre alguma coisa, ou fique para fazer companhia?

— Não, não, estou bem. Muito bem. — Não foi agradável pegar as chaves, mas ela o fez e girou a fechadura. — Obrigada pela carona.

— Não foi nada.

Enquanto corria de volta à picape, Shane pensou que Rafe ia ter problemas. E dos grandes. Isso lhe deu motivo para sorrir durante todo o percurso na cidade.

CAPÍTULO DEZ

Era bom bater em alguma coisa. Mesmo que fosse apenas um prego. Para impedir-se de bater em algo, ou em alguém, Rafe trancou-se no quarto da ala leste. A expressão em seu olhar advertia todos os homens a manterem distância... se quisessem conservar os dentes.

Os ruídos da construção soavam nas paredes, um barulho violento o suficiente para combinar com seu mau humor. Ele ignorou a pistola de introduzir pregos ao seu lado e bateu-os com o martelo. Cada novo remate que prendia com pregos e um balanço do braço era a cara de Joe Dolin.

Quando a porta se abriu, ele arreganhou os dentes sem se voltar.

— Saia daqui. Fora, ou será despedido!

— Vá em frente e me despeça. — Regan bateu a porta. — Aí eu vou poder dizer o que tenho a lhe dizer sem prejudicar nosso relacionamento profissional.

Rafe então olhou para trás, brevemente. Ela trocara de roupa, notou. Não apenas a calça, mas tudo... a blusa, o blazer e as joias. Dos cabelos aos sapatos, estava tinindo de arrumada.

Mas ele lembrou de sua aparência anterior, desfeita, pálida e com sangue nas

roupas.

— Seria melhor para você não estar aqui neste exato momento — aconselhou ele, ajeitando outro prego.

— Você não podia ser mais preciso quanto a isso, MacKade, mas estou aqui.

Ela teve de tomar uma chuveirada antes, esfregar-se toda, de cima a baixo, e jogar fora cada roupa que usava quando Joe a tocou. Mas ficara mais uma vez pronta para lidar com Rafe MacKade.

— Quero saber qual é o problema com você. Se lhe dissesse, era provável que ela risse na cara dele. E isso, tinha absoluta certeza, o levaria à beira do abismo, além do limite da razão.

— Estou ocupado, Regan. O mau tempo me custou um dia inteiro.

— Não me venha com essa. E olhe para mim quando eu estiver falando com você, droga. — Como ele não o fez, apenas continuou batendo pregos na madeira, Regan fechou as mãos em punhos nos quadris. — Por que saiu da delegacia daquele jeito?

— Eu tinha coisas a fazer.

Para ilustrar sua opinião sobre isso, ela chutou uma caixa de ferramentas.

— Imagino que tenho de lhe agradecer por consertar minha porta,

— Vou mandar a conta.

— Por que está furioso comigo? —
ela exigiu saber. — Eu não fiz nada para...

Faltou-lhe a respiração quando o martelo voou pelo quarto e bateu em uma parede recém-revestida.

— Não, você não fez porra nenhuma. Simplesmente ferida e quase estuprada, não é. Por que diabos isso devia me incomodar?

Alguém tinha de ficar calmo, disse Regan a si mesma. Obviamente, pelo ardor nos olhos dele, ia ter de ser ela.

— Sei que ficou transtornado com o que aconteceu.

— É, ainda estou. — Ele pegou a caixa de ferramentas e atirou-a, porque

fazia mais sentido do que lançar Regan porta afora. — Só estou um pouco transtornado. Agora saia daqui.

— Não vou sair. — Em vez disso, a moça empinou o queixo. — Vamos lá, grandalhão, atire mais alguma coisa. Quando puser tudo para fora, a gente vai ter uma conversa civilizada.

— É melhor você enfiar nessa sua cabeça que eu não tenho nada de civilizado.

— Oh, sério? — ela rebateu. — E o que mais? Quer experimentar alguma coisa comigo? Isso provaria que você é um homem igual a Joe Dolin. — Os olhos dele enegreceram-se. E isso a envergonhou. — Desculpe... -

Atrapalhada, ergueu as mãos. — Eu não tive intenção... saiu sem querer.

— Você em geral diz o que pensa. Quer ter uma conversa, ótimo. Teremos a maldita conversa. — Encaminhou-se sem pressa para a porta, fremindo ao vê-la hesitar. Abriu-a com força e berrou para todo canto da casa. — Fora! Todo mundo fora, já!

Bateu a porta, satisfeito com o arrastar de pés e o barulho das ferramentas.

— Não há a menor de necessidade de interromper o trabalho — ela começou. — Tenho certeza de que isto só vai levar alguns minutos.

— Às vezes., simplesmente não pode ser do seu jeito.

— Não sei o que você quer dizer.

— Não? Jura? — Irritado, ele tornou a abrir a porta com um puxão. — Alguém quer me dar um maldito cigarro? — gritou.

Mas como nenhum foi valente o bastante para aproximar-se, Rafe acabou batendo mais uma vez a porta.

Em fascinado silêncio, Regan observava-o andar de um lado ao outro e resmungar. Tinha a camisa com as mangas arregaçadas até os cotovelos e um cinturão de ferramentas que parecia um coldre.

Amarrara um lenço grande estampado na testa para absorver o suor. Parecia, ela pensou, um bandido que muito em breve ia matar e roubar.

E era, sem dúvida, pouco conveniente ser provocado.

— Eu podia fazer café — sugeriu Regan, logo dando um suspiro ao ver o olhar cortante feito navalha que ele lhe lançou. — Talvez, não. Rafe...

— Apenas cale a boca. Ela empertigou as costas.

— Não gosto que falem comigo assim.

— Vá se habituando. Eu tenho me contido tempo demais com você.

— Contido? — Regan arregalou os olhos. Se ele não andasse parecendo um maníaco, ela poderia ter ido. — Você tem se contido? Eu gostaria de ver o que considera perder as estribeiras.

— Está prestes a ver. Bem, agora vai ser presenteada com o que teria acontecido se eu tivesse ficado.

— Não me toque! — a moça disparou os braços para o alto, as mãos fechadas em punhos. — Não se atreva!

Olhos chispando, Rafe fechou a mão no punho dela e usou força para imprensá-la de costas contra a porta.

— O mesmo vale para você, querida. Eu lhe dei uma chance de ir

embora, você não aproveitou.

— Não me chame de querida nesse tom de voz.

— Nossa, você é tihosa, hein? — Ele largou a mão dela e afastou-se, porque era mais seguro para os dois. — Quer saber por que eu saí? Esta é a grande pergunta, não é? Foi o que fez você vir aqui? Veio me ver?

— Sim.

— Mas não falou nada para mim esta manhã quando aquele imbecil ameaçou você. Não falou nada quando Joe machucou você.

E essa, pensou Rafe, por mais que o devastasse, era a resposta.

— Eu tinha de contar a Devin — ela explicou.

— É. Tinha de contar a Devin... — Calmo agora, ele se virou de costas. — Sabe o que ouvi naquela! declaração que você fez, Regan? Dolin foi à sua casa de manhã, exatamente como eu disse que iria.

— E eu dei conta do recado, exatamente como disse que daria.

— Claro, você é fantástica em dar conta das coisas. Ele ameaçou você. Apavorou.

— Sim, tem razão, me apavorou. — E sentia-se também apavorada agora, percebeu, com o rumo que a conversa

tomava. — Foi por isso que liguei para Devin.

— Mas não para mim. Você foi à delegacia, registrou sua queixa...

— Sim, claro. Queria ver Joe preso.

— Bela e arrumada. Depois foi fazer compras.

— Eu... Eu achei... sabia que Cassie ia ficar transtornada, e eu quis... simplesmente pensei em preparar uma comida gostosa, que nos fizesse sentir melhor.

— E durante todo esse tempo, indo à delegacia, ao mercado, andando de um lado para o outro, em nenhum momento

parou para me telefonar. Nem passou por sua cabeça?

— Eu fiquei... Tudo bem, passou, sim. Foi a minha primeira reação, mas me acalmei e resolvi não ligar.

— Se acalmou?

— Sim, percebi que o problema era meu e também era minha responsabilidade resolver aquilo.

A simples franqueza retalhou-o feito uma navalha. Quase sentiu-se cortado ao meio.

— E depois que ele pôs as mãos em você, e machucou, tentou... Também não pensou em me ligar. Só fiquei sabendo por Shane porque ele estava com Devin

quando você telefonou, e ele achou que eu estaria interessado.

De algum modo, Regan percebeu, magoara-o. Nunca teve a intenção de fazer isso. Não sabia que Rafe podia ficar tão magoado.

— Eu nem sequer pensava... Eu fiquei entorpecida. Quando tive condição de pensar de fato, já estava falando com Devin. Tudo aconteceu rápido demais — apressou-se a dizer, agora desesperada para fazê-lo entender. — E parte do tempo parecia que eu nem sequer estava realmente ali.

— Você estava resolvendo o problema.

— Tinha de resolver. Não teria feito bem algum se eu desmoronasse.

— Você é boa mesmo em manter-se equilibrada. — Ele afastou-se e pegou o martelo. — Tudo sozinha.

— Tenho de ser. Espero ser, porque...

— Não quer ser como sua mãe — ele concluiu.

A afirmação soou tão insensível e tola!

— Tudo bem, sim, em parte é verdade. Para mim é importante ser de uma certa maneira, mas na verdade não se aplica neste caso. Se eu não liguei para você, foi apenas porque...

— Não precisou de mim. Você não precisa de mim.

Um novo tipo de pânico tomou conta dela.

— Não é verdade.

— O, o sexo é maravilhoso! — Ele sorriu então, friamente, sem humor. — Trata-se de uma necessidade de que cuidamos juntos muito bem. E meu problema ter deixado que a relação se tornasse mais íntima. Não vou cometer mais o erro.

— Isso nada tem a ver com sexo.

— Claro que tem. — Ele tirou um prego do saquinho no cinturão e fincou-o no lugar. — Teve a ver direto desde o

início. É só o que temos. E é muito. —
Martelou o prego até introduzi-lo todo. —
Você sabe onde me encontrar quando
sentir a... comichão.

O sangue esvaiu-se do rosto dela e
congelou-se em volta do coração.

— Que coisa mais horrível de dizer!

— Suas regras, querida. Por que
complicar uma coisa boa, certo?

— Não quero que as coisas sejam
assim entre nós, Rafe.

— Bem, agora eu quero. É aceitar ou
largar.

Martelou outro prego na madeira.
Não ia dar a ela a chance de feri-lo de

novo. Nenhuma mulher jamais o fez sofrer assim.

Regan abriu a boca, preparada para dizer que ia acabar aquela história com ele. E não conseguiu. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos, na garganta. Haveria um momento pior para perceber que estava apaixonada por Rafe?

— E assim que você se sente realmente?

— Eu também tento dizer o que sinto.

Sem querer humilhar-se mais, a moça engoliu as lágrimas.

— E tudo isso porque está furioso com o que aconteceu. Com a forma como

eu lidei com o problema.

— Digamos apenas que isso deixou tudo claro. Você não quer complicar sua vida, certo?

— Não, eu...

— Droga, nem eu! Não gostei de ver você correr para o meu irmão, em vez de para mim. Como você disse, botei tudo para fora. A gente pode simplesmente retomar as coisas do jeito que eram. Do jeito que são.

Ela não percebeu como preferia aquele temperamento explosivo àquele calculado desinteresse.

— Não sei se isso é possível. Não posso lhe dar uma resposta neste exato

momento.

— Rumine a ideia, Regan. Você também faz isso muito bem.

— Você não prefere... — Ela esperou até poder firmar a voz. — Se preferir suspender nosso relacionamento profissional, posso lhe dar os nomes de outros decoradores na área.

— Não há motivo para isso. Já estou atrasado. — Quando Rafe se virou para ela, viu apenas que tinha o rosto já recomposto. — Posso guardar as encomendas neste quarto em cerca de uma semana, se você tiver problema com espaço para estocar. — Será ótimo. Vou tomar as providências. Ela virou-se e estendeu cegamente a mão para a

maçaneta da porta. Com medo de desmoronar, afastou-se rápido. Só se pôs a correr quando saiu, com o vento a açoitar-lhe a face.

Ao ouvir a porta fechar-se embaixo, Rafe sentou-se no chão. Ao ruído de choro tremulando no ar, esfregou com força as mãos no rosto. — Eu sei como você se sente — sussurrou. Era a primeira vez em sua carreira indefinível que alguém conseguia partir-lhe o coração. Seu único consolo era que ia garantir como os diabos que fosse a última.

A prevista tempestade de gelo desabou em cheio, transformando as ruas em superfícies lisas e brilhantes. Passaram-se dias até a temperatura subir,

devagar, o suficiente para amolecer a neve.

Isso não significou nada para Rafe. O péssimo tempo deu-lhe uma desculpa para não arredar pé de onde estava, trabalhar vinte horas por dia. A cada prego que ele martelava, cada parede que lixava, a casa foi-se tornando mais sua.

Quando não conseguia dormir, mesmo estando exausto, ele vagava pela casa com os fantasmas.

Ocupava-se demais para pensar em Regan. Ou assim tentava convencer-se.

Sempre que o fazia, sempre que ela se esgueirava furtivamente por sua mente,

o homem apenas trabalhava com mais afínco e por mais tempo.

— Você está meio esbagaçado, xará.

— Devin acendeu um cigarro, observando-o martelar rodapés recém-pintados no lugar. — Lembra aquele livro... O retrato de Dorian Gray? Do jeito que começa a parecer, você é o retrato no armário e esta casa o Dorian velho.

— Pegue um martelo ou dê o fora.

Em vez disso, Devin agachou-se e correu a ponta do dedo pelo remate largo e talhado.

— Com certeza, é bonita feito uma pintura. Como chama esta cor?

— Rosa antigo.

— É, bonita mesmo...

Devin usou uma caneca vazia como cinzeiro. Rafe olhou para o irmão.

— Tentando falar alguma coisa?

— Não, só puxando conversa. Transferiram Joe do hospital hoje.

Rafe gelou.

— Eu nada tenho a ver com isso.

— Ele não perdeu a vista — continuou Devin tranquilamente. — Mas vai ficar usando um tapa-olho por um bom tempo. Não sabem ainda se haverá dano permanente.

— Ela devia ter mirado entre as

pernas.

— E, uma grande pena. Bem, achei que você ia querer saber, ele se confessou culpado do arrombamento, invasão domiciliar e agressão, a conselho do advogado. Descartaram as acusações de tentativa de estupro para conseguir a alegação de culpado e evitar o julgamento, mas não vai conseguir o recurso, nem escapar da sentença.

— Quanto tempo?

— Meu palpite é de três anos, garantidos. Antes que você diga que não é o bastante, eu mesmo vou à declaração da sentença amanhã, acrescentar peso. Quando estiver em condições de pleitear

a condicional, daqui a mais ou menos um ano, vou voltar e acrescentar mais.

— Já disse que nada tenho a ver com isso. — Rafe fincou com o bico do sapato o último pedaço de rodapé. — Como está se arranjando Cassie?

— Jared tem avançado nos trâmites do divórcio. Com a alegação de agressão e adultério, não vai levar um ano. Joe não se acha em muita posição de contestar. Quanto mais rápido ele conceder, mais rápido ela e os filhos podem levar a vida adiante.

Pensativo, bateu o cigarro na lata.

— Não vai perguntar como Regan tem se arranjado?

— Não.

— Bem, eu lhe digo. — Ignorando a rosnada de Rafe, Devin cruzou as pernas e sentou-se. — Ela parece que não tem conseguido dormir direito, se quer saber.

— Não interessa!

— Ed disse que ela não tem aparecido para o almoço, por isso acredito que também anda sem apetite. Acho que a experiência com Joe abalou Regan o suficiente para interferir com o sono e a alimentação. Mas tenho um palpite de que se trata de alguma outra coisa.

— Ela sabe lidar bem com isso. Cuida bem de si.

— Isso também é bom. Se Joe tivesse conseguido arrastá-la para dentro naquele dia, alguém teria visto a porta aberta ou ouvido o barulho. Mesmo assim, ele teria causado muitos danos em um espaço curto de tempo.

— Acha que não sei disso? — berrou Rafe. -Acha que não sei o que ele poderia ter feito a ela?

— É, acho que sabe. Acho que isso está comendo você. Lamento. Está disposto a me ouvir?

— Não!

Porém, Devin não se convenceu da negativa. Portanto, preparou-se para dizer o que queria.

— As testemunhas no restaurante disseram que achavam que Regan estava bêbada a princípio, pela maneira como andava. Teria desmaiado se Ed não a segurasse primeiro.

— Eu não preciso ouvir isso.

— Sim... precisa — murmurou Devin, vendo os dedos de Rafe se embranquecerem no cabo do martelo. — Quando cheguei lá, Rafe, ela estava em choque. Está entendendo? Tinha as pupilas dilatadas. Eu queria levá-la ao pronto-socorro, mas Regan se recompôs. Eu a vi fazer isso. Foi impressionante.

— Ela é dura na queda. Me diga alguma coisa que eu não saiba.

— Tudo bem. Não imagino que você estivesse em condições de ver a aparência dela ao entrar na delegacia. Ela se recompôs porque tinha de fazer isso, porque acho que é esse o seu jeito de ser. Ai você entrou. Um homem, às vezes, passa a vida toda sem ter uma mulher olhando para ele como ela o olhou.

— Ela não precisa de mim.

— Isso é um absurdo! Você é idiota?

— Sei que fui idiota o bastante para ela passar a importar para mim — respondeu Rafe. — Não vou fazer isso de novo. — Levantou-se e enganchou o martelo no cinturão de ferramentas. — Também não preciso dela.

Suspirando, Devin descruzou as pernas e também se levantou.

— Você está zarolho de amor por ela...

— Não, não estou. Fiquei caído por ela por algum tempo, mas isso é passado.

— Que ótimo! — Devin sorriu. — Isso abre o caminho. Já que é assim, vou ver se consigo... estimular o apetite dela... — Esperava o soco e recebeu o punho do irmão. Era sempre bom dar o recado, aliviado por não estar com a cara quebrada. — E, estou vendo que você superou mesmo.

— Eu devia lhe dar outro soco — disse Rafe, por entre os dentes.

Era enfurecedor, humilhante, saber com que habilidade fora enganado, caindo na lábia do irmão.

— Não faria isso. Este foi de graça, já basta. Porra, Rafe, você ainda tem um belo gancho de direita, hein?!

Quase bem-humorado, Rafe dobrou os dedos doloridos.

— E você ainda tem um rosto duro feito uma pedra. Seu filho da mãe!

— E também amo você. — Animado, Devin passou o braço em volta dos ombros do irmão. — Está se sentindo melhor agora?

— Não... Talvez.

— Não quer se encontrar com ela e dar logo um jeito nessa confusão?

— Não vou rastejar atrás de mulher nenhuma — resmungou Rafe.

Vai, sim, pensou Devin. Mais cedo ou mais tarde.

— Bem, então tenho a noite de folga. Quer encher a cara e arranjar uns rolos?

— E uma boa. — Tomaram o corredor e desceram a escada. — Que tal eu me encontrar com você na Taberna? As dez?

— Para mim, está bom. Vou ver se consigo arrebanhar Shane e Jared.

— Como nos velhos tempos. Quando Duff nos vir chegando, isso vai matar o cara...

No pé da escada, Rafe viu Regan parada com as costas empertigadas e os olhos gélidos.

— Vim fazer a sua entrega. — Ela se esforçou bastante para ter condições de falar sem inflexão.

— Seu recado dizia que estaria pronto para receber em três dias.

— Isso — sentiu o estômago tremer e isso o enfureceu. — Pode mandar trazer para cima.

— Tudo bem. Olá, Devin.

— Olá, Regan. Já estou de saída. Até à noite, Rafe.

— Até. — Ele manteve os olhos nos dela ao descer os últimos degraus. — Teve alguma dificuldade nas estradas?

— Não. Já estão quase todas desobstruídas. Consegui comprar aquele colchão de penas que você queria para a cama de quatro colunas com dossel. Gostaria de instalar para que possa ter certeza de que quer continuar com a decoração.

— Agradeço. Não vou atrapalhar você. Tenho de... — Nada, ele percebeu — ...trabalhar — acabou por dizer. — Dê um berro quando terminar. Vou fazer seu cheque.

Ela queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas já se afastava. Endireitando os ombros, voltou para a porta, a fim de instruir os carregadores.

Eram quase cinco da tarde quando terminou de arrumar as coisas como as queria. Não notou o silêncio que se instalara em substituição das constantes batidas e o zumbido dos operários. Mas quando a noite caiu de vez, ela acendeu o abajur do globo com desenhos de rosas, junto à poltrona de encosto, que pôs enviesada e voltada para a lareira.

Ainda não haviam instalado a prateleira da chaminé da lareira, e por isso as chamas não crepitavam. O cheiro de pintura empestava um pouco o ar. Mas

ela achou que o quarto estava pronto para ser habitado.

E o perfume de rosas pairava no ambiente como lágrimas.

Um edredom acolchoado estampado com alianças de casamento, imaginou. Alguns travesseiros debruados de renda para combinar com o dossel que revestiria a cobertura. Uma arca de cedro, uma arca de enxoval, aos pés da cama, cheia de roupas de cama com aroma doce e saquinhos de filo para sachê de lavanda.

Sim, pensou, esses seriam os toques certos para rematar tudo. Talvez também uma renda irlandesa nas janelas...

Por Deus, desejava jamais haver visto o quarto, a casa, ou Rafe MacKade.

Ele parou no vão da porta, sem nada dizer, vendo-a mover-se pelo quarto, graciosa feito um fantasma.

Então enrijeceu as costas e virou-se de frente para ele. Passaram-se segundos, embora pudessem ser uma eternidade para os dois.

— Eu só estava dando os últimos acabamentos — Regan conseguiu dizer.

— É, estou vendo. Está maravilhoso.

— Eu tenho algumas molduras de prata antigas. Acho que dariam um belo toque no console da lareira.

— Ótimo...

— Notei que você fez um grande progresso no quarto seguinte.

— Está chegando lá. Tenho mais dois já prontos para emassar.

— Você trabalha rápido.

— E, é o que dizem sempre. — Ele tirou um cheque do bolso e avançou. — Pagamento pela entrega.

— Obrigada — ela abriu a bolsa, que estava em uma mesa, e enfiou o cheque dentro. — Vou indo então — apressou-se a dizer. Virou-se e topou de frente com ele. — Perdão. — Ele deslocou-se e impediu a sua passagem. Fez martelar o coração dela feito um

tambor. — Você está bloqueando meu caminho!

— Isso mesmo.

E já que bloqueava, deu uma boa e longa olhada.

— Você está um bagaço, hein?

— Muito obrigada pelo elogio.

— Tem olheiras.

— Foi um longo dia, estou exausta — respondeu irritada.

Chegou a perguntar-se por que achava que gostava de cidades pequenas.

— Dollin está preso. Não vai mais incomodar você de novo.

— Não tenho medo de Joe Dolin. —
Ela jogou os cabelos para trás, orgulhosa.
— Andei pensando até em comprar uma
arma.

— Pense duas vezes.

Ela, na verdade, não pensara nisso,
mas irritou-a vê-lo dando-lhe ordens.

— Tem razão, você é o único que
pode se defender não? Saia da frente,
MacKade. Já terminei aqui.

Quando ele agarrou o braço dela,
Regan soltou-o e estalou um tapa no rosto
dele. Assustada, tropeçou para trás.

— Agora veja o que você me levou
a fazer. — Enraivecida, atirou a bolsa no
chão. — Não dá para acreditar que você

me fez levar a esse ponto. Nunca bati em ninguém na minha vida.

— Fez um belo trabalho na estreia. Da próxima vez, precisa movimentar melhor o ombro na batida — debochou.

— Não vai haver uma segunda vez. Ao contrário de você, não gosto de socar as pessoas para provar que estou certa.

— Se você se dirigir para aquela porta mais uma vez, eu vou ficar na sua frente e vamos recomeçar tudo de novo.

— Tudo bem. — Ela deixou a bolsa onde estava.

— E óbvio que você tem alguma coisa a dizer.

— Se continuar apontando esse queixo empinado para mim, vai me deixar enfurecido. Estou sendo civilizado, perguntando como você tem passado.

— Estou bem... E você?

— Muito bem. Quer um pouco de café, uma cerveja?

— Não, obrigada. — Quem diabos era aquele homem, ela pensou, usando uma conversa educada e inútil, enquanto as entranhas dela se emaranhavam?

— Não quero café nem cerveja.

— O que é que você quer, Regan?

Agora ela o reconhecia. Bastou apenas aquele tom incisivo, impaciente,

para trazê-lo de volta ao que era. E fazê-la desejá-lo.

— Quero que me deixe em paz.

Rafe não disse nada, apenas afastou-se do caminho.

Mais uma vez, ela pegou a bolsa. Mais uma vez, largou-a no chão.

— Não é verdade.

Ao diabo com o orgulho e o bom senso.

— Você nunca quis sair por aquela porta — disse ele, tranquilamente. Sabia disso.

— Não sei de nada, a não ser que estou farta de brigar com você.

— Eu não estou brigando. Apenas esperando.

A moça assentiu com a cabeça, claro que entendeu. Se aquilo era tudo que ele se dispunha a dar-lhe agora, aceitaria. E faria bastar. Tirou os sapatos, desabotoou o blazer.

— Que está fazendo? — ele perguntou.

— Respondendo ao seu ultimato da semana passada. — Jogou o blazer na cadeira e desabotoou a blusa. — Você disse que era para pegar ou largar. Estou pegando.

CAPÍTULO ONZE

Era uma virada que ele não esperava. Quando conseguiu falar, ela estava usando apenas dois pedaços de seda pta. E todo o sangue se esvaíra da cabeça.

— Assim, do nada?

— Sempre foi assim, não foi, Rafe? Química, pura e simples? É pegar ou largar, MacKade. — Pôs as mãos na camisa dele e fez saltar os botões no ar. — E eu estou a fim de pegar você.

Colou a boca em chamas na dele. Abalado até a medula, ele agarrou-a pelos

quadris e cravou a carne sedosa.

— Ponha as mãos em mim. — Regan enterrou os dentes no ombro dele. — Quero as mãos em mim.

Arrastava as dela pela calça jeans dele, fechando-as à sua volta.

— Espere... — ele pediu.

No entanto as bombas que lhe explodiam por dentro abafaram tudo. Tendo apenas o coração ferido como lamentável arma, viu-se indefeso contra a lança do desejo. Contra ela.

Despiu-se chutando as roupas e ergueu-a nos braços. Já a penetrava fundo antes de os dois caírem na cama.

Tudo se resumia a suor e sexo. Carne com carne, a respiração entrecortada. Dentes, unhas e línguas emaranhadas, rolando no suntuoso colchão.

Era uma batalha a que os dois já se haviam rendido. Ferozes, desvairados e frenéticos, martelavam um no outro. Querendo mais e mais. O aroma de rosas sufocava o ar com um forte e triste perfume.

Regan montava nele e curvava-se para trás e Rafe riscava-a com as mãos. A mulher queria que ele a levasse até o tênue limite entre o prazer e a dor. Ali, se sentia viva, como não se sentira desde que ele se afastara.

Tinha de saber que ali, pelo menos ali, ele ficava incapaz de resistir. Sentia essa necessidade agitar-se dentro dele todo, provava-a cada vez que arrastava a boca de volta à dele com uma fome voraz.

Embora gritasse com o coração para que ele a amasse, só um pouco, devorava-o cobiçosamente com o corpo trêmulo, que se alimentava de qualquer resto que ele desse.

Não havia espaço para o orgulho, nem tempo para a ternura.

Quando Regan afundou em direção a ele, fluida como água, rolou sobre ela violentamente e montou-a.

Não conseguia respirar, nem pensar, apenas se debatia sobre ela. Tinha de reivindicá-la da única maneira que sabia que ela aceitaria. Com uma sacudida da cabeça, empurrou os cabelos para fora dos olhos. Era fundamental que a visse, cada expressão de prazer no rosto, cada tremor dos lábios.

O amor por ela quase o destruía.

— Olhe para mim. — Ele dizia as palavras com voz rouca. — Olhe para mim...

Regan abriu os olhos, mas continuou cega de paixão. O homem sentiu o corpo tremer sob o dele, viu aqueles olhos se vidrarem quando ela jogou a cabeça para trás.

Rafe ficou sem força para impedir-se de segui-la até a beira do abismo.

Não parecia possível ter ficado tão completamente excitado. Ele jamais entendeu que o coração e o corpo eram ligados, até aquele momento. E agora, havia entendido que seria impossível separar mais Regan dele.

Aquela mulher lhe tirara alguma coisa que ele lutara durante anos para construir. Sua autoestima.

Regan queria desesperadamente que ele estendesse as mãos, a abraçasse junto a si como fizera antes. Era horrível ser deixada assim, tão fria, tão sozinha, mesmo enquanto ainda tremia da sensação dele dentro de si.

Mas como poderia estender os braços para ele, quando foi ela quem deu o primeiro passo?

— Bem, conseguimos fazer sexo em uma cama, para variar — disse a moça, sentando-se de costas para ele. Controlava a voz, mas tinha certeza de que o rosto revelaria algo. — Há sempre primeiras vezes conosco, não é, MacKade?

— É — concordou ele. — Vamos ter de experimentar com lençóis alguma vez.

— Por que não? — As mãos dela estavam trêmulas ao sair devagar da cama e se abaixar para pegar a calcinha e o sutiã. — Podíamos até incluir dois

travesseiros e fingir afeição. Só para variar.

Ele estreitou os olhos, vendo-a prender o sutiã. Mágoa e fúria borbulhavam juntos. Levantando-se, ela vestiu a calça jeans.

— Não gosto muito de fingimentos.

— Oh, é verdade. — Ela pegou a blusa. A seda açoitou o ar. — Tudo com você é franco e direto.

Sem afetação.

— Qual é o seu problema, hein? Teve o que queria, não?

— Você nada sabe do que eu quero.

— Foi você quem tirou as roupas, querida. E é você quem está pondo de volta para poder ir logo embora.

— E foi você quem rolou na cama para longe de mim assim que terminou, como se recebesse seus vinte dólares de sexo.

Apressando-se agora, Regan pôs os sapatos.

Talvez houvesse tido uma chance se estivesse olhando-o. Uma pequena chance. Mas Rafe avançou mais rápido, as mãos parecendo um torno, os olhos fixos nela.

— Não diga isso. Nunca tratei você assim. Nunca pensei em você assim.

— Tem razão. — Estranhamente, foi a fustigada dele que a acalmou. Impediu-a de ser uma completa tola. — Me desculpe, Rafe. Isso foi injusto e uma inverdade.

Muito devagar, ele tornou a pô-la em pé no chão. Percebeu que enterrava os dedos com força na pele dela e largou as mãos.

— Talvez eu tenha ido depressa demais, mas você me pegou desprevenido.

— Não. — Sim, sentia-se muito calma, e muito, muito frágil. Se ele a tocasse de novo, ela se despedaçaria. — Eu comecei tudo e concordei com seus termos.

— Meus termos...

— Foram claros — disse ela, concluindo. — E aceitáveis. Acho que o nosso problema é que temos as personalidades muito fortes. E para mim, os últimos dias foram difíceis. O que não quer dizer que devo descontar em você.

— Precisa sempre ser racional, Regan?

— Não, mas vou ser. Não sei por que estamos brigando, se temos a solução perfeita. Um relacionamento simples, físico. Assim, peço mais uma vez desculpas por provocar uma briga. Estou apenas um pouco cansada e meio mal-humorada. — Ela se levantou e deu-lhe um beijo superficial. — Se quiser

aparecer amanhã depois do trabalho, eu dou a compensação.

— Sim, talvez. — Por que diabo não conseguia ler os olhos dela? Sempre conseguia lê-los, se se concentrasse bastante. — Vou levar você em casa.

— Não precisa. Estou de carro. E cansada mesmo. Vai me fazer bem dormir cedo.

Ele queria apenas segurá-la, abraçá-la e mantê-la ali.

— Como quiser. Devo encontrar meus irmãos na Taberna em algumas horas, de qualquer modo.

— Bom, então vamos deixar para amanhã. Regan encaminhou-se para a

porta sem titubear.

Rafe não se despediu e nem ela.

Entrou no carro e girou a chave na ignição. Deu a marcha à ré na alameda, como se sua vida dependesse daquilo. Fez o retorno em direção ao Centro e percorreu um quilômetro.

Então, encostou o carro no estacionamento, engrenando com cuidado a marcha e desligou o motor. E chorou feito um bebê.

Vinte minutos depois, exausta, deixou a cabeça cair para trás no encosto. O frio era de rachar, mas ela não tinha energia para tornar a ligar o carro e acionar o aquecimento.

Era uma mulher competente, pensou. Todo mundo dizia isso. Inteligente, bem organizada, moderadamente bem-sucedida e equilibrada.

Então, por que, se era de fato todas essas coisas excelentes, admiráveis, conseguiu enrolar a vida de modo tão desastroso?

Rafe era o responsável, claro. Ela não teve um único dia fácil desde que aquele homem retornou à cidade. Era confuso, arrogante, raivoso.

Jamais deveria ter-se apaixonado por ele. Certamente não devia haver alimentado a ilusão de que podia ter um caso com Rafe e continuar sendo objetiva.

Ele também não foi objetivo. Também teve sentimentos que o confundiram. Se fosse apenas um pouco mais do que ele precisava, se não fosse tão intransigente em fazer tudo à sua maneira, ele talvez continuasse confuso. Até apaixonar-se por ela.

Oh, isso não estava certo! Era o tipo de pensamento da mãe. Tornar tudo bonito, tudo perfeito para o homem. Afagar o ego dele, satisfazer seus caprichos. Jogar segundo as regras e ganhar o prêmio.

Bem, não ia fazer isso. Assustava-a até o fato de que chegasse a pensar nisso. Não iria esmagar suas próprias

necessidades, a personalidade, para seduzir um homem.

Mas não acabara de fazer exatamente isso? Não acabara de fazer exatamente isso, ali naquele quarto?

Confusa, apoiou os cotovelos no volante, a cabeça nas mãos. Não tinha mais certeza de nada, a não ser de que o amava.

Isso, concluiu Regan, tornava-a uma idiota. Então, e se tivesse de fazer em si mesma algumas mudanças? Não fizera ele, à sua maneira, o mesmo?

Rafe ficara ressentido, lembrou. Ela o magoara, enfurecera. Mas ele se afastou para martelar pregos, em vez de puxar

briga. Era ela a covarde, que não quis confiar, se recusou a ceder. Nunca tentou dirigir a vida dela, nem seus pensamentos, e tampouco mudá-la. Não, deu-lhe espaço, afeto, e o tipo de paixão com que sonhava uma mulher.

Mas ela de qualquer modo dera para trás, tolamente.

Por que não pensara nas necessidades e no orgulho dele? Já não era hora de fazê-lo? Podia ser flexível, não podia?

A ideia que lhe veio à mente foi tão simples e tão ridícula, que ela sabia que estava certa. Sem pensar muito, acelerou o carro e pisou fundo. Em minutos, chegou ao degrau da porta de Cassie e bateu.

— Regan! — Com Emma no quadril, Cassie arrastou a mão pelos cabelos desgrenhados. — Eu ia... você andou chorando? — Ficou preocupada. -Joe...?

— Não, não. Desculpe. Eu não pretendia assustar você. Preciso de ajuda.

— Que foi? — Feito uma bala, Cassie fechou a porta e trancou-a. — Que foi que houve com você?

— Você joga sinuca?

— Como...? — Aturdida, Cassie largou a filha no chão e deu-lhe um tapinha no bumbum para despachá-la. — Se eu jogo sinuca?

— Ah, sim! E onde posso encontrar uma minissaia de couro vermelha a esta

hora?

Cassie pensou por um momento e passou a mão pelo suéter.

— Se quer ajuda, vamos ter de ligar para a Ed.

— Se encolhe aí dentro, menina.

— Já estou me encolhendo.

Valentemente, Regan trincou os dentes e prendeu a respiração, enquanto Ed puxava o zíper da minúscula saia.

— O problema é que você tem corpo, eu tenho ossos. — Ed puxava e puxava. Então, Regan sentou-se na cama de Cassie.

— A saía entrou, mas eu não posso fazer movimentos bruscos. Acho que não pode fazer qualquer movimento — disse, testando, dando um passo.

A saia, já perigosamente curta, subiu mais um pouco.

— Você também é um pouco mais alta que eu — notou Ed, pegando um cigarro. Seus olhos brilhavam de diversão quando deixou os óculos caírem no peito. — Se eu fosse muito mais baixa que você, Devin iria ter de prendê-la.

— É, dá para reparar — concordou Regan.

Embora se erguesse nas pontas dos pés e se virasse cuidadosamente, o

espelho de Cassie oferecia apenas uma visão da cintura para cima. <

— Não precisa ver, meu bem. Aceite minha palavra, ele vai ver.

— Já pus as crianças para dormir — falou Cassie, ao entrar. Parou de repente na porta. — Oh, minha nossa!

— E mesmo uma roupinha da pesada — divertiu-se Ed. — Experimente estes sapatos com a saia agora — ordenou. — Enfiei alguns lenços de papel nos bicos para diminuir o tamanho.

Regan apoiou a mão na penteadeira de Cassie e enfiou os pés nos sapatos com saltos de dez centímetros.

— Vou arranjar confusão com eles.

— Tenha certeza disso, meu bem. —
Ed deu uma gargalhada rouca. — Agora
vamos experimentar uma pintura de
guerra.

Animada, virou sua enorme bolsa na
cama.

— Não sei se vou conseguir levar
isso até o fim. É uma ideia louca.

— Não vá amarelar comigo agora.
— Ed vasculhou uma série de cosméticos,
digna de uma loja de departamentos. —
Você quer aquele homem, não quer?

— Sim, mas...

— Então se sente aí na cama e me
deixe dar uma levantada em você. Este
vermelho aqui é tiro e queda... —

murmurou ela, carinhosa, destampando um batom.

— Não posso me sentar — disse Regan, após uma única tentativa.

— Então fique em pé. — Ed levantou-se e pôs mãos à obra. — Agora, você disse sinuca, certo?

— É.

Em seus quarenta e dois anos — quarenta e cinco, se Deus estivesse escutando — Ed jamais viu uma mulher menos provável de riscar um taco com giz do que Regan Bishop.

— Já jogou sinuca, benzinho?

— Só de brincadeira.

— Bem, amorzinho, sinuca é maravilhoso. Agora preste atenção, enquanto eu explico como funciona.

Bolas chocaram-se e estalaram quando Rafe disparou o taco. A quinta bola mergulhou na caçapa do canto.

— Sorte... — disse Jared, passando giz no taco. Rafe apenas bufou.

— A seis fora, a nove no lado — anunciou, dando a tacada e preparando-se para a seguinte.

— Nunca consegui bater Rafe — disse Shane. Mais interessado na ruivinha no balcão do bar do que no jogo, encostou-se na máquina de música. Ela

estava sozinha e era muito bonita. — Já a viu nas redondezas antes, Devin?

O irmão ergueu os olhos.

— Sobrinha de Holloway, lá de Mountain View. Tem um namorado do tamanho de um trator, que vai quebrar você, se respirar nela.

Era só o incentivo que Shane precisava. Foi gingando até o bar, encostou-se no balcão e jogou o charme.

Devin deu um sorriso resignado. Se o namorado entrasse, ia ter de usar o distintivo. E isso ia estragar sua noite.

— Meu jogo. — Rafe estendeu a mão para recolher os dez dólares que Jared lhe devia. — E a sua vez, Devin.

— Eu preciso de uma cerveja.

— Jared está pagando. — Rafe riu para o irmão mais velho. — Certo, mano?

— Paguei a última rodada.

— Você perdeu o último jogo.

— Então seja um vencedor generoso. Na carteira dele — disse Jared ao barman, erguendo três dedos.

— Ei, e eu? — chiou Shane.

Jared lançou um olhar a Shane. A ruivinha agarrava-lhe o braço feito uma trepadeira.

— Você está dirigindo, garoto.

— Vamos decidir no cara ou coroa. Paciente, Jared tirou uma moeda do bolso.

— Diga lá.

— Cara.

Ele lançou a moeda e deu o resultado:

— Você dirige.

Com um encolher de ombros, Shane voltou-se para a ruivinha.

— Ele tem de abalroar tudo que vê metido em uma saia? — resmungou Rafe, enquanto Devin tacava as bolas.

— É. Alguém tem que substituir você. — Devin recuou, assestou o taco. — E como você está comprometido...

— Ninguém disse que eu estou comprometido. — Rafe lançou à

curvilínea ruiva um olhar comprido, mas não sentiu nada mais que uma mera admiração pela beleza da moça. E pensou em Regan, apenas pensou nela e no seu coração despedaçado. — Nós chegamos a um entendimento... Não temos nada... — gaguejou.

— Ele está fisgado! — Jared riu.

Em hipótese alguma, ele ia se amofinar. Já era ruim demais ter o coração despedaçado. — Está a fim de engolir este taco? Rafe fez sua jogada e ficou satisfeito ao encaçapar as duas bolas.

— Ela foi à casa dele hoje — continuou Devin. — O irmão enfrentou

igualmente o olhar de aço de Rafe. — E, Rafe, você está perdido.

— Logo, logo ele vai começar a fazer barba todo dia e usar camisas limpas. — Jared abanou a cabeça, como de luto. — Então, a gente vai saber que o perdeu de vez.

— Depois serão exposições de antiguidades e bales... Recitais de poesia...

Não mesmo!

— Continuem com isso que eu vou acabar com vocês dois.

— Ora, estou tremendo. -Após alinhar a jogada, Devin curvou-se sobre a mesa. Encaçapou a bola à perfeição. Ao

contornar a mesa, fungou em Rafe. — Que colônia é essa, menino apaixonado?

— Não estou usando porra nenhuma de... — resmungou Rafe. — Você só está com ciúmes, porque dorme sozinho na delegacia toda noite.

— Nessa você me pegou.

Jared enfiou moedas na máquina de música.

— A que horas você tem de ir para casa, Rafe? Não queremos que leve uma porrada na cabeça com um rolo de massa porque perdeu o toque de recolher.

— Há quanto tempo você tem sido um babaca praticante? — Era uma pequena satisfação notar que Duff lhes

lançava olhares nervosos. — Qual é a multa por quebrar duas cadeiras hein, Dufi?

A nostalgia tomou Devin. A não ser as escaramuças com os irmãos, e dificilmente se poderia incluí-las, não estivera em uma luta decente há anos.

— Não posso deixar você fazer isso. Estou usando o distintivo.

— Tire, então. — Rafe sorriu. — E vamos brigar. Pelos velhos tempos.

Jared tamborilava os dedos na máquina ao ritmo da música, de olho em Shane, que fazia progressos com a ruiva. Só isso já era motivo para esmurrá-lo algumas vezes.

— Eu tenho grana suficiente para pagar a fiança — disse Jared. — E um pequeno extra para subornar o xerife, se for necessário.

Devin suspirou, saiu da mesa de sinuca e endireitou as costas. Com fraternal afeição, observou Shane.

— Droga, ele vai ficar de rabo esfolado antes do fim da noite, se continuar brincando com aquela menina. É melhor que a gente aja primeiro.

— Seremos mais humanos — concordou Jared.

O dono do bar os viu avançando juntos e reconheceu, com desespero, a expressão em cada olhar.

— Aqui, não, Devin, você é a lei.

— Só cumprindo meu dever fraternal.

— Qual é? — Pressentindo apuros, Shane saiu de fininho do bar. Examinou os irmãos, desviou-se quando eles avançaram para cercá-lo. — Três contra um? — Riu ao ver os outros fregueses se deslocarem para pontos seguros. — Então venham!

— Você torna a coisa fácil demais — disse Rafe, rindo, agarrando-o em uma chave de cabeça.

De repente, ficou dormente até os pés.

A saia mal a deixava passar pelo limite da moralidade. Não era justa. Ia muito além de justa, pois espremia implacavelmente os quadris arredondados em um vermelho que fazia os olhos se esbugalharem. As pernas seguiam e continuavam. Rafe acompanhou-as, estonteado e boquiaberto também com os stilettos.

Ao erguer o olhar, viu que o top era tão colante quanto a saia. Embaixo dele, seios firmes. Rafe levou dez segundos para chegar ao rosto dela.

Regan tinha a boca vermelha e molhada. Ao lado, a pintinha era uma ousada exclamação de sexo, os cabelos revoltos e os olhos carregados de sombra

e pesados. Parecia uma mulher com vontade de ir direto para a cama.

— Caramba! — Foi Shane que sacudiu Rafe e tirou-o do choque. — É Regan ali? Que tesão, hein?

Rafe não tinha mais forças. Quando firmou os pés e avançou para a porta, a cabeça ainda zunia.

— Que está fazendo, Regan?

— Pensei em jogar um pouco de sinuca. Alguma coisa se entalou na garganta de Rafe.

— Sinuca?

— E. — Ela foi gingando até o bar, apoiou-se no balcão. — Vai me pagar uma

cerveja, MacKade?

CAPÍTULO DOZE

Se ele continuasse encarando-a, ela ia desmilinguir-se, pensou Regan. Já estava tão nervosa que, se as roupas não fossem tão grudadas, teria saltado fora delas.

Como quis fazer uma entrada triunfal, deixou o casaco no carro. Apenas o calor de uma possível humilhação a impediu de bater os dentes.

Os pés matavam-na.

Como Rafe não respondeu, ela passou os olhos pelo salão em volta e tentou não perceber os olhares

estonteados. Reunindo coragem, disparou um sorriso ao dono do bar. Até Duff babava por ela.

— Vou tomar o que ele está tomando.

De posse da cerveja, ela se voltou. Ninguém moveu um único músculo. Era correr ou fazer teatro, disse Regan a si mesma, tomando um pequeno e rápido gole da bebida. Detestava cerveja.

— Vai arrumar as bolas no triângulo, MacKade, ou eu tenho que fazer isso? — perguntou.

— Eu arrumo — interferiu Jared, querendo ajudar.

Ela ainda tinha as mãos meio suadas, mas superou o impacto inicial. O

semblante de Rafe era de prazer, vendo o bambolear dos quadris dela se aproximando para examinar o arsenal de tacos.

Rafe ouviu o barulho de bolas e piscou os olhos.

— Você disse que queria se deitar cedo.

— Mudei de ideia. — A voz saiu ofegante, mais por necessidade que intenção. A saia e o top bloqueavam a passagem de ar. Foi andando devagar até a mesa. — Quem quer jogar?

Metade dos homens se aproximou arrastando cadeiras e estalando botas.

O rosnado de Rafe foi o de um cachorro furioso protegendo o osso. Metade dos homens percebeu afinal que não estava no clima para jogar sinuca.

— Isso é uma brincadeira, certo?

— Achei que precisava de alguma ação, só isso.

Com a confiança aumentando, passou a garrafa de cerveja a Jared. Pelo menos isso, pensou, sabia fazer. Plantando os pés, curvou o joelho para equilibrar-se e pôs-se sobre a mesa. O couro repuxou-se.

Rafe enfiou o cotovelo na barriga de Shane.

— Continue olhando para onde está olhando e vai ficar cego por uma semana.

— Poxa, Rafe! — Shane enfiou as mãos nos bolsos e preparou-se para assistir ao espetáculo. — Para onde espera que a gente olhe?

Ela deu uma tacada perfeita, chegou até a encaçapar uma bola. Com as regras do jogo que Ed lhe enfiara na cabeça a pipocarem, contornou a mesa. Teve de parar e sorrir, pois Devin continuava no seu caminho.

— Está bloqueando a mesa, xerife.

— Oh, desculpe!

Quando ela se esticou no feltro desta vez, os olhos de Devin encontraram os de Jared. Os dois sorriram um para o outro,

como dois meninos diante de uma brilhante bicicleta nova.

Regan conseguiu encaçapar mais uma. Aquilo a deixou confiante para tentar uma jogada complicada, que exigia mais um pouco de malandragem. Rebolou os quadris, acomodando-se na posição. Por detrás, Jared enfiou a mão debaixo da camisa e imitou um coração martelando.

— Pense mais uma vez no que está pensando, que eu arranco seus pulmões — grunhiu Rafe.

A bola não entrou na caçapa por uns bons dez centímetros. Regan fez um biquinho com a boca vermelha.

— Opa! — Endireitou-se e piscou para Rafe. — Sua vez! Quer que eu... passe giz no seu taco?

A sala explodiu em uivos e assobios. Alguma alma "caridosa" falou algo que fez Rafe dar um berro.

— Chega!!!

Agarrou o taco, atirou-o para Devin e pegou a mão dela, arrastando-a em direção à porta.

— Mas não terminamos o jogo! — reclamou ela, tentando se equilibrar nos saltos finíssimos para acompanhá-lo.

Rafe arrancou o casaco do gancho perto da porta e cobriu-a.

— Ponha isto antes que eu tenha de matar alguém.

A moça vestia o casaco devagar. De repente, ele a empurrou para fora do bar. Devin suspirou.

— Ele é um homem morto.

— E... — Shane esfregou a mão na barriga. — Você já tinha notado a bund...

No lugar de Rafe, Jared bateu-lhe com o taco.

— Eu tenho meu carro — gritou Regan, enquanto Rafe a rebocava.

O homem abriu a porta do dele.

— Entre! Já!

— Eu posso ir atrás. -Já!

— Tudo bem. — Não foi uma operação simples entrar no carro. O couro vermelho subiu ainda mais enquanto ela buscava dignidade ao abaixar-se no banco. Rafe rangeu os dentes. — Aonde vamos?

— Vou levar você para casa. — Ele bateu a porta, contornou como um raio, depois bateu a do motorista com força suficiente para balançar o carro. — E se for inteligente, não fale comigo.

Ela era inteligente. Quando os freios guincharam perto da escada de sua casa, Regan ficou parada. Em hipótese alguma conseguiria "manobrar-se" para sair daquele minúsculo carro.

Rafe deu-lhe um forte puxão para ajudar, embora ninguém pudesse chamá-lo de um gesto cavalheiresco.

— As chaves! — disse ele, furioso, arrancando-as da mão dela e destrancando a porta.

Ofendida, ela seguiu na frente.

— Imagino que não vá entrar, assim...

Foi empurrada contra a porta e ele já a devorava excitado. As mãos e a boca que a possuíam eram violentas. Ele só pensava em beijá-la e agarrá-la.

Respirava ofegante quando se desprendeu bruscamente dela. Que mulher demoníaca!

Ele tirou o paletó dos ombros dela e jogou para o lado.

— Livre-se destas roupas.

Alguma coisa murchou nela. De cabeça baixa, estendeu a mão à procura do zíper da saia.

— Não, eu não quis dizer... — ele a interrompeu. Meu Deus! — Se ela se despisse diante dele, estava perdido. — Quis dizer para você trocar de roupa. Por favor...

— Eu pensei que...

— Eu sei o que você pensou. — Rafe agonizava. — Apenas troque, para eu poder conversar com você.

— Tudo bem.

Ele sabia que fora um erro vê-la ir para o quarto. Mas era humano!

Lá dentro, Regan tirou os sapatos e tirou a saia de couro vermelha. Era bom respirar de novo. Quis ser criativa, mas, agora, sentia-se incrivelmente idiota. Fez um espetáculo de si mesma, jogou fora todo fiapo de dignidade por nada.

Não, pensou ao fechar a calça pregueada. Por ele. Fez tudo por ele, que não teve nem o senso de apreciá-lo.

Quando retornou à sala, rosto lavado, cabelos penteados, um suéter marfim enfiado à perfeição na cinta da

calça preta, encontrou-o andando de um lado para o outro.

— Quero saber em que você pensava — disse ele, sem preâmbulo. — Onde estava com a cabeça, entrando vestida daquele jeito em um bar?

— A ideia foi sua — rebateu a moça.

— Mais cinco minutos ali, e teríamos um tumulto. Eu mesmo teria começado. Agora todo mundo na cidade vai achar que...

— Você disse que queria...

— Aliás, não dou a mínima para o que falam de mim, mas ninguém vai falar por trás de você. Onde diabo arranjou

essa saia? — ele explodiu. — Na loja "Prostitutas com Orgulho"?

— Bem, na verdade...

— É, na verdade... E se curvando sobre a mesa daquele jeito, para que todo mundo ficasse olhando sua bunda...

Ele espumava de raiva.

— Oh, Regan! Agora vou ter de afundar a socos os miolos de todos os meus irmãos pelo que pensavam.

— Você gosta afundar miolos a socos.

— Isso não tem nada a ver com a questão.

— Vou-lhe dar uma coisa que tem.

Ela pegou o vaso Milton preferido e atirou-o no chão. Em vez de espatifar-se, a peça saltou e rolou pelo gracioso tapete florido. Mas o gesto calou-o.

— Eu me humilhei por você. Foi quase necessário um pé-de-cabra para me enfiar naquela saia ridícula. E jamais vou conseguir tirar toda essa maquiagem da cara e... meus pés estão gritando de dor! Espero que tenha ficado satisfeito.

— Eu...

— Cale a boca! Desta vez, é você quem vai calar a boca. Você queria que eu fosse daquele jeito, então tentei. Aceitei ser o que queria, e agora só sabe ficar aí, criticando e preocupado com mexericos. Ora, vá para o inferno!

Ela desabou em uma poltrona, porque a câibra nos pés era insuportável. Rafe esperou até ter certeza de que ela extravasara tudo.

— Você fez isso por mim?

— Não, fiz porque gosto de cambaleiar em saltos de dez centímetros e sair por aí seminua em pleno inverno. Vivo para isso — respondeu ela, furiosa.

— Você fez isso para me deixar fora de mim. O ataque de mau humor esgotara-a. Regan recostou-se e fechou os olhos.

— Fiz porque sou louca por você. Como você disse que eu ia ficar. Agora vá embora e me deixe em paz. Vai ter de esperar até amanhã, para bater no peito e

me arrastar pelos cabelos. Estou cansada demais.

Rafe examinou-a por um momento, dirigiu-se para a porta e fechou-a sem fazer barulho.

Ela não se deu o trabalho de levantar-se, nem de mexer-se. Não se sentia a fim de chorar. Se foi ridícula, ia ter que aguentar.

Ouviu a porta fazer barulho e continuou de olhos fechados.

— Estou muito cansada mesmo, Rafe. Dá para você encher o saco amanhã?

Alguma coisa caiu no colo dela. Regan abriu os olhos e viu um buquê de

hortênsias.

— Não são verdadeiras — disse ele.
— A gente não consegue em janeiro. Ando com elas na mala do carro já há alguns dias, por isso estão geladas.

— São lindas... — Regan correu devagar os dedos pelas frias flores de seda.

Achava que seria mais fácil enfrentar um furacão do que o que ia fazer. Ele ajoelhou-se.

— Que está fazendo?

— Apenas fique calada — advertiu-a. — E se você rir, vai pagar.

Mortificado, Rafe resmungou baixinho e passou a mão pelos cabelos. E obrigou-se a desempenhar a árdua tarefa.

— "Quando acordei e vi o amanhecer, suspirei por ti."

— Rafe...

— Não me interrompa. — Envergonhado, ele lançou-lhe um olhar irado. — Agora vou ter de começar tudo de novo.

— Mas não precisa...

— Regan...

Ela inspirou fundo, perguntando-se se alguma outra mulher no mundo ouvira

recitarem-lhe Shelley com olhos que pareciam ameaçar assassinato.

— Desculpe. Continue?

— Muito bem. "Quando acordei e vi o amanhecer, suspirei por ti; e quando a luz surgiu no alto, vi o orvalho a desvanecer-se, e..." Oh, diabos! — Correu os dedos pelos cabelos e tentou concentrar-se. — Lembrei! "Vi o sol pesar sobre árvore e flor. Senti que o dia se demorava, cansado, como um hóspede indesejado, E suspirei por ti." Bom, é só isso. Levei mais de uma semana para decorar. Se contar isso a alguém...

— Nem em sonho. — Incrivelmente comovida, ela descansou a mão na face dele. — Foi muito lindo da sua parte.

— Combina mais ou menos como me sinto em relação a você. — E agora que terminara... graças a Deus... não fora tão ruim como ele temera. — Eu penso em você, Regan, o dia todo. Todo dia. Por isso, se quer poesia...

— Não... Não, Rafe, não preciso de poesia...

— Não me preocupei em lhe dar muito romance. — E ele sabia agora, pelo jeito como os olhos dela haviam ficado suaves e sonhadores, que devia ter-se preocupado. — Agora são flores artificiais e as palavras de outra pessoa.

Regan teve de chorar, mas eram lágrimas de alegria.

— Adorei as flores e adorei os versos. Mas não preciso deles. Não quero que você mude por mim, Rafe. Não há nada em você que eu gostaria de mudar. Eu disse que o aceitaria como é e falei sério.

— Eu gosto do jeito que você é, Regan, toda certinha e organizada. Não que não tenha gostado daquela saia de couro.

— Com certeza posso pedi-la emprestada de novo a Ed.

— Ed? — Rafe revirou os olhos e riu sozinho. — Parecia uma pele em você. — Então, senti as lágrimas quentes em seu pescoço. — Oh, não faça isso, meu bem. Por favor, não.

— Não estou chorando de verdade. Só fiquei comovida por você ter decorado Shelley para mim. Por ter tido esse carinho. Acho que nós dois ganhamos a aposta, ou perdemos, dependendo do ponto de vista. — Regan enxugou as lágrimas. — Claro que você não perdeu a sua em público.

— Se acha que pode me convencer a dar esse pequeno recital na Taberna, pirou de vez. Eu não sairia de lá vivo.

A moça suspirou.

— Acho que devemos ser nós mesmos. Eu gosto de quem você é mesmo, Rafe. E preciso mais de você do que você pensa. Precisei quando Joe entrou na loja e me assustou. Só não quis que você

soubesse, pois temi deixar você saber o quanto eu dependia de você.

Rafe tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Não devia temer.

— Eu resolvi isso sozinha. Gosto de resolver tudo sozinha.

— E precisa me dizer? — Ele sorriu e não mais se sentiu tolo, ali ajoelhado. — Gosto do jeito como resolve tudo sozinha. Como cuida de você, Regan. Mesmo quando me irrita, gosto do seu jeito.

— Também gosto do seu. — Regan curvou-se sobre ele e beijou-o de leve. — Vou arranjar um vaso para pôr as flores.

Ele estendeu a mão por trás e pegou o que ela havia atirado no chão.

— Que tal estas?

— Vão ficar ótimas aí. Não acredito que eu quase o quebrei.

— Foi uma noite movimentada. Até agora... — ele concluiu.

Ela sorriu.

— Com certeza, foi. Gostaria de ficar e ver o que acontece em seguida?

— Sabe, Regan, acho que temos mais em comum do que imaginamos. Você joga uma sinuca decente, eu gosto de antiguidades... Quer se casar comigo?

Ela enfiou o ramo de hortênsias no vaso.

— Hum... Você já me pediu antes. E nunca me convenceu. Lembra que eu não gosto de beisebol?

— Estou falando sério.

Regan virou-se de frente para ele.

— O quê?

— Escute, a gente já se conhece. Alguma coisa se passa aqui no peito. Sei que dissemos que ia ser apenas sexo, mas acabamos gostando mesmo um do outro.

— Rafe, eu não...

— Se me deixar terminar... — O tom passou de tranquilo a mal-humorado. —

Não é apenas sexo para mim, nunca foi.
Estou apaixonado por você, droga!

Ela arregalou os olhos para os penetrantes olhos dele. E sentiu o coração inchar-se como uma rosa florescendo em seu peito

— Você está apaixonado por mim?
— repetiu.

Sempre fora fácil dizer as palavras quando não valiam... quando não passavam de palavras, mas agora...

— Estou mesmo apaixonado por você, Isso nunca me aconteceu antes.

— Nem a mim... — murmurou ela.

Rafe não a ouviu, nem ouvia nada além do bramido na cabeça.

— Ninguém jamais precisou de mim. Nem eu nunca quis precisar de alguém. Atrapalha. Mas quero isso de você. Tenho de pedir a você. — Ele parou, lutando para estabilizar-se. — Não gosto de pedir...

— Eu sei. Não precisa. Rafe, não precisa pedir.

— Se você me der uma chance... — ele agarrou-lhe os pulsos. — ...eu podia fazer com que desse certo. Podíamos fazer com que desse certo. Vamos, Regan, aceite!

— Sim.

Ele afrouxou os pulsos dela.

— Sim o quê?

— Por que temos de tornar difícil um ouvir o outro? — ela perguntou. — Escute com atenção — ordenou, beijando-o firmemente. — Sim, vou me casar com você.

— Tão simples assim? Não vai pensar a respeito?

— Não.

— Ótimo. Maravilhoso. — Meio tonto, ele recuou. — A gente podia, ah, cui.. cuidar disso... Cuidar disso amanhã, Quer um anel de casamento... ou alguma coisa?

— Sim, eu quero. Rafe, você está gaguejando!

— Não... não estou. É que eu não esperava que você aceitasse a mudança tão rápido.

— Se está querendo mudar de ideia, esqueça. Foi aquela minissaia?

Ele olhou-a aturdido e sem expressão.

— Que minissaia?

Nenhuma resposta podia tê-la agradado mais. -Acho que você devia dizer de novo que me ama. Acho que devia se acostumar a dizer.

— Amo você de verdade!

— E estava apaixonado por mim naquela primeira noite, quando ficamos sozinhos, na casa da colina?

— Acho que sim.

— Eu não sabia, não tinha a menor pista, e me pergunto se a casa sabia. Lembro que tudo ficou sossegado naquela noite... que tudo parecia calmo. Gostaria de voltar lá, esta noite?

— Sim... Gostaria...

— Primeiro preciso lhe dizer uma coisa, Rafe. Uma coisa que acho que devemos deixar clara entre nós.

— Regan, se vai impor mais regras...

— Acho que devo lhe dizer que, por mais atraída que estivesse, por mais excitada que estivesse, eu não podia ter dormido com você sem amá-lo.

— Eu sei.

— E não teria me espremido naquele traje ridículo esta noite, se não fosse por um bom motivo, se não estivesse completamente apaixonada por você.

— Repita! — Ele ficou exultante. — Olhe nos meus olhos e repita.

— Eu amo você! Estou muito apaixonada por você, Rafe. Não há nada que eu queira mais do que continuar amando você pelo resto da vida.

A emoção percorreu-o de cima a baixo e depois se acalmou, quente e tranquila.

— Você também podia se acostumar a dizer isso.

— Eu aprendo rápido. Amo você! — gritou a moça, beijando-o loucamente.

— Vai ser complicado. — Rafe puxou-a para si e abraçou-a. — A vida vai ser uma confusão!

— Espero que sim. Espero que sim! Por que eu tinha tanto medo? — sussurrou. — Por que tinha tanto medo de lhe dizer?

— Provavelmente, pelo mesmo motivo que eu. Aconteceu tão de repente!

Mas agora é isso. E sempre será.

— Sempre será — ela repetiu.

Mais tarde, os dois enroscados na cama de penas, ela pôs a mão no coração dele e sorriu.

— Eu me sinto imensamente feliz por você ter voltado para a cidade, MacKade. Bem-vindo ao lar!

A casa em volta silenciou e dormiu quando eles dormiram.

Fim



Projeto



Revisoras

